



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

FERNANDA ARAÚJO ALVES-ALCÂNTARA

REEDIÇÃO E RETRADUÇÃO CONTRA O RACISMO: ANÁLISE DE "*AND THEN THERE WERE NONE*" DE AGATHA CHRISTIE

FORTALEZA

2023

FERNANDA ARAÚJO ALVES-ALCÂNTARA

REEDIÇÃO E RETRADUÇÃO CONTRA O RACISMO: ANÁLISE DE "*AND THEN
THERE WERE NONE*" DE AGATHA CHRISTIE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientadora: Prof. Dra. Izabel Cristina Cordeiro
Lima Costa

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

FORTALEZA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A319r Alcântara, Fernanda Araújo Alves.
Reedição e retradução contra o racismo: análise de "And Then There Were None" de Agatha Christie /
Fernanda Araújo Alves Alcântara. – 2023.
104 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa .
Coorientação: Profa. Dra. Rafael Ferreira da Silva.
1. Estudos da Tradução. 2. Racismo. 3. Teoria dos Polissistemas. 4. Retradução. 5. Tradução Intralingual.. I.
Título.

CDD 418.02

FERNANDA ARAÚJO ALVES-ALCÂNTARA

REEDIÇÃO E RETRADUÇÃO CONTRA O RACISMO: ANÁLISE DE "*AND THEN THERE WERE NONE*" DE AGATHA CHRISTIE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientadora: Prof. Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

Aprovada em: 31/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa (Orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Julia Scamparini
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof^ª. Dr^ª. Eliaine De Moraes Belford Gomes
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que de alguma maneira se envolveram no percurso deste trabalho e especialmente aos que contribuíram de forma direta no processo.

Ao Narcélio Herculano, meu marido e parceiro intelectual e à Leliana Alcântara, minha irmã, que me deram suporte desde o princípio.

Aos meus orientadores Prof^ª. Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa e Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva que me guiaram com maestria e sempre estiveram disponíveis para tirar dúvidas, agradeço a paciência, dedicação e expertise.

A Prof^ª Dra. Eliaine Belford e a Prof^ª. Dra. Júlia Scamparini, que participaram da banca de qualificação e defesa, contribuíram com comentários e críticas que agregaram de modo positivo neste trabalho.

As amigas e companheiras do mestrado Irislene e Silva Coutinho e Suzane Fernandes Castro com compartilhamento de pensamentos e pontos de vista. Também gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares pelo incentivo e compreensão durante esse período desafiador. Suas palavras de encorajamento me impulsionaram a superar obstáculos e perseverar. Por fim, sou grata aos intelectuais que fundamentaram esta pesquisa e que generosamente compartilharam seu tempo e conhecimento.

RESUMO

O presente estudo investiga o racismo em obras literárias e processos que envolvem a retradução como ferramenta para a remoção de termos e expressões racistas, bem como a teoria dos polissistemas associada aos estudos descritivos da tradução para justificar os motivos pelos quais algumas obras estão sendo questionadas. No capítulo de análise será apresentado o corpus da pesquisa e serão confrontadas as 5 edições do livro *And then there were none* de Agatha Christie a partir dos preceitos dos estudos da tradução e da literatura antirracista. A trajetória do livro foi considerada polêmica devido as diversas atualizações feitas com o intuito de remover traços racistas. A fim de obter êxito no objetivo proposto optou-se pelo estudo de pesquisa bibliográfica com caráter exploratório-explicativo e abordagem qualitativa. Buscou-se a fundamentação teórica por meio de intelectuais influentes dos Estudos da Tradução, sendo Berman (1990), Gambier (1994) e (2013) para as teorias de retradução; Lefevere (2007) e (1992) com conceitos de reescritura; Jakobson (1969) e os estudos sobre tradução intralingual, Even-Zohar (1997), (2005) e (2013) para a teoria dos polissistemas e Toury (2012) com os estudos descritivos da tradução. Utilizou-se também embasamento teórico de autores de pautas antirracistas como Lélia Gonzalez (1982), Djamila Ribeiro (2019), Silvio de Almeida (2018), Carolina de Jesus (2014) e Clóvis Moura (2014). No que tange aos resultados adquiridos, observa-se uma mudança de paradigmas no que diz respeito a aceitação das obras literárias, a sociedade não aceita a perpetuação de expressões que ferem o leitor. Em nosso polissistema atual percebe-se um aumento de críticas quanto aos autores e livros que sustentam estereótipos raciais, sendo necessário recursos de retradução para que livros canonizados não precisem ser banidos.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Racismo; Literatura; Teoria dos Polissistemas; Estudos Descritivos da Tradução; Retradução; Tradução Intralingual.

ABSTRACT

This study investigates the racism in literature and methods that include retranslation as a tool to remove the racism and the polysystem theory associated with descriptive translation studies to explain the reasons why some books are being questioned. In the analysis chapter, the 5 editions of the book “And Then There Were None” by Agatha Christie are contrasted by the principles of translation studies and anti-racist literature. The trajectory of the book was considered controversial due to the various updates made in order to remove racist aspect. In order to succeed in the proposed objective, we settled on bibliographical research with an exploratory-explanatory character and a qualitative approach. The theoretical basis was made from relevant intellectuals of Translation Studies, as Berman (1990), Gambier (1994) and (2013) for retranslation theories; Lefevere (2007) and (1992) with concepts of rewriting; Jakobson (1969) and intralingual studies; Even-Zohar (1997), (2005) e (2013) for polysystem theory and Toury (2012) for descriptive translation studies. The theoretical basis of anti-racist authors such as Lélia Gonzalez (1982), Djamila Ribeiro (2019), Silvio de Almeida (2018), Carolina de Jesus (2014) and Clóvis Moura (2014) was also used. Regarding to the obtained results, there is a change of paradigms about the acceptance of literature, the society don't accept the perpetuation of expressions that hurt the reader, it cannot remain unchanged. In our current polysystem, many authors and books are being criticized because they support racial stereotypes, requiring retranslation resources to avoid the banning of canonized books.

Keywords: Translation Studies; Racism; Literature; Polysystem Theory; Descriptive Translation Studies; Retranslation; Intralingual Translation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Página extraída do livro <i>If I Ran the Zoo</i> | 17 |
| Figura 2 – Páginas extraídas do livro <i>Peppa</i> | 19 |
| Figura 3 - Esquematização do polissistema literário | 38 |
| Figura 4 - Capa do livro <i>Caçadas de Pedrinho</i> | 43 |
| Figura 5 - Trechos racistas do livro <i>Caçadas de Pedrinho</i> | 44 |
| Figura 6 – Capa do livro <i>Jim Knopf und Lukas der Lokomotiv-fuhrer</i> | 45 |
| Figura 7 - Capa do livro <i>Adventures of Huckleberry Finn</i> | 50 |
| Figura 8 – Capa do livro <i>Charlie And The Chocolate Factory</i> de 1964 | 53 |
| Figura 9 - Ilustra a representação dos Oompa-Loomoas na edição de 1977 e 1985 | 54 |
| Figura 10 – Página 67 do livro: <i>The adventures of Titin in the Congo</i> | 55 |
| Figura 11 - Tintin leciona matemática..... | 56 |
| Figura 12 – Tintin leciona sobre a Bélgica..... | 56 |
| Figura 13 - Capa do filme <i>And Then There Were None</i> (1945) | 60 |
| Figura 14 - Capa do filme <i>Ten Little Indians</i> (1965) | 61 |
| Figura 15 - Capa do filme: <i>And Then There Were None</i> (1974) | 62 |
| Figura 16 - Capa do filme: <i>Ten Little Indians</i> (1989) | 63 |
| Figura 17 - Capa da Minissérie <i>And Then There Were None</i> (2015)..... | 64 |
| Figura 18 - Capa do jogo <i>And Then There Were None</i> (2005)..... | 65 |
| Figura 19 - Capa da HQ <i>Cascão: O caso dos 10 porquinhos</i> (1988)..... | 66 |
| Figura 20 – Compilação das capas das HQs inspirados em <i>And Then There Were None</i> | 67 |
| Figura 21 – Capa: <i>E não sobrou nenhum</i> | 68 |
| Figura 22 – Capa: <i>O caso dos dez negrinhos</i> | 68 |
| Figura 23 – Capa: <i>As Dez Figuras Negras</i> | 69 |
| Figura 24 – Capa: <i>Convite para a Morte</i> | 69 |
| Figura 25 – Capa: <i>No Início, Eram Dez</i> | 69 |
| Figura 26 – Capa: <i>E não sobrou nenhum</i> | 70 |
| Figura 27 – Capa: <i>Ten little indians</i> | 70 |
| Figura 28 – Capa: <i>Ten little “N***”</i> | 70 |
| Figura 29 – Capa: <i>Ils étaient dix</i> | 70 |
| Figura 30 – Capa: <i>Dix petits nègres</i> | 70 |
| Figura 31 – Capa: <i>En toen waren er nog maar</i> | 71 |
| Figura 32 – Capa: <i>Tien kleine negertjes</i> | 71 |
| Figura 33 – Capa: <i>Dieci piccoli indiani. E non rimase nessuno</i> | 72 |

| | |
|--|----|
| Figura 34 – Capa: Und dann gab's keines mehr | 72 |
| Figura 35 – Capa: Letztes Weekend..... | 72 |
| Figura 36 – Capa: Diez Negritos | 73 |
| Figura 37 – Capa: Y no quedó ninguno..... | 73 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Termos racistas que devem ser evitados..... | 23 |
| Tabela 2 – Página extraída do livro - Poema “Ten little soldiers” | 57 |
| Tabela 3 – Página extraída do livro - Poema “Os dez soldadinhos” | 57 |
| Tabela 4 – Poema que rege a trama do livro | 76 |
| Tabela 5 – Mr. Blore lembra já ter visitado a ilha..... | 81 |
| Tabela 6 - A primeira vez em que os personagens avistam a ilha..... | 83 |
| Tabela 7 - O Juiz Wargrave questiona a Senhora Rogers sobre a anfitriã | 85 |
| Tabela 8 – Todos conversam após o jantar..... | 86 |
| Tabela 9 - Conversa entre a personagem Vera Claythorne e Emily Brent..... | 88 |
| Tabela 10 - O Doutor Armstrong e Philip Lombard comentam as mortes..... | 89 |
| Tabela 11 - O Juiz Wargrave exclui possíveis suspeitas | 90 |
| Tabela 12 - Os personagens preparam-se para se recolher nos seus quartos | 91 |

SUMARIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 2. NA TRADUÇÃO TAMBÉM SE DISCUTE O RACISMO | 10 |
| 2.1 Formas de Racismo..... | 10 |
| 2.2 Um breve panorama do racismo na literatura..... | 14 |
| 2.2.1 Obras que contém estereótipos e ou preconceito | 16 |
| 2.2.2 Termos racistas devem ser substituídos | 21 |
| 3. AGATHA CHRISTIE: UMA ANÁLISE DO PERÍODO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO DA ÉPOCA EM QUE O ROMANCE AND THEN THERE WERE NONE (1939) FOI ESCRITO | 27 |
| 3.1 A autora Agatha Christie | 27 |
| 3.1.1 Influência da Era Vitoriana e do Século XX..... | 30 |
| 3.2 Reflexos da Segunda Guerra Mundial na literatura | 32 |
| 3.3 Conflitos raciais nos Estados Unidos | 33 |
| 4. REFERENCIAL TEÓRICO | 35 |
| 4.1 A teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução aplicada a obras consideradas racistas | 36 |
| 4.2 A retradução e a tradução intralingual como estratégia de atualização de obras | 46 |
| 5. ANÁLISE DA REEDIÇÃO E DA RETRADUÇÃO DO RACISMO NA OBRA AND THEN THERE WERE NONE | 56 |
| 5.1 O livro And then there were none | 56 |
| 5.1.1 Sobre os personagens..... | 58 |
| 5.2 Adaptações inspiradas no livro And then there were none | 59 |
| 5.3 A mudança de título ao redor do mundo..... | 68 |
| 5.4 Análise das 5 edições do livro And then there were none e o processo de desconstrução do racismo | 73 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 95 |

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da inquietação quanto às obras canonizadas, que embora contenham racismo explícito ou nas entrelinhas, passaram despercebidas pelo grande público, tendo seu conteúdo questionado só recentemente. Esses livros devem passar por uma atualização seja na língua de origem, quanto em suas traduções. A sociedade e a língua estão em constante modificação, isso ocorre devido aos acontecimentos históricos como o cenário político, novas tendências, reivindicações, e até mesmo catástrofes e pandemias têm influência sobre o comportamento da sociedade.

Surgem questionamentos e necessidades que até então não se dava a devida atenção. Essas circunstâncias empiricamente vão conduzindo a sociedade através dos séculos. Tais mudanças sociais impactam diretamente no cânone literário, podendo ser de modo positivo ou negativo. Muitos clássicos literários permanecem bem conceituados e aclamados pelo público através dos tempos, no entanto algumas obras "envelhecem mal", como diz o teórico Berman; algumas têm suas ideias, trechos, termos e, até mesmo sua essência obsoleta, tornando-se em alguns casos inadequadas, podendo ofender pessoas com conteúdo racista, misógino, homofóbico, dentre outros. Diante do polissistema literário atual não se pode admitir ideias, palavras e expressões que ferem a dignidade humana.

Este trabalho implementa uma análise de edições do livro *And then there were none* de Agatha Christie. O livro foi considerado racista em sua primeira edição, levando a uma sucessão de atualizações. Exploramos o racismo em obras literárias e processos que envolvem retradução, tradução intralingual, teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução. A fim de obter êxito nos objetivos propostos optamos pelo estudo de pesquisa bibliográfica com caráter exploratório-explicativo e abordagem qualitativa. Buscamos a fundamentação teórica de intelectuais dos Estudos da Tradução com o direcionamento para a questão trabalhada neste estudo, que é o racismo explícito ou implícito em obras literárias. Algumas indagações conduzem essa pesquisa como: Seria possível combater o racismo dentro dos estudos da tradução? Que métodos poderiam ser utilizados para eliminar o racismo em obras literárias? Devemos manter obras inalteradas mesmo que elas não se encaixem em nosso polissistema contemporâneo? Literatura que direta ou indiretamente fere o outro deve ser banida ou retraduzida?

É necessário elucidar que não é nosso intuito fazer alterações no enredo ou essência das obras, e sim adequar termos que ferem o leitor, ou seja, transmitir as ideias da trama só que sem disferir palavras ou expressões preconceituosas.

Almejamos neste estudo analisar obras do cânone literário que precisaram passar ou passaram por processos de tradução intralingual e retradução para se adequar aos padrões sistêmicos contemporâneos, contudo os direcionamentos da pesquisa se voltaram para as 5 edições do livro *And then there were none* de Agatha Christie no par linguístico Inglês/Português Brasileiro (PTBR), a fim de identificar os trechos considerados racistas, quais métodos de tradução foram utilizados e o que foi alterado em cada edição até chegar nas edições de 2011 em inglês e 2014 em (PTBR). Com isso pretendemos: evidenciar o racismo em livros canonizados, apontar a teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução como um critério para a atualização de obras, ressaltar a retradução e a tradução intralingual como ferramentas fundamentais para remoção de termos e contextos racistas em obras.

O percurso metodológico desta pesquisa é composto por um estudo de literaturas antirracistas como Lélia Gonzalez (1982), Djamila Ribeiro (2019), Silvio de Almeida (2018), Carolina de Jesus (2014) e Clóvis Moura (2014), para apresentar o contexto histórico do racismo com o intuito de identificar as raízes do problema que perduram até hoje; termos depreciativos quanto a questões raciais; de que maneira o racismo aparece na nossa sociedade, e o racismo estrutural cuja abrangência é disseminada afetando a população negra de um modo geral. Realizamos também diversas leituras sobre fatos históricos que abordam período em que a obra corpus dessa pesquisa foi escrita. Dentre as leituras analisamos o célebre discurso de Martin Luther King (1963), e uma entrevista em que Rosa Parks (2005) relata o ocorrido no ônibus em 1955. David Kastan (2006) e Ashley Dawson (2013) para nos ambientar sobre a história da literatura britânica, consideramos necessário por se tratar do país de origem do livro corpus desta pesquisa. Essas leituras se deram por concebermos que acontecimentos históricos possuem grande influência na produção literária de sua época. Conhecer a história nos auxilia a entender os motivos pelos quais certos termos e conceitos eram naturalizados na época.

A fim de compreender processos sobre a posição da literatura na sociedade e responder questionamentos sobre que fatores tornam um livro canônico, buscamos a fundamentação do teórico Itamar Even-Zohar (1997) e Gideon Toury (2012) cuja maiores contribuições foram para o campo linguístico e Estudos da Tradução com a Teoria dos Polissistema e os Estudos Descritivos da Tradução. Com o entendimento dos sistemas literários foi possível analisar as razões pelas quais diversas obras estão sendo criticadas, com trechos e termos inaceitáveis em nosso polissistema atual.

Autores que também foram pontos chave deste trabalho foram Yves Gambier (1994) e Antoine Berman (1990) os teóricos dentre diversos outros estudos, abordam a retradução como um espaço necessário dentro dos estudos da tradução. Uma tradução dificilmente atinge o

estado de perfeição, é diante dessa premissa que entra a retradução, no entanto existem outros fatores em que a retradução é requisitada, são as obras que como diz Berman “envelhecem mal”, também precisam de retradução; este foi o caso de muitos livros que antes eram aceitos e aclamados no polissistema anterior, mas que quando são lidos hoje em dia exibem aspectos perceptivelmente reprováveis, dentre eles o foco desse estudo situa-se nos aspectos racistas desses livros.

Após o embasamento teórico, partimos para leituras sobre a vida e obras de Agatha Christie, a fim de entender sobre a cultura em que a autora estava inserida e compreender seu modo de escrita, foram realizadas pesquisas sobre como se deu a mudança de título em outros países e quais adaptações foram inspiradas no livro de Agatha Christie. Para nos aprofundarmos quanto ao corpus desse trabalho e tornarmos nossa análise possível, foram realizadas as leituras das 5 edições (3 em inglês e 2 em português do Brasil) do livro que hoje em dia tem como título *And then there were none* da autora Agatha Christie. São eles: *Ten Little ¹Niggers*, doravante “N***” (1963), *O Caso dos Dez Negrinhos* (1976), *Ten Little Indians* (1986), *And Them There Were None* (2011), *E Não Sobrou Nenhum* (2014). Buscamos identificar a princípio as características da narrativa, em seguida pontos considerados racistas e como se deu as modificações em cada edição. A partir de então foram selecionados e analisados criticamente ponto a ponto seguindo os princípios da Teoria dos Polissistemas, Estudos Descritivos da Tradução, Teorias de Retradução e Tradução Intralingual.

Para apontar o percurso a ser trilhado, apresentaremos um panorama do que será exposto ao longo deste trabalho. A princípio com a contextualização sobre o racismo estrutural, algo que está arraigado em nossa sociedade, sendo imprescindíveis estudos que abordam o tema, com o intuito de instruir e combater qualquer forma de racismo. Visto que o racismo aparece em diversos lugares, o direcionamento dessa pesquisa se voltará para o racismo na literatura. Diversos livros possuem trechos ou ideias racistas, isso deve ser contestado e eliminado, pois a literatura se perpetua através dos séculos e tais conteúdos não devem ser passados adiante.

Em seguida será apresentado um breve da autora Agatha Christie, cujo legado é reconhecido mundialmente através de seus romances policiais - mais de 70 romances, diversas

¹ O termo "Nigger" é considerado altamente ofensivo para falantes da língua inglesa e foi utilizado 74 vezes na primeira edição do livro de Agatha Christie. Na primeira edição traduzida para o PTBR o tradutor optou por "negrinho", o que de certo modo suaviza a expressão. Hoje em dia todas as vezes que as pessoas se referem a esse termo em inglês eles costumam utilizar "N word" ou "N***", que equivale a "A palavra com a letra N".

peças de teatro e de contos - e por se destacar em um meio “masculino”, como era visto na época, e fazer sucesso com o grande público. Será apresentado um parecer histórico, político e cultural do período em que o livro *And then there were none* foi escrito no Reino Unido (País de origem do livro) e Estados Unidos (País onde houve a primeira modificação do título). Consideramos importante ressaltar o contexto histórico, pois a literatura é uma expressão de sua época. E como tal, evidencia os desdobramentos dos conceitos hegemônicos do período histórico, e suas oposições.

Após o parecer histórico, será apresentado o referencial teórico desta pesquisa. Abordamos as teorias que fundamentam esse estudo; iniciamos pela Teoria dos Polissistemas, desenvolvida por Even-Zohar que concerne a novas formas de entender a literatura com uma visão pragmática que se volta mais para o sistema do que para o texto, assim como os Estudos Descritivos da Tradução de Toury que complementam as teorias sistêmicas e nos auxiliam na análise dos processos de tradução, sendo que Even-Zohar tem seu direcionamento mais voltado para a linguística e Toury faz direcionamentos para a literatura traduzida. Será evidenciada a importância do polissistema e dos estudos descritivos para entender os interesses e as necessidades da sociedade, visto que, a partir do momento em que seus preceitos são compreendidos, é possível identificar e aplicar em toda a produção e tradução literária. Serão apresentadas também a retradução e a tradução intralingual, pois são importantes teorias que embasam esta pesquisa. Quando uma produção literária se torna incompatível com o polissistema atual, é necessário que seja feita primeiramente uma tradução intralingual com o intuito de adequar o texto na língua de partida, em seguida é preciso que haja uma retradução para que o texto se torne adequado nas línguas-alvo. A Retradução e a Tradução Intralingual são soluções eficientes na atualização de obras, seja pela busca de um aprimoramento de uma tradução anterior ou por uma necessidade de desconstruir aspectos não aceitos pela sociedade. Utilizamos os conceitos de Berman (1990), Gambier (1994), Lefevere (2007), (1992) e Jakobson (1969), dentre outros autores para evidenciar aspectos nos quais se utilizam a Retradução e a Tradução Intralingual, posto que revisar não é apenas consertar; traduzir de novo significa traduzir com um novo ponto de vista. Nesse estudo é discutido um conceito em retradução não suficientemente explorado em trabalhos acadêmicos, trata-se de retraduzir no intuito de atualizar e remover estereótipos, julgamentos, inferiorização e preconceitos. Em todas as teorias abordadas no capítulo 4 realizamos um breve parecer do que conferem as teorias seguido de exemplos de obras que precisaram passar por estes processos pelo teor racista.

Em seguida exploramos o livro corpus desta pesquisa, *And then there were none*, cujo enredo é envolvente, cheio de mistério e suspense do início ao fim. Por conter tais aspectos, não condiz em nada com os trechos racistas e a escolha infeliz do poema que rege a trama. Serão descritas as características dos personagens do livro, será realizado um panorama das diversas adaptações geradas a partir do livro de Christie como: HQs, filmes, séries, dentre outros. Após a contextualização sobre a obra, realizamos a análise dos dados coletados, bem como, será realizada a contraposição de cinco edições do livro *And Then There Were None* de Agatha Christie. Serão analisados os trechos considerados racistas na primeira edição do livro em inglês e na edição correspondente em PTBR, seguidos da edição *Ten Little Indians*, o termo “Indian” foi uma tentativa frustrada de atualização do livro. Os trechos selecionados serão confrontados com as retraduições mais recentes, observando o que mudou e o que foi utilizado em cada situação. Serão utilizados na análise dos trechos a Teoria dos Polissistemas, Estudos Descritivos da Tradução, Tradução Intralingual e Retradução. Teorias abordadas ao longo desse estudo.

2. NA TRADUÇÃO TAMBÉM SE DISCUTE O RACISMO

A seguir será estabelecida uma contextualização sobre o racismo em nossa sociedade, perpassando pelo racismo estrutural e termos racistas que empobrecem a nossa língua. Discutiremos seus impactos na literatura por meio de obras investigadas por racismo.

2.1 Formas de Racismo

Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade (GAMA, 2008, apud Figueiredo, 2011, p. 277).

Quando as pessoas são julgadas e desvalorizadas não com base em suas habilidades e atributos individuais ou de acordo com o que fazem pessoalmente, mas como parte de um grupo supostamente inferior, então isso é racismo. Essa ideologia justifica as condições de vida social e econômica desiguais, a exclusão de pessoas e até mesmo a violência física. Essa perspectiva alimenta uma cultura de preconceito e opressão, perpetuando uma sociedade injusta. O racismo enfraquece os valores de respeito e igualdade para todas as pessoas, o que leva à animosidade e à divisão dentro das sociedades. Impede o avanço social e nega às pessoas desprivilegiadas as oportunidades merecidas. O racismo encoraja suposições e preconceitos que não têm base

na realidade ou no mérito individual, desconsiderando as pessoas devido à sua identidade racial ou étnica. Esses preconceitos produzem julgamentos e presunções que ajudam a manter viva a discriminação.

Os efeitos do racismo são extensos e onipresentes. Permeiam muitos níveis da vida cotidiana, incluindo trabalho, moradia, saúde e sistema de justiça criminal. Há poucas oportunidades de mobilidade social e crescimento, o que leva a restrições estruturais que limitam o potencial das pessoas. Devido a isso, há taxas de pobreza desproporcionalmente altas, acesso restrito a saúde e educação de alta qualidade e maior vulnerabilidade à violência e outros tipos de danos. O racismo não é apenas imoral, mas também tem efeitos negativos na sociedade como um todo. A sociedade perde contribuições, habilidades e pontos de vista significativos que uma comunidade diversificada pode oferecer ao excluir e marginalizar as pessoas com base em sua raça. O racismo é baseado em uma diferença real de poder em nossa sociedade. O pré-requisito para isso é que as pessoas sejam divididas em "nós" e "outros" com base em características externas e culturais. Os "outros" são classificados como insuficientes ou menos valiosos que o "nós". Desse modo, "racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam" (ALMEIDA, 2018, p. 25).

No Decreto nº 65.810, de 8 de dezembro de 1969, em seu artigo I que dispõe sobre a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial cita que

Nesta Convenção, a expressão "discriminação racial" significará qualquer distinção, exclusão restrição ou preferência baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício num mesmo plano, (em igualdade de condição), de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de vida pública." (BRASIL, 1969)

Existem formas explícitas de racismo, como o racismo moral ou intencional, que ocorre a nível pessoal. São realizados atos ou comentários odiosos contra indivíduos, com base na cor da pele, origem, etnia, ancestralidade ou nacionalidade, por quem tem preconceito ou cultiva estereótipos, um sentimento ou uma ideologia de superioridade relativamente explícita. Por outro lado, existe um tipo meio que "invisível" por estar arraigado em nosso cotidiano, trata-se do racismo estrutural que ocorre a nível social, nas instituições e no Estado. Ele se manifesta na discriminação ou em desigualdades altamente veladas. É mais difícil de detectar, contudo revela-se por meio de seus efeitos, enquanto os mecanismos que produzem esses efeitos podem

permanecer difusos, pois estão incutidos no comportamento da sociedade. “O processo envolve uma revisão crítica profunda de nossa percepção de si e do mundo. Implica perceber que mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos.” (RIBEIRO, 2019, p.5) O racismo estrutural leva à exclusão e à desigualdade social. Os afetados são prejudicados pelo sistema educacional, por exemplo, e por isso, correm o risco de serem mais afetados pelo desemprego do que os membros da maioria da população. Essa forma de exclusão também conduz a uma “segregação econômica”, isso pode significar que as pessoas afetadas pelo racismo são frequentemente agrupadas e isoladas do restante da população em áreas descritas como socialmente desfavorecidas. Lélia Gonzales em seu livro Lugar de Negro, já apontava para o racismo estrutural mesmo antes que houvesse um termo para tal. Conforme Gonzales (1982), desde o período colonial até o presente, ocorre uma perceptível discriminação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, localizadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e convenientemente amparados por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc. Até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande, aos belos edifícios e residências modernos, sempre houveram os mesmos preceitos. Já o lugar natural do negro o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos "habitacionais" dos dias de hoje, o critério também tem sido precisamente o mesmo: a separação racial do espaço. Carolina de Jesus menciona essa situação em seu livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada: “... em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade.” (JESUS, 1914, p. 17). No caso do grupo dominado o que se observa são famílias inteiras amontoadas em cubículos, cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar.

A Abolição não mudou qualitativamente a estrutura da sociedade brasileira. Substituiu o senhor de escravos pelo fazendeiro de café, sendo que os últimos tomaram o lugar dos primeiros como seus herdeiros diretos e continuadores, cristalizando-se, por outro lado, as oligarquias regionais do Nordeste e Norte também apoiadas no monopólio da terra, como os antigos senhores de escravos. Não podemos negar que o trabalho escravo foi substituído pelo trabalho livre. Mas as estratégias de dominação antecipadamente estabelecidas fizeram com que o antigo escravo não entrasse sequer como força secundária na dinâmica desse processo, ficando como borra, sem função expressiva. O Brasil arcaico preservou os seus instrumentos de

dominação, prestígio e exploração e o moderno foi absorvido pelas forças dinâmicas do imperialismo que também antecederam à Abolição na sua estratégia de dominação (MOURA, 2014, p.152).

Segundo Ribeiro (2019), devemos refletir como esse sistema vem beneficiando economicamente a população branca por toda a história, ao passo que a negra, vem sendo tratada como mercadoria e não tiveram acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas.

Um dos pilares primordiais dos direitos humanos é a igualdade para todos em dignidade e direitos. A luta contra o racismo é uma tarefa fundamental, para a qual devem ser tomadas medidas em diversos níveis, incluindo uma produção literária livre de preconceitos e que promova a integração. Em uma sociedade heterogênea todos devem se sentir seguros e livres. Para que isso seja possível, é preciso nos envolvermos e agir contra o racismo. O problema deve ser reconhecido, chamado pelo nome e combatido, mesmo que seja uma tarefa árdua, pois, dificilmente alguém estará imune a preconceitos. Mas isso não é tudo, alguns políticos expressam opiniões racistas que são difundidas e reforçadas por partes da mídia. Ao fazer isso, eles contribuem para um clima que repetidamente se transforma em violência. Os autores e ativistas de pautas antirracistas consideram que é preciso levar o racismo para o lado pessoal, mesmo que não sejamos diretamente afetados. O que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural. De acordo com Ribeiro (1995) O questionamento é: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa possa se declarar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social arraigada), isso não seria o bastante. A falta de atitude contribui para perpetuar a opressão. Para Darcy Ribeiro quem somente afasta o opressor, admite que ele permaneça, lá longe, sua identidade, continuando a ser ele mesmo. Para Ribeiro (2019) Movimentos de pessoas negras há anos discutem o racismo como uma estrutura enraizada nas relações sociais, desenvolvendo desigualdades e abismos. O racismo é, assim, um sistema de opressão que restringe direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Identificar o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? Contudo, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. Promover inovação, criatividade e coesão social requer inclusão e tratamento justo; o racismo precisa ser combatido em conjunto. Implica enfrentar os próprios preconceitos de frente, opor-se a práticas e leis discriminatórias e promover ativamente a igualdade e a justiça. Para erradicar o preconceito, promover a empatia e criar uma sociedade mais inclusiva, a educação é essencial. Trabalhar em conjunto para abordar as causas subjacentes do racismo, erradicar as disparidades sistêmicas e promover leis que garantam

direitos e oportunidades iguais para todos pode ajudar a trazer mudanças duradouras. É preciso que haja valores em comum para a constituição sociedade onde cada pessoa seja valorizada e respeitada, independentemente de sua raça ou etnia, fazendo esses esforços.

2.2 Um breve panorama do racismo na literatura

Ao fazer uma análise da história da literatura perpassando por algumas obras literárias brasileiras e estrangeiras, não é difícil encontrar títulos e trechos polêmicos com ideias negativas, estereotipadas, depreciativas e preconceituosas. Observamos, inclusive, uma grande incidência de tais conteúdos em histórias infantis, o que nos traz a discussão sobre o dever de adaptar histórias com conteúdo ofensivo, pois antigamente os movimentos literários não davam importância para essas pautas. Livros, produções cinematográficas e a arte em geral, sempre deixaram a desejar. A população negra e principalmente as crianças por estarem no processo de construção identitária, carecem de exemplos para se espelharem. O efeito sobre grupos oprimidos, que historicamente têm sido sub-representados e deturpados na literatura e em outras formas de arte, é uma questão relevante a ser observada. O desenvolvimento da autoestima e do senso de identidade das crianças negras pode ser muito prejudicado pela ausência de bons modelos na literatura. É crucial encontrar um equilíbrio entre manter a integridade da obra original e resolver suas características problemáticas ao pensar em adaptar histórias com conteúdo censurável. Negligenciar ou eliminar completamente esses elementos difíceis prejudicaria o significado histórico e o mérito artístico da obra. Mas também é crucial reconhecer o dano que determinadas narrativas podem causar. A inclusão de informações contextuais e análise crítica do material de origem é um método para adaptar tais obras. O público pode obter uma compreensão mais complexa do trabalho, incluindo componentes educacionais que iluminam o contexto histórico e cultural, bem como a natureza problemática de determinados conceitos ou representações. Essa estratégia promove o pensamento crítico e a consciência social, ao mesmo tempo em que permite uma análise cuidadosa do texto.

Conforme Gonzalez (1982) “o negro brasileiro, exposto ininterruptamente às imagens de um mundo branco dominante, ficará confinado as alternativas de uma autoimagem negativa ou a adoção de um ideal de ego branco nos seus intentos de ascensão social”. Ribeiro (2019) ressalta que algumas práticas simples possibilitam ajudar as novas gerações, como incluir no cotidiano das crianças livros com personagens negros que não contenham estereótipos ou assegurar que a escola dos seus filhos aplique a Lei n. 10639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para adicionar a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira. Um ensino que enaltece as várias existências e que mencionem positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas permite

outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de suprimir a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de ver a humanidade somente pelos seus iguais. São ações que diminuem as desigualdades. Outra estratégia é produzir e anunciar novos trabalhos que equilibram textos de conteúdos prejudiciais. Essas ações possibilitam que as crianças, especialmente as de comunidades marginalizadas, tenham modelos que representem suas próprias experiências e contribuam para moldar positivamente sua identidade, destacando vozes e opiniões variadas na literatura e na arte. Essas obras contemporâneas podem destacar a diversidade e a profundidade das culturas, dissipar preconceitos e promover empatia e compreensão entre leitores de todas as esferas da vida. Reconhecer a capacidade da narrativa de afetar a sociedade e moldar as mentes é o que torna necessário adaptar histórias com material censurável. Temos a chance de usar a literatura, o cinema e a arte para promover um futuro mais inclusivo e justo, apesar de não podermos mudar o passado. Assim, podemos garantir que a literatura se transforme em uma ferramenta de empoderamento, representação e mudança construtiva, criticando o conteúdo ofensivo, oferecendo análise crítica e desenvolvendo ativamente novas narrativas.

Contudo, diante dos acontecimentos, do cenário político e dos movimentos identitários da atualidade, é perceptível que está acontecendo uma transição entre as escolas literárias. É notória a mudança nos padrões da literatura contemporânea: os autores estão cada vez mais preocupados com questões sociais e identitárias, como: o racismo, o feminismo e o movimento LGBTQIAPN+. Essa mudança reflete uma crescente compreensão e apreciação da importância desses assuntos na literatura e no discurso cultural mais amplo. No entanto, ainda não é o suficiente, a representação da população negra em obras como um todo, ainda estamos longe de um patamar de igualdade. Apesar desse desenvolvimento, ainda há uma grande divisão em como a comunidade negra é geralmente retratada na literatura. Mesmo que existam obras notáveis que abordam questões raciais e fornecem representações perspicazes de personagens e vidas negras, a representação ainda está muito aquém do objetivo da igualdade. Além da representação por meio de personagens, outro aspecto que precisa evoluir é a incidência de autores na centralidade do sistema. Os autores negros têm menos possibilidades e oportunidades de visibilidade devido a constrangimentos estruturais e institucionais, o que levou a uma presença limitada nos meios literários populares. Essa exclusão exacerbou a ausência de diferentes pontos de vista e restringiu a amplitude de experiências e narrativas disponíveis aos leitores. Além disso, essas disparidades são mantidas pela própria indústria editorial. Os procedimentos de controle da indústria, que incluem a seleção e promoção de obras, frequentemente favorecem histórias convencionais que são desproporcionalmente brancas.

Essa disparidade faz com que seja mais difícil para os autores negros serem reconhecidos e atingir o grande público.

Será necessário um esforço coordenado de muitas partes, incluindo editores, agentes literários, educadores e leitores, para abordar esta questão. Os editores devem procurar e apoiar ativamente obras de autores negros para garantir que uma variedade de vozes seja representada em seus catálogos. Ao procurar e promover autores marginalizados, os agentes literários podem contribuir para dar-lhes o apoio e as oportunidades de que precisam para prosperar. Ampliará a exposição e a influência de autores negros pesquisando e promovendo ativamente seus trabalhos. Compartilhar e promover esses trabalhos em nossas comunidades e nas mídias sociais amplia perspectivas historicamente sub-representadas. Mesmo que a literatura moderna tenha avançado no tratamento de questões sociais e de identidade, ainda há um longo caminho a percorrer até que a população negra seja devidamente representada, ou seja, de forma igualitária. Ao fazer isso, será possível criar um cenário literário mais diversificado e representativo.

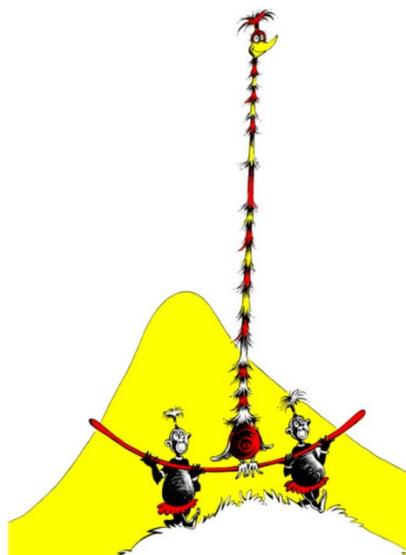
2.2.1 Obras que contém estereótipos e ou preconceito

A seguir discutiremos o racismo por meio de livros investigados ou apontados como racistas, seja na forma explícita ou de forma indireta. Será realizada uma contextualização sobre a obra seguida da descrição sobre o que a tornou racista. Em alguns casos houve atualizações e retraduições, bem como adaptações já adequadas para o público contemporâneo, e enquanto outros apenas o banimento em alguns países.

a) Livro: *If I Ran the Zoo* Ano:1950 Autor: Seuss

O livro é sobre um garotinho chamado Gerald McGrew que ao visitar um zoológico, imagina como seria se ele estivesse no comando. O menino imagina seres extraordinários com características incomuns, por exemplo, um leão de 10 patas e um elefante-gato. Na imaginação do garoto seria necessário viajar por diversas partes do mundo para trazer estes animais ao zoológico. O livro é uma história infantil que a princípio foi bem aceita pelo público e Seuss é um autor bastante popular, entretanto, deixa a desejar nas ilustrações estereotipadas de diferentes culturas, como representações dos personagens africanos, chineses, russos e do Oriente Médio. O que impacta negativamente no livro são as ilustrações e, no tocante aos personagens africanos vemos figuras que se assemelham a macacos. Veja na imagem a seguir.

Figura 1 - Página extraída do livro *If I Ran the Zoo*



Fonte: Seuss (1977)

Essa imagem é ilustrada na parte em que o garotinho se imagina indo à África em busca e uma espécie de canário de pescoço longo. É perturbador pensar que esse livro foi publicado como um livro infantil comum e que as pessoas não se incomodavam com essas representações.

b) **Livro:** *Arabian Nights* **Edição:** 2008 **Autor:** Desconhecido

O livro conhecido no Brasil como As Mil e Uma Noites é um conjunto de contos provenientes do Oriente Médio e também inserem histórias do folclore Indiano. É sobre um rei que ao descobrir que foi traído por sua esposa, à mata, e então decide que dormirá com uma mulher diferente a cada noite, mas que irá matá-la na manhã seguinte. Assim ele o faz até encontrar a bela *Sherazade* que desenvolve um esquema engenhoso para escapar de seu destino. Todas as noites, ela começa uma história e promete terminar na noite seguinte. Ansioso pela continuação da história, ele a deixa viver por mais um dia e assim se sucede por mil e uma noites. É neste contexto que se inserem as clássicas histórias de Ali Baba e os quarenta ladrões e Aladdin com famosas adaptações da Disney.

Mas como a literatura reflete os padrões da cultura local e sua época, em As mil e uma noites não foi diferente, muitos dos contos são permeados por preconceito e sexismo. Com trechos que causam mal estar ao serem lidos, como na parte em que o rei descobre a traição "Eu subi no telhado, olhei para baixo, a vi entrar e montar em um escravo negro. Um de seus lábios se assemelhava a uma tampa de uma panela e o outro a sola de um sapato – lábios que podia pegar areia do topo de uma pedra." (ARABIAN, 2008, p.90, tradução nossa) Felizmente o livro foi atualizado em 2021 pela escritora Yasmine Seale que removeu características pejorativas do livro.

c) **Livro:** *The Indian in the Cupboard* **Edição:** 2010 **Autor:** Lynne Reid Banks

O livro *The Indian in the Cupboard*, fez tanto sucesso que foi adaptado para o cinema com o mesmo título em inglês e na versão em PTBR A Chave Mágica. O livro é sobre um menino chamado Omri que em seu aniversário ganha de presente alguns bonecos de plástico, dentre eles um índio. A princípio ele não fica satisfeito com o presente. Mas ao trancá-lo em um armário mágico percebe que o brinquedo ganhou vida, a partir de então a vida de Omri muda completamente.

O romance em si tem um enredo atrativo para o leitor, porém seu conceito “envelheceu mal”, no enredo um índio de brinquedo que ganha vida apenas para ser possuído por um menino branco tem muitas implicações. O que antes era lido sem questionamentos, hoje ficam explícitas as características etnocêntricas. O livro contém linguagem ofensiva e os personagens são estereotipados. A população indígena norte americana tem sido constantemente atacada com retratos negativos, imprecisos e insensíveis por meio da literatura, algo que ainda ocorre na literatura moderna.

d) **Livro:** Peppa **Edição:** 2009 **Autor:** Silvana Rando

O livro infantil Peppa, conta a história de uma menina de pele clara e cabelos crespos, que um dia decide alisá-los, mas não fica feliz com a decisão. Ao ler esse resumo, podemos imaginar que o livro é sobre aceitação. Contudo, ao fazer a leitura completa do livro descobrimos que acontece o oposto. A menina Peppa é ilustrada arrastando o carrinho de supermercado e a geladeira de casa com os seus cabelos, em outra parte as amigas de Peppa usam seu cabelo para brincar de cabo de guerra. No decorrer da história a menina se depara com um salão de beleza e um grande poster de uma mulher loira de cabelos lisos, na placa está escrito: alisamos e tratamos qualquer tipo de cabelo, inclusive o seu. A menina decide alisar seus cabelos, quando ela entra no salão as clientes fazem cara de espanto, a cabelereira quebra pentes e escovas no cabelo da menina sendo necessário utilizar ferramentas de marcenaria; a ilustração mostra a cabelereira exausta e com a mão enfaixada. Peppa sai do salão com cabelos lisos e uma lista de coisas que ela não pode fazer, e dentre elas correr e entrar na piscina. A menina fica triste e entediada por que não pode fazer nada do que gosta, repentinamente ela decide entrar na piscina, e o livro termina com a seguinte frase: “Lá se foi o cabelão liso e sedoso de Peppa”. Consideramos todo o conteúdo desse livro racista, se imaginarmos uma criança de cabelos crespos lendo um livro como este certamente isso vai abalar a sua autoestima, o livro passa a imagem de que um cabelo crespo é muito difícil de lidar, não podendo usar acessórios comuns no seu cuidado, os personagens do livro têm cabelos lisos, e na frase final

do livro é colocado o cabelo liso como um ideal de beleza. As crianças precisam ler livros que estimulem a aceitação de todos tipos de cabelos, tons de pele e características físicas.

Figura 2 – Páginas extraídas do livro Peppa



Fonte: Rando (2009)

e) **Livro:** *To Kill a Mockingbird* **Ano:** 2002 **Autor:** Harper Lee

O livro que tem como título em PTBR O sol é para todos, aborda temáticas como raça e classe, inocência e injustiça, hipocrisia e heroísmo, tradição e transformação. O romance é narrado por Scout Finch, uma menina de seis anos que mora com seu pai e irmão em uma cidade chamada Maycomb County, Alabama, no sul dos Estados Unidos, a trama se passa em 1930.

Enquanto seu pai, o advogado Atticus Finch, defende um homem negro falsamente acusado de estupro de uma garota branca, Scout e seu irmão aprendem sobre a realidade da pequena cidade americana impregnada de preconceito, violência e hipocrisia, na qual foi abalada pela resistência da luta de um homem por justiça.

O livro traz discussões importantes e tem todas as ferramentas para ser um livro antirracista, no entanto, a controvérsia está em alguns termos adotados no livro, e em especial o termo *N**** que é extremamente rejeitado, sendo um símbolo da segregação racial, o termo é considerado tão pejorativo que as pessoas evitam proferir, geralmente é dito como “*The N word*” a palavra com a letra N, o termo aparece 74 vezes no romance. Contudo, algumas alterações o livro não deixará ninguém desconfortável e continuará sendo uma literatura importante que discorre sobre segregação racial nos Estados o Unidos e sobretudo o racismo, um tema atemporal.

Há também livros brasileiros que geraram polêmica acerca do racismo;

f) **Livro:** *Macunaíma* **Ano:** 1928 **Autor:** Mário de Andrade

No livro que se tornou um clássico da literatura brasileira, Macunaíma é descrito como herói sem nenhum caráter, um menino preguiçoso e astuto de uma tribo Amazônica, ele consegue por meio de magia passar de criança para adulto, e uma das questões do enredo é a busca por seu amuleto perdido que o leva juntamente com seus dois irmãos para São Paulo. O

autor Mario de Andrade evidencia em sua obra a identidade brasileira, ao utilizar elementos do folclore e lendas nacionais. Houve uma nítida tentativa de elevar a cultura brasileira, e por esse motivo as contestações são alvo de críticas, mas ao fazer uma exploração do livro um ponto em especial nos causa bastante incômodo, nas páginas 56 e 57 do livro, com o objetivo de se transformar em um arquétipo de herói perfeito, Macunaíma se banhou para fazer uma “purificação”. O autor descreve que Macunaíma ao se banhar torna-se branco, loiro e de olhos azuis, seu irmão com o intuito de ficar branco também entra na água, mas como a água já estava “suja” Jiguê obteve um tom que o autor nomeou como “novo bronze” e por último o outro irmão chamado Maanape com o que sobrara da água conseguiu molhar apenas as palmas das mãos e dos pés tornando-as avermelhadas por ter sido a única parte que se “limpou”. Esse é um ponto bastante questionável, pois o autor que pretendia valorizar a cultura brasileira errou ao colocar a pele branca como superior.

g) **Livro:** As três empenas: Um caso de Sherlock Holmes **Ano:** 2014 **Autor:** Arthur Conan Doyle

Nessa história, o famoso detetive Sherlock Holmes recebe um pedido de ajuda de uma senhora chamada Mary Maberley. O que desperta o interesse de Holmes em desvendar o caso é a visita de Steve Dixie, um ex-boxeador enviado para intimidá-lo. Holmes vai ao endereço indicado pela senhora no bilhete, mas ao chegar em Three Gables, Holmes descobre que a Sra. Maberley recebeu recentemente a visita de um corretor que se identificou como Haimen-Johnson, o homem considerou a casa perfeita para seu cliente e ressaltou que dinheiro não seria o problema, porém a única condição seria que Sra Maberley não poderia levar nada da casa, nem mesmo seus objetos pessoais. Ela achou muito estranho e recusou a oferta. Holmes suspeita que o misterioso cliente de Haimen-Johnson deseja algo valioso no interior da casa e que nem mesmo a Sra. Maberley sabia o que era. Essa suspeita parece ser confirmada quando acontece um roubo em Three Gables. Os únicos itens roubados foram baús que chegaram há alguns dias antes e que continham os pertences pessoais do filho recentemente falecido da Sra. Maberley.

O conto é bastante engenhoso e instigante, contudo, há um trecho que causa bastante incômodo no leitor, a descrição de Holmes em relação Steve Dixie é chocante, o conto contém um exemplo de uso de estereótipo racial altamente ofensivo. Holmes narra coisas como, “Projetava para a frente a cara larga e o nariz chato, enquanto os olhos escuros e soturnos”, “grunhiu o selvagem”, “Não lhe peço que se sente porque não gosto do seu cheiro, mas não é Steve Dixie, o pugilista?” essa edição analisada é de 2014, ou seja, é uma edição recente comparada a data de lançamento inicial do livro, é surpreendente ver que o livro continua a venda sem uma atualização.

2.2.2 Termos racistas devem ser substituídos

O racismo, a xenofobia e a intolerância são problemas complexos na sociedade. É preciso combater o preconceito racial e as atitudes intolerantes todos os dias e em todas as áreas, inclusive na literatura; seja ela vernacular ou traduzida. Um ponto significativo a se ater é o uso de palavras e expressões de origem preconceituosa. A maior parte das pessoas utilizam tais termos sem ter conhecimento de suas origens, portanto, é fundamental difundir o conhecimento neste campo, pois uma sociedade instruída é uma sociedade “menos racista”, por mais que atitudes sejam implementadas é muito difícil extinguir completamente algo tão arraigado na sociedade. Há algo em comum entre esses termos de caráter pejorativo, insultuoso e racista: são legados de séculos anteriores que perduram até a atualidade. Termos que não agregam em nada na nossa língua e que precisam ser eliminados da nossa cultura.

Um aspecto benéfico da linguagem é que ela evolui com o tempo. As línguas são estruturas vivas e dinâmicas que estão sempre evoluindo, passando por mudanças na gramática, no vocabulário, na pronúncia e até mesmo na estrutura fundamental da língua; a linguagem também evolui para refletir mudanças na sociedade e cultura. Existem inúmeras razões pelas quais um idioma pode mudar, por exemplo, a influência de outras línguas, as mudanças sociais e culturais, o contato com outros dialetos e padrões regionais de fala, bem como as necessidades comunicativas dos falantes, essas são algumas das principais causas das mudanças linguísticas. Há também a transformação por meio da evolução fonológica, que se refere às mudanças na pronúncia das palavras. Por exemplo, a palavra "noite" em português vem da palavra latina "nocte", mas a pronúncia da palavra mudou ao longo dos séculos. Outra maneira pela qual uma língua pode mudar é por meio da evolução gramatical, que se refere às mudanças na forma como a língua é estruturada. Por exemplo, o português moderno tem uma estrutura gramatical diferente do português medieval. Além disso, acrescentamos aqui um fator crucial para nossa pesquisa: a mudança linguística provocada pela erradicação de termos coloniais ofensivos e pela introdução de novas palavras e expressões.

As modificações na linguagem podem acontecer em vários níveis de intensidade, algumas mudanças podem ser abruptas e dramáticas, enquanto outras podem ser lentas e levar décadas para acontecer. Aceitar novos termos enriquecerá muito nossa linguagem. É importante observar que palavras discriminatórias são um problema em escala global, e não apenas no português brasileiro.

A linguagem é uma ferramenta poderosa que usamos para transmitir e comunicar nossos pensamentos e ideias. No entanto, ocasionalmente usamos termos ou expressões sem considerar

os efeitos potenciais que podem ter nas pessoas próximas. Por isso, é fundamental que mudanças sejam feitas em nossa linguagem para evitar a repetição de termos racistas e presunçosos. Com o passar do tempo, várias palavras e frases foram desenvolvidas com base em uma visão depreciativa de raça, inclusive aquelas que aludem à escravidão. Esses termos são ofensivos e afetam a autoestima e a dignidade das pessoas, perpetuando o racismo e a discriminação.

Para evitar isso, é crucial que todos estejamos conscientes dos termos que usamos e dos efeitos que eles têm sobre outras pessoas. Para garantir que preconceitos não se perpetuem, devemos estar dispostos a aprender e mudar nossa linguagem. Algumas maneiras de evitar o uso de termos racistas incluem educar-se sobre a história e a cultura de vários grupos étnicos, prestar atenção à linguagem que usamos, corrigir nossos próprios erros, ser sensível aos sentimentos e identidade cultural das pessoas a nossa volta.

Podemos utilizar a linguagem como instrumento de encorajamento a inclusão e diversidade, em vez de manter o racismo e a discriminação. Recentemente têm surgido publicações que instruem as pessoas sobre a origem dos termos racistas e dão opções de como evitá-los. Tomamos como base uma cartilha que é uma iniciativa da Comissão de Promoção de Igualdade Racial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que foi publicada para orientar o leitor sobre termos discriminatórios. A cartilha tem como finalidade combater o preconceito racial e explica didaticamente o motivo pelo qual algumas expressões são consideradas preconceituosas. Dessa forma, a comissão visa promover a mudança de hábitos e comportamentos nas pessoas e facilitará a exclusão de expressões idiomáticas que possam embutir preconceito racial. Então, a partir desse propósito entendemos esse recurso como uma ferramenta de Tradução intralingual, pois se almeja fazer uma reparação desses termos obsoletos e preconceituosos.

O conceito de tradução intralingual, estabelecido por Roman Jakobson, também é conhecido como paráfrase ou reescrita. A teoria envolve a tradução de um texto para o mesmo idioma, mas adotando palavras ou expressões alternativas no intuito de transmitir a mesma mensagem. Essa técnica também é amplamente utilizada para dar acesso à comunidade surda em aulas, palestras, apresentações, entre outras, por meio do uso da língua de sinais. A tradução intralingual também pode ser utilizada para atualizar termos ou conceitos, tornando o conteúdo mais compreensível para diferentes públicos ou adaptando-o a uma linguagem mais moderna.

É um método eficaz para aprimorar a compreensão de textos, principalmente em áreas técnicas ou especializadas em que a atualização de termos é crucial para preservar a precisão das informações transmitidas. Por exemplo, se um texto escrito em português contém uma

expressão idiomática incompreensível para um público mais jovem, a tradução intralingual pode ser usada para substituí-la por uma expressão mais atual sem alterar o significado. No caso desse estudo propomos o uso da reformulação com a finalidade de remover termos racistas do nosso cotidiano e assim dar mais um passo na luta antirracista.

Em algumas situações as pessoas podem não ver problemas em algumas expressões racistas e podem minimizar seu impacto. No entanto, isso é um problema sério e prejudicial para as pessoas que são alvo dessas expressões. Esse comportamento perpetua e reforça a naturalização de situações constrangedoras e discriminatórias, o que contribui para a marginalização de determinados grupos étnicos. Essas atitudes podem causar danos emocionais, afetar a autoestima das pessoas e criar um ambiente hostil e desigual para aqueles que são alvo dessas ofensas. Além disso, devemos lembrar que a liberdade de expressão não é absoluta e tem limitações quando causa danos ou viola os direitos e a dignidade de outras pessoas. O racismo vai contra os princípios fundamentais de igualdade e respeito pelos direitos humanos. Segundo Almeida (2018) há uma expressiva parte da sociedade que acredita que ofensas raciais como ‘piadas’, fazem parte de um suposto espírito irreverente que predomina na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça em geral resistam em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racionalmente neutros.

A seguir, apresentaremos uma seleção de 17 termos discriminatórios, o motivo pelo qual é considerado racista e em seguida a sugestão para a substituição. A seleção a seguir se alicerça na publicação de Brasil (2022).

Tabela 1 – Termos racistas que devem ser evitados

| Palavra/ Expressão | | Motivo para ser considerada racista | Sugestão para substituição |
|---------------------------|--|--|---|
| A coisa tá preta | | Relaciona a pessoa negra algo ruim. | Prefira utilizar “A situação é difícil”, “o caso é complexo”, “a coisa está complicada”. |
| Cabelo ruim | | Deprecia características físicas de pessoas negras, vinculando a coisas ruins ou de má qualidade. | Não há cabelos melhores ou piores, apenas diferentes. Utilize “cabelos crespos” ou “cacheados”. |
| Chuta que é macumba! | | Externa o desejo afastar algo ruim. Teve início na segunda metade do século XIX ao incitar a população a | Substituir por algo que denote afastar algo de si como: “para longe |

| | | | |
|-----------------|--|--|---|
| | | chutar qualquer oferenda encontrada. Dissemina a ideia de perseguição e destruição de qualquer coisa que possa ser associada às religiões de matriz africana. | de mim!” ou “sai daqui” |
| Cor de pele | | Utilizado para nomear uma cor, no entanto faz alusão à pele branca, colocando tons claros como ideais para representar a pele humana. Sendo que a cor da pele pode ter diversas tonalidades. | Prefira utilizar a palavra “bege” ou “tons de bege”. |
| Criado-mudo | | A expressão faz referência às pessoas negras escravizadas que tinham a incumbência de segurar objetos servindo de apoio. Além disso, deveriam agir de forma discreta e silenciosa. | Opte por “mesa de cabeceira”. |
| Denegrir | | A palavra tem origem do latim “tornar negro”, costuma ser empregado no sentido de macular, manchar, sujar algo. O termo tem uma forte carga racista pois propõe que algo “denegrado” deve ser limpo, corrigido, elucidado. | O termo mais adequado é “difamar”, “caluniar”. |
| Feito nas coxas | | Designa algo executado de modo apressado, descuidado. A expressão se refere ao hábito colonial de produção de telhas moldadas nas coxas de pessoas escravizadas. | Mesmo que não haja pleno consenso sobre as origens do termo, este merece ser abandonado, podendo ser substituído por “foi feito de qualquer jeito” “descuidado” |
| Humor negro | | Relacionado a uma comédia fora dos padrões convencionais, baseada em coisas mórbidas, macabras ou ilícitas. O uso do termo embute uma ideia preconceituosa, que associa algo fora do padrão de normalidade à pessoa negra. | Opte por “humor ácido”. |

| | | | |
|---------------------|--|--|--|
| Inhaca | | Inhaca trata-se de uma ilha na baía de Maputo, em Moçambique. Foi também um monarca, líder moçambicano. No Brasil, desde o período colonial, o termo “inhaca” é associado a odores corporais ruins. Externa o uso racista da palavra, pois relaciona um local ou líder africano a algo ruim, desagradável. | É mais lógico utilizar “mau cheiro” ou “mau odor”. |
| Inveja branca | | A inveja é uma conduta condenável pela sociedade. Contudo, o uso da expressão “inveja branca” tenta atenuar o sentido, como algo perdoável, aceitável ou mesmo elogiável. Essa ideia reforça à associação de pessoas negras a algo ruim e pessoas brancas a algo bom. | Pode ser substituído por “inveja boa”. |
| Lista negra | | refere-se a um rol de coisas ligadas a algo ruins, proibidas, ilícitas ou que devam ser evitadas. A expressão vincula a pessoa negra a coisas que não são socialmente aceitas e que devem ser evitadas. | É mais adequado falar “lista proibida”, “lista restrita”. |
| Macumba, macumbeiro | | A palavra e suas variantes fazem menção a religiões de matriz africana. O termo tem conotação preconceituosa e é relativo a coisas ruins, que simbolizam riscos às pessoas e à sociedade. Contudo essas associações negativas não passam de um mito criado para difamar as religiões de matriz africana. | Devemos substituir por “religião de matriz africana”, “praticante de religião de matriz africana”, “candomblé”, “candomblecista”, “umbanda”, “umbandista”. |
| Magia negra | | A expressão é correlata a rituais ou práticas religiosas que são socialmente rejeitados. Concentra dupla discriminação, por | A ideia que se pretende transmitir é “rituais proibidos” ou “práticas religiosas proibidas”. |

| | | | |
|------------------------------------|--|---|--|
| | | associar a palavra “negra” a coisas malvistas ou pela ideia de que as manifestações religiosas negras são ruins e envolvem valores que devem ser rejeitados. | |
| Mercado negro | | Um conjunto de ações comerciais ilícitas, que desrespeitam regras jurídicas e morais. O uso do adjetivo “negro” almeja sublinhar o caráter ilícito daquela realidade. | Uma alternativa eficaz seria a substituição da expressão pelo uso de “mercado ilegal”. |
| Não sou tuas negas! | | Empregado usualmente para designar revolta ou incômodo com situação ou comentário. Uma das teorias diz que a expressão vem do período escravagista, quando mulheres escravizadas eram comumente vítimas de assédio e abuso sexual por homens brancos, pois havia uma ideia de que elas estavam disponíveis para a atividade sexual, o que não acontecia com as mulheres brancas, vistas como castas. Nesta expressão há uma de mulheres negras que é tratada como objeto. | A expressão poderia ser substituída “me respeite!”. |
| Quando não está preso está Armado. | | Faz alusão aos cabelos crespos, relacionando-os, de modo preconceituoso, ao ambiente da criminalidade. A ideia reproduz o pensamento de que os cabelos lisos representam o padrão de beleza da sociedade contemporânea. | Essa expressão deve ser evitada. |

Fonte: Brasil (2022)

Substituir termos racistas ou discriminatórios por palavras mais inclusivas e respeitosas contribuem positivamente para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A linguagem é uma ferramenta poderosa e influencia nossa maneira de pensar e agir. Ao usarmos um vocabulário adequado, estamos promovendo a valorização da diversidade e combatendo a discriminação. Além disso, é importante lembrar que a mudança na linguagem é apenas uma das muitas ações necessárias para combater o racismo e a discriminação, mas é um passo importante na direção certa.

3. AGATHA CHRISTIE: UMA ANÁLISE DO PERÍODO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO DA ÉPOCA EM QUE O ROMANCE *AND THEN THERE WERE NONE* (1939) FOI ESCRITO

A seguir, será realizada uma apresentação da autora Agatha Christie, abordando sua cultura, estilo de escrita, estética dos personagens e sua consolidação na área dos romances policiais. Para compreender as características e possíveis motivações por trás da escrita do romance *And Then There Were None*, sendo importante considerar o período histórico em que a autora estava inserida.

A literatura é uma expressão do seu tempo e, como tal, é influenciada por diversas circunstâncias, enquanto também exerce influência na história. Ao discutirmos o contexto cultural e social do Reino Unido na época em que o livro foi escrito, compreendemos que a obra faz parte do sistema literário da época, o que implica no contexto cultural e político da sociedade. É impossível abordar o que estava acontecendo na Inglaterra sem mencionar um fato que impactou esse período; a Segunda Guerra Mundial. Além disso, vamos apresentar a literatura na Era Vitoriana e do Século XX, para fins de contextualização do período em que o romance foi lançado. Também é relevante citar o clima de tensão social que existia nos Estados Unidos, o primeiro país a fazer a alteração do título original devido às leis Jim Crow e à segregação racial estarem causando grandes conflitos, induzindo as editoras optarem por fazer a mudança.

3.1 A autora Agatha Christie

Agatha Christie é uma das escritoras mais importantes da literatura popular. Nascida no ano de 1890, em Torquay, na Inglaterra, é conhecida como a rainha do crime. Agatha atingiu o ápice de sua carreira com romances policiais que entraram no cânone literário com seus enredos engenhosos, cativantes e jogos de linguagem; seus livros são um sucesso de vendas em várias gerações e classes sociais. O legado da autora é reconhecido não somente no Brasil, mas, em todo o mundo. Isso desperta o interesse de especialistas em saber o motivo de tais métodos e

estrutura narrativa influenciarem a literatura popular até os dias de hoje. Hanes (2014) comenta que dentre os autores de língua inglesa publicados com êxito no Brasil, Agatha Christie se evidencia devido ao seu duradouro prestígio e onipresença no mercado literário, o que pode demonstrar sistematicamente como os romances policiais representam muitos aspectos-chave do discurso literário, incluindo a distinção entre o discurso oral e o discurso escrito. Isso nos leva a refletir sobre o tempo e o espaço do romance policial, que nasceu na Europa e nos Estados Unidos por volta de 1840, era um gênero majoritariamente dominado por homens; e esse é mais um aspecto exitoso de Agatha Christie, por se destacar em um meio “masculino”, como era considerado na época, e fazer sucesso com o público. Agatha influenciou outras mulheres como Ruth Barbara Rendell e Paula Hawkins, dentre outras que seguem o seu estilo. Mas independentemente de gênero, conforme Pasqual e Lopes (2022) Agatha Christie foi uma das mais brilhantes escritoras de romances policiais no decorrer do século XX, Christie trabalhou como farmacêutica e aprendeu química, principalmente como devem ser manipulados os medicamentos e venenos. A autora utilizou seus conhecimentos químicos como instrumento para seus livros, criando mistérios baseados em venenos que eram escolhidos minuciosamente por ela. No *Guinness Book of World Records*, o Livro dos Recordes, a autora aparece como a escritora de ficção mais vendida de todos os tempos. Segundo Amorim (2022) além de ser extensivamente premiada, Agatha tem alcançado uma grande reverberação, em termos de capital simbólico, relacionado aos estudos literários. No mercado editorial das culturas anglo-fônicas ocidentais, os romances que compõe o cânone literário usualmente são classificados como “*literary fiction*” (“ficção literária”), em contraste com a chamada “*genre fiction*” (ou “ficção de gênero”) à qual se agregam os gêneros de “ficção científica”, de “fantasia”, de “*crime fiction*”, entre outros, traduzido em prêmios literários ou, também, em menções em jornais, revistas literárias e periódicos científicos, os quais são emitidos o grau de importância de autores como Agatha Christie aos olhos daqueles que se dedicam a estudar ou comentar seus escritos. Podemos salientar também, a valiosa contribuição para o Cinema, TV e plataformas de *streaming* no processo de adaptação semiótica de obras literárias, ao qual se confere formas de visibilidade simbólica e de prestígio variadas.

Suas obras foram traduzidas para mais de cem idiomas, Agatha Christie se destaca pelas tramas de mistério e suspense, com muitos suspeitos, pistas falsas, criminosos incomuns e detetives memoráveis, como a idosa Miss Marple e o detetive belga metódico Hercule Poirot. O Misterioso Caso de Styles, livro de estreia, apresentou já em 1920, este que seria um dos mais famosos detetives da ficção, sendo o protagonista de diversos romances da autora. As

adaptações para o cinema e para a televisão coroaram Agatha Christie como a “Rainha do Crime”².

Agatha escreveu mais de 70 romances, diversas peças de teatro e contos. Apesar do sucesso de suas obras e as diversas traduções mundo afora, ela só começou a ser traduzida no Brasil nos anos 60.

Agatha vinha de uma cultura patriarcal com uma educação vitoriana clássica; fez balé, tocava piano, falava russo e francês, e apesar de a sua cultura a inclinar para uma escrita mais rebuscada, a autora se propôs a escrever romances policiais para entretenimento popular, sendo incomum para a época que uma mulher se destacasse socialmente por isso. Contudo, é notório observar que Agatha como escritora sempre ressaltou um refinamento em alguns personagens, evidenciou o estilo de vida inglês juntamente com o contexto da época de forma sutil, abordou discussões dos anos 20 e 30 como direita e esquerda, capitalismo e comunismo, e também o contexto de guerra do período.

A autora mostra uma evidente preocupação em usar uma linguagem mais simples do que a maior parte dos romances do século XX; ela utiliza uma linguagem quase coloquial que atrai mais leitores, o que na época favoreceu comentários sobre suas obras, difundindo assim, o seu trabalho, e vendendo em grande quantidade.

Um outro fator notório nos romances de Agatha é o refinamento estético que ela dá aos personagens: ela retrata tanto traços morais e psicológicos, quanto físicos. Em seus livros, é comum ver personagens descritos em duas a três linhas, por exemplo, em um trecho do livro *And then there were none*, em que ela descreve a personagem Emily Brent, detalhando-a pela idade, a forma de se sentar e de se locomover. Isso faz o leitor criar uma imagem da personagem na mente:

Miss Emily Brent estava sentada de maneira rígida, com as costas bem aprumadas, como era seu costume. Tinha sessenta e cinco anos e não aprovava maneiras relaxadas. Seu pai, um coronel à moda antiga, havia sido particularmente minucioso a respeito da postura da filha, sobretudo no jeito de andar, sentar e mover-se.” (CHRISTIE A. 2014, p. 16)

Outro fator instigante em suas obras é o senso de justiça que os leitores normalmente esperam nas narrativas policiais. Inicia-se em uma aparente desordem onde há um crime sem solução, sem culpados e é nesse ambiente que o detetive se insere com o objetivo de ordenar os fatos. Agatha habitualmente delimita a história a um lugar pequeno, como um navio, uma ilha, uma casa de campo, onde em geral há uma família rica e um assassinato.

² Cf. <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabia-que-agatha-christie-forjou-o-proprio-desaparecimento/>

Um outro ponto a ser mencionado em relação à carreira de Agatha Christie é a opinião de alguns críticos referente ao romance policial, em que eles o classificam como subliteratura. Como exemplo de um crítico ferrenho da literatura policial e de Agatha Christie, cito o crítico literário estadunidense Edmund Wilson, da revista *The New Yorker*, que chegou a publicar uma coluna intitulada “Quem liga para quem matou Roger Ackroyd?”, deixando explícita a sua hostilidade em relação ao trabalho de Agatha, e mencionou que nunca mais a leria novamente³.

3.1.1 Influência da Era Vitoriana e do Século XX

A escrita de Agatha Christie reflete influências da era vitoriana e do século XX. Esses dois períodos distintos da história marcaram sua obra, contribuindo para a riqueza e profundidade de sua narrativa. Agatha Christie, autora do livro corpus desse estudo, nasceu na Era Vitoriana, época que aconteceu entre os anos de 1837 e 1901, quando a rainha Vitória era a monarca reinante da Grã-Bretanha. Kasten (2006) descreve como uma era de grandes mudanças provocadas, em parte, pelos avanços da ciência e da tecnologia. Foi, no entanto, também uma época sombria para aqueles de menos recursos. Christie inspirou-se na tradição vitoriana de ficção policial, popularizada por autores como Wilkie Collins e Sir Arthur Conan Doyle. As tramas intrincadas, os cenários misteriosos e a atenção aos detalhes característicos dos romances policiais vitorianos podem ser observados nas obras de Christie, a autora criou quebra-cabeças intrincados com maestria e manteve os leitores na dúvida até o fim. Além disso, os romances de Christie frequentemente exploram a dinâmica social e as distinções de classe predominantes na sociedade vitoriana. Os temas das expectativas da sociedade, propriedade e o papel das mulheres são sutilmente entrelaçados em suas narrativas. A influência da era vitoriana é particularmente evidente em seus trabalhos anteriores, onde os cenários e personagens refletem as convenções e sensibilidades da época.

A literatura dessa época costumava retratar a vida cotidiana. Refletia os problemas práticos e os interesses da vida diária. A literatura vitoriana frequentemente apresentava variadas classes sociais de pessoas, em vez de apenas a aristocracia. Isso a tornou mais popular entre as classes médias. Essa literatura muitas vezes tinha um propósito moral e tendia a se desviar do conceito anterior da arte pela arte. Os vitorianos queriam que sua arte fizesse mais do que apenas apaziguar os sentidos; eles queriam que servisse a um propósito, muitas vezes moral ou político.

³ Cf. (Revista Superinteressante) <https://super.abril.com.br/especiais/o-misterioso-caso-de-agatha-christie/>

A Era Vitoriana tendia a ser uma era de dúvida e pessimismo. Havia a influência da ciência; os avanços científicos levaram as pessoas a se sentirem incertas sobre o futuro. A segunda metade do período foi influenciada pela Teoria da Evolução de Charles Darwin. Os livros da época eram caracterizados por coisas práticas e materialistas. A maioria dos escritores exaltava uma vida puramente ideal. A literatura era caracterizada por representações de pessoas comuns, vidas difíceis e lições de moral. Eles foram feitos para mais do que apenas entretenimento. Os vitorianos estavam interessados no herói, bem como na arte popular. Os romances vitorianos geralmente se concentravam nesses temas. Autores importantes desse período foram Charles Dickens (1812–1870), Emily Brontë (1818–1848), Oscar Wilde (1854–1900), George Eliot (pseudônimo de Mary Ann Evans (1819-1880)), Elizabeth Barrett Browning (1806–1861), Robert Browning (1812–1889), Alfred, Lord Tennyson (1809–1892) e Matthew Arnold (1822–1888).

Ao passo que o século XX se desenrolava, a escrita de Christie evoluiu para refletir os tempos de mudança. Os eventos tumultuados das duas Guerras Mundiais e as mudanças sociais que se seguiram, sem dúvida, influenciaram seu trabalho. Os personagens de Christie começaram a incorporar as complexidades da era moderna, e suas narrativas passaram a ter jogos psicológicos que intrigam o leitor. No reflexo da Primeira Guerra Mundial e durante o período entre guerras, os romances de Christie frequentemente apresentavam uma sensação de desilusão e um questionamento das estruturas sociais estabelecidas. Os mistérios exploravam não apenas crimes, mas também as complexidades da natureza humana, da moralidade e das consequências da agitação social. Além disso, à medida que o século XX avançava, com a ascensão da tecnologia, a mudança dos papéis de gênero e a mudança da dinâmica dos relacionamentos encontraram seu caminho em suas histórias. Christie adaptou-se habilmente aos tempos de mudança, mantendo os elementos clássicos que tornaram seu trabalho amado pelos leitores. Ao atrair influências da era vitoriana e do século XX, Agatha Christie criou uma mistura única de elementos tradicionais e modernos em sua escrita. Essa fusão contribuiu para sua popularidade duradoura e a estabeleceu como uma das autoras mais influentes e bem-sucedidas no gênero de ficção policial.

Para Dawson (2013), o século XX foi um período de grandes mudanças na sociedade e na literatura, marcado por duas guerras mundiais, por uma grande depressão econômica mundial, pela dissolução do Império Britânico, pela crescente democratização da sociedade e pelo advento de novas tecnologias. Para se adequar a tais transformações, instituições e princípios obsoletos tiveram que ser sobrepostos por outros mais pertinentes à evolução e à

libertação do espírito humano. Com o falecimento da rainha Vitória em 1901 e a ascensão de Eduardo VII, parecia dar início a uma fase mais franca e menos inibida. A escrita mais significativa do período modernista, não foi inspirada nem por esperança, nem receio, mas por uma sensação de incertezas sobre o novo século que vivenciaria o declínio de toda uma sociedade. Autores importantes desse período foram Thomas Hardy (1840–1928), Joseph Conrad (1857–1924), Virginia Woolf (1882–1941), T.S. Eliot (1888–1965), Philip Larkin (1922–1985) e Carol Ann Duffy (1955–). Consideramos relevante trazer fatos históricos e sociais através do tempo, visto que compreender o contexto em que um autor viveu, em que uma obra foi escrita, facilita o seu entendimento.

3.2 Reflexos da Segunda Guerra Mundial na literatura

À medida que Agatha Christie estabelecia sua carreira como escritora de romances policiais, diversos eventos históricos significativos aconteceram. Esses eventos moldaram o contexto mais amplo de seus livros e tiveram impacto tanto na ilustração social, quanto na cultura da época. Compreender esses fatores históricos pode fornecer informações valiosas sobre o trabalho de Christie e lançar luz sobre as influências que marcam sua escrita. Um pano de fundo histórico crucial durante a carreira de Christie foi a Segunda Guerra Mundial. A guerra teve um efeito profundo no mundo, e suas reverberações foram sentidas em todos os aspectos da sociedade. A escrita de Christie refletia as ansiedades e incertezas da época, bem como a resiliência e determinação das pessoas diante da adversidade. Seus romances muitas vezes apresentavam uma atmosfera pós-guerra, destacando as mudanças na dinâmica da sociedade e os efeitos prolongados do conflito.

Além disso, é essencial considerar o clima literário da época. A obra de Christie surgiu dentro de uma tradição literária específica e foi influenciada pelas tendências e estilos predominantes de seus contemporâneos. Ao examinar a cena literária do período, podemos compreender melhor o contexto em que seus romances foram recebidos.

Embora seja um fato já conhecido por todos, é importante rever mesmo que de modo breve o contexto histórico do romance *And then there were none* (1939), nessa época ocorreu um dos confrontos mais destrutivos da história. Segundo Kershaw (2008) a Segunda Guerra Mundial foi, visivelmente, uma questão não solucionada da Primeira. Porém esse segundo grande conflito foi ainda mais catastrófico; custou quase 50 milhões de vidas, sendo esse número assombroso quatro a cinco vezes maior que o número de mortes da guerra de 1914 a 1918, com implicações globais; foi também mais violento em suas consequências. A Segunda Guerra, que foi identificada como um combate em estado de guerra total (cujos recursos são todos concentrados para a guerra), anos de tensão internacional, o aumento de adeptos do

fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha, culminando na invasão alemã da Polônia em setembro de 1939, sendo lembrada até hoje por acontecimentos como as bombas atômicas e o Holocausto. A Segunda Guerra Mundial fez os Aliados (Estados Unidos, França, União Soviética e Reino Unido) e o Eixo (Alemanha, Japão e Itália) se enfrentarem na Ásia, Europa, Oceania e África. A guerra cessou em 1945 com a vitória dos Aliados. A consequência dos seis anos de guerra foram 60 milhões de mortes.

Em suma, a catástrofe humana causada pela Segunda Guerra Mundial é possivelmente a maior na história humana. A concepção não menos importante dessa catástrofe é que a humanidade aprendeu a viver em um mundo em que o massacre, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia que não mais percebemos. (HOBSBAWM, 1995, p.58).

3.3 Conflitos raciais nos Estados Unidos

Considerando questões sociais e culturais da época, não apenas no Reino Unido, mas também em escala global. Por exemplo, nos Estados Unidos, onde o trabalho de Christie era distribuído, o país lutava contra as leis de Jim Crow e a segregação racial. Esses desafios sociais sem dúvida influenciaram a recepção e interpretação de seus romances em diferentes regiões, pois os leitores trouxeram suas próprias experiências e perspectivas para o processo de leitura.

O racismo sempre enfatizou e hierarquizou as diferenças físicas. Seu desenvolvimento coincidiu com a modernidade e predominou no pensamento europeu sobre os povos do mundo ao longo do século XVIII, em meio às novas expansões imperiais e ao desenvolvimento dos primeiros Estados modernos, quando estes passaram a ser politicamente identificados como povos particulares ou "nações". A raça passou a ser vista como um atributo exclusivo dos povos não brancos e serviu para distinguir de várias maneiras os não europeus e os próprios europeus uma vez que, ao classificar os "outros", acabavam estabelecendo um lugar privilegiado para si próprios nessa classificação. Consideramos o racismo uma forma de discriminação de caráter ideológico e sem qualquer embasamento. Conforme revela o geneticista Craig (2001) pioneiro da técnica de sequenciamento do DNA, não existe fundamento científico para raça. Trata-se de um rótulo inventado. Há apenas uma raça entre os seres humanos. No entanto, algumas ideologias classificam os indivíduos com base em sua aparência física, por exemplo, cor da pele, forma do nariz, cabelos, elas atribuem traços de caráter, capacidades físicas e intelectuais que remetem a imagens estereotipadas e clichês. O racismo é uma atitude de ódio, desprezo ou hostilidade para com certas pessoas ou grupos de pessoas, visa minar a dignidade e a honra da pessoa, despertar o ódio e encorajar a violência verbal ou física. Isso tende a espalhar conceitos errôneos para colocar os seres humanos uns contra os outros, considerando uma ordem hierárquica entre eles. Este termo implica uma hierarquia de grupos de indivíduos para produzir

desigualdade entre o grupo dominante e os outros, uma relação anterior de dominação de um grupo sobre os outros. Outro fato histórico que ocorria quando o livro foi lançado trata-se da Segregação Racial nos Estados Unidos. Consistia em leis que utilizavam critérios de raça para proibir pessoas de utilizarem o mesmo espaço público, ou seja, uma percepção ideológica de raça apoiada constantemente por teorias científicas duvidosas e preconceitos culturais. Essas leis não eram bem aceitas e houve muitos movimentos de dessegregação. Acreditamos que foi essa a razão da mudança de título do livro de *Ten little "N***"* para *And then there were none* nos EUA, por ser um período de tensão em relação às questões raciais, e como as editoras visam principalmente o lucro, optou-se por fazer a modificação. No entanto, o conteúdo do livro permaneceu o mesmo. O que mostra que foi apenas uma estratégia de marketing e não uma real preocupação com os leitores.

Em relação ao processo de inserção das leis de segregação racial nos EUA, o historiador Leandro Karnal (2007) menciona que as leis segregacionistas ressurgiram no governo de Grant, tendo origem no Tennessee, em 1870: lá, os sulistas brancos deliberaram leis que proibiam o casamento entre negros e brancos. Cinco anos depois, o Tennessee aderiu à Lei Jim Crow e todo o Sul o apoiou rapidamente. O termo “Jim Crow” vem de uma canção popular; relacionava-se com todas as leis (foram muitas) que adotasse o princípio “separados, mas iguais”, determinando o distanciamento entre negros e brancos em estações ferroviárias, praças, hotéis, teatros, restaurantes, dentre outros lugares. Em 1885, as escolas do Sul eram predominantemente classificadas em escolas para brancos e escolas para negros. Existiam “Leis Jim Crow” por todo o Sul. Somente em 1950 e 1960 que a suprema Corte destituiria a ideia de “separados, mas iguais”.

Não podemos esquecer que os EUA conheceram a escravidão, em uma sociedade rural, aristocrática e segregadora, e, para reformá-la, fizeram uma Guerra Civil cruelíssima no século XIX. E a “herança” daqueles anos esteve presente posteriormente quando negros e brancos tiveram novamente que sair às ruas para impulsionar manifestações e atos públicos em prol do direito ao voto da população negra. O estopim para estas manifestações se deu quando a ativista Rosa Parks se recusou a ceder seu assento no ônibus para um homem branco. A atitude e bravura de Parks tornou-se emblemática na luta pelos Direitos Civis dos negros durante a Segregação racial nos EUA. Em uma entrevista concedida ao site ⁴Aventuras na história, Parks relata sobre sua experiência e ponto de vista sobre as pautas raciais. Para Parks as relações raciais melhoraram depois do ocorrido no ônibus, embora ela não tenha planejado o ato. “Nós

⁴ Cf. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-entrevista-com-rosa-parks.phtml>

éramos maioria, o sistema de ônibus dependia da gente. E obedecíamos às regras deles sem questionar. Em 1955, estávamos mais unidos e conseguimos chamar a atenção de todos para a minha prisão, a nossa situação e, claro, para o boicote.” (PARKS, 2005)

A ativista relata que hoje em dia temos os mesmos direitos, no entanto a desigualdade e injustiça ainda perduram, temos um longo caminho a trilhar até alcançarmos uma real igualdade.

“Eu estou consciente de que sempre vai haver sofrimento no mundo e pessoas que escolhem odiar. Por isso é importante ouvir a voz da paz. Eu acho que nós perdemos gerações quando não enchemos os corações dos jovens de paz e de objetivos positivos... Enquanto existir gente que não acredita em liberdade e justiça para todos, meu trabalho não terá terminado.” (PARKS, 2005)

Se por um lado Rosa Parks inspirou o início da luta por direitos iguais, por outro, anos mais tarde, o célebre protesto pelos direitos civis no estado do Alabama, liderado por Martin Luther King, em 28 de agosto de 1963, inspiraria multidões no ato que daria um fim para leis segregacionistas. Eles reivindicavam com a certeza de uma realidade diferente. Em seu discurso King lembra que a emancipação ocorreu há cem anos, mas que mesmo tendo se passado tanto tempo a população negra ainda não era livre. Luther King inspirou a multidão em seu ato pacífico com frases, como: "*Now is the time to lift our nation from the quicksands of racial injustice to the solid rock of brotherhood*". “É hora de erguer nossa nação da areia movediça da injustiça racial e conduzir para a rocha sólida da fraternidade.” (KING JR, 1963, p.16, tradução nossa) e “*I have adream my four little children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of our skin but by the content of their character.*” “Tenho um sonho de que meus quatro filhos viverão um dia em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo teor de seu caráter.” (KING JR, 1963, p.17, tradução nossa) tem um grande significado até os dias de hoje. Somente nos anos de 1950 e 1960, com a liderança de Martin Luther King Jr, que as leis de segregação racial começaram a ser invalidadas, por conta do surgimento de movimentos em prol dos direitos civis e pela igualdade racial.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desse estudo consiste principalmente em quatro teorias, São elas: Teoria dos Polissistema, Estudos Descritivos da tradução, Tradução intralingual e Retradução. Serão abordados os conceitos e aplicabilidade em obras literárias.

4.1 A teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução aplicada a obras consideradas racistas

No que diz respeito às origens dos Estudos da Tradução, duas teorias podem ser destacadas: de um lado estão as teorias linguísticas e formalísticas hermenêuticas desenvolvidas na primeira metade do século 20, e do outro lado as teorias sócio-históricas da Escola de Manipulação (grupo de teóricos dos Estudos da Tradução que propuseram um novo paradigma) na década de 1970. É nessa escola que se encaixa o teórico Itamar Even-Zohar, idealizador da Teoria dos Polissistemas. Com a concepção dessa teoria, compreenderam-se novas formas de entender a literatura com uma visão pragmática que se volta mais para o sistema que para o texto. São nessas teorias sistêmicas que a literatura é entendida como um sistema sociocultural comunicativo e funcional. Portanto, um fator essencial às atividades humanas, sendo o polissistema um reflexo da cultura e fatos históricos da sociedade de sua época, influenciando diretamente os produtos literários.

Desse modo, a sociedade é quem dita quais obras tomam a posição central nesse sistema. Para Gambier e Doorslaer (2013), diversos estudos de tradução adotaram uma abordagem cultural, e uma agenda de pesquisa foi definida para estudos empíricos focalizados na função e no status dos textos-alvo no sistema cultural-alvo.

Even-Zohar (1997) define o sistema como um conjunto de elementos interdependentes em que o papel específico de cada elemento é determinado por sua relação com os outros, ou seja, pela função que desempenha nessa rede. A Teoria dos Polissistemas é aplicada especialmente à literatura; iniciou-se nos anos 70, e seu conceito foi difundido para outros países, sendo uma peça-chave nos Estudos da Tradução a nível mundial. As teorias sistêmicas entendem a literatura como sistema sociocultural de caráter comunicativo, tais teorias não são rígidas, mas sempre há uma interdependência de forma que se um fator se modifica os outros também se modificam. As obras se inter-relacionam de forma empírica em seu contexto e são analisadas a partir de uma situação social holística. O sistema empírico é idealizado de forma que não adianta saber a hermenêutica se não souber como são produzidas, distribuídas e comercializadas. Entendendo esse aspecto, um livro com um conteúdo questionável não vende, não traz lucro para a editora; as atualizações que estão sendo realizadas hoje em dia não se trata apenas de conscientização social, é também parte de um sistema capitalista.

Gideon Toury (2012) corrobora da ideologia sistêmica de Even-Zohar, mas direcionando para os Estudos da Tradução, Toury investiga de que modo esse sistema é conduzido com relação a tradução, e a seleção de quais traduções são necessárias é ditada pela cultura alvo, sendo que a literatura traduzida preenche um espaço vazio em um sistema no qual

aquele conteúdo é inexistente ou quando há uma incompletude. Toury ressalta que a tradução não está restrita apenas ao polissistema literário, mas há diversos fatores que influenciam a tradução e a sua abrangência. Toury também elaborou uma normatização que é compreendida como tradução de valores gerais ou ideias em comum para um determinado grupo/sociedade relacionado ao que é aceito ou rejeitado, satisfatório ou insatisfatório. Sendo assim, regras são um referencial de conduta estabelecidas no ato de traduzir, e que são aprovadas por uma sociedade. Há sempre dois caminhos a serem seguidos pelo tradutor: adotar os padrões do texto de partida ou se adequar aos padrões do texto de chegada. Em casos em que o tradutor opta por seguir os padrões da cultura-fonte a tradução é vista como satisfatória, e se o tradutor optar por padrões da cultura-alvo é definido como uma tradução aceitável. A tradução de um texto deve ter um certo grau de receptividade por parte dos consumidores. Em suma, Toury vai além do ato de analisar somente o texto, o teórico compreende a obra inserida dentro do sistema da sociedade-alvo.

Gambier e Doorslaer (2013) veem a noção de sistemas explorada por Itamar Even-Zohar como instrumento relevante para essas visões de nível macro de tradução e poder. A tradução como um sistema interliga-se com sistemas de poder político, cultural, econômico e social, bem como, liga sistemas literários entre idiomas. De uma perspectiva sistêmica, muitas das relações de poder relacionadas à tradução podem ser teorizadas como interseções entre sistemas literários ou textuais e outros sistemas sociais, culturais e governamentais. Devido ao constante potencial para tais conexões, a tradução está sempre implicada em negociações de poder entre essas diferentes áreas.

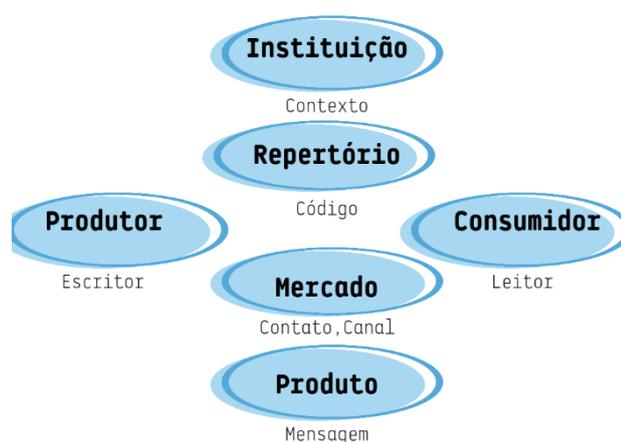
A Teoria dos Polissistemas compreende o sistema como funcional e dinâmico, estuda a diferença entre a sociedade e a relação com outras culturas, bem como a relação da literatura com a sociedade e a cultura, onde acontece uma interdisciplinaridade e uma espécie de trabalho em equipe dentro do sistema. O polissistema estabelece a literatura como sendo vinculada a uma reflexão teórica a partir da qual se constrói ela mesma e pode ser caracterizado como um sistema de sistemas que em sua intersecção funciona como um todo. “O termo “polissistema” é mais que uma convenção terminológica. Seu propósito é tornar explícita uma concepção do sistema como algo dinâmico e heterogêneo, oposta ao enfoque sincronístico.” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 3), ou seja, é considerado heterogêneo por incluir elementos como tradução, estratificado por ter a periferia e centro, além de conter interseções, sendo também dinâmico, pois, os elementos lutam constantemente para alcançar uma posição central.

Na Teoria dos Polissistemas inserida na tradução acontece uma “colonização cultural”, pois em uma tradução há elementos socioculturais, como a importação e a tradição. Essa

influência ocorre por meio de produtos de outros países como livros, filmes, séries, jogos e com a popularização dos streamings a influência cultural torna-se ainda mais difundida. Even-Zohar coloca as traduções literárias dentro de um sistema em posição de periferia, mas para ele as traduções assumem uma posição central quando a literatura nacional é jovem, fraca ou está em crise, sendo necessário “importar” um conhecimento mais aprofundado diante de um tema.

Para desvendar o funcionamento do Polissistema na literatura, Even-Zohar elaborou um esquema que esclarece e estrutura os papéis de cada sistema. Ele também empregou termos distintos do habitual, considerando a amplitude de cada sistema, como podemos observar na figura número 3.

Figura 3 - Esquematização do polissistema literário



Fonte: Even-Zohar (1997). Tradução nossa

Dentro do campo literário, não podemos considerar os textos completamente prontos e finalizados, devemos observar todo o contexto nele inserido, quais elementos estão envolvidos a esse texto, com que outros elementos esse texto faz interação. Por esse motivo que Even-Zohar optou por termos diferenciados em seu esquema. Com isso ele poderia dar mais clareza ao polissistema literário.

Even-Zohar não usa o termo escritor para não gerar imagens muito restritas da figura do escritor. Os estudos literários entendiam por tradição cultural colocar o escritor como o núcleo da literatura. Quando essa prática ficou obsoleta, surgiram os modelos “interpretativos”, que consideram os textos como algo que existe de tal modo que não teriam a necessidade de questioná-los ou investigá-los, restando somente decifrar seus segredos “místicos”. Segundo Zohar, é fundamental pensar nos “textos” como **Produto** produzido por um **Produtor**, introduzido em um contexto social, conectado a um discurso de poder moldado de acordo com um certo repertório aceitável e legitimado. Os produtores não desempenham apenas um papel

na rede literária, mas, muitas vezes atuam em outras atividades. A seguir iremos detalhar cada um desses elementos, com base no esquema elaborado por Mendez (2011).

O termo leitor, conforme indica Even-Zohar, destina-se a uma entidade específica para a qual se produz literatura, não abrangendo a infinidade de indivíduos atingidos pela produção literária que não é somente consumida mediante a leitura. Optando, então, pelo termo **Consumidor**, o autor aponta a existência de consumidores diretos e indiretos, sendo que todos os integrantes de qualquer comunidade são ao menos consumidores “indiretos” de literatura, pois, consomem fragmentos literários, apreendidos e transmitidos por diversos agentes culturais e integrados no discurso diário. Os consumidores diretos são aquelas pessoas espontaneamente interessadas nas atividades literárias – participam de inúmeras outras formas no sistema literário. Os consumidores de literatura absorvem a função sócio-histórica dos atos implicados nas atividades em questão.

A **Instituição** trata-se de um conjunto de fatores designados à manutenção da literatura como atividade sociocultural, instituindo normas que predominam nessa atividade, aprovando umas e rechaçando outras. Remunera e penaliza os produtores e agentes, como também estabelece quem e que produtos serão lembrados por uma comunidade. Para Even-Zohar, a Instituição engloba parte dos produtores: críticos, editoras, periódicos, grupo de editores, escolas, universidades, meios de comunicação, etc. As instituições podem atuar em seções distintas dentro do sistema, de acordo com disputas travadas pelo domínio, na imposição de suas preferências.

O elemento **Mercado** se refere ao conjunto de fatores envolvidos na compra e venda de produtos literários e no desenvolvimento do padrão de consumo e inclui instituições abertas, destinadas a troca de mercadorias, bem como livrarias, clubes do livro e bibliotecas. Os fatores da **Instituição** literária e do **Mercado** literário podem facilmente situar-se no mesmo espaço: uma escola, exemplo dado por Even-Zohar, é um integrante de uma instituição, que pode servir de mercado, em razão da possibilidade de vender o produto aos estudantes, servindo o professor como mercador.

O **Repertório** remete ao conjunto de regras e materiais, conhecimentos partilhados que orientam tanto a confecção quanto a utilização de qualquer produto. Se entendermos os “textos” como a mais clara manifestação da literatura, o **Repertório** literário será o grupo de regras e unidades que classificam os tipos de discurso. No entanto, se considerado que a manifestação da literatura existe em vários níveis, o repertório literário pode ser entendido como um conjunto de repertórios específicos para cada um desses níveis. A estrutura de repertório pode ser estabelecida em três níveis distintos: o nível dos elementos individuais, dos sintagmas e dos

modelos. O nível dos modelos relaciona-se ao conceito de gêneros. O autor pondera que a concepção de que as produções literárias são dadas pelos tipos (gêneros) cotidianos de discursos contribui para nos libertarmos do conceito romântico da “criação livre”.

O texto entendido apenas como manifestação única da literatura é questionado por Even-Zohar, pois conceitua que o texto já não pode mais ser concebido único, e nem o **Produto** literário o mais relevante. São também produtos, quaisquer conjuntos de signos realizado (ou realizáveis), decorrentes de uma atividade qualquer como, por exemplo, aquelas retiradas das obras ou referentes a elas: resumos, resenhas, críticas, citações, referência.

A partir do momento em que entendemos os preceitos da Teoria dos Polissistemas e dos Estudos Descritivos da Tradução, conseguimos identificar e aplicar em toda a produção e na tradução literária. Um exemplo da utilização desses métodos de análise são as diversas obras canônicas, mas que estão sendo contestadas em alguns aspectos. Mesmo tendo um enredo bem construído, alguns livros não se encaixam no polissistema atual, por conterem ideias ou termos inaceitáveis para a sociedade da atualidade. O racismo está sempre latente na sociedade. Esse efeito também é refletido na literatura. Os produtos canônicos através dos tempos desenham padrões de diferentes grupos interpretativos adotando diversos níveis de controle no que será ofertado aos consumidores. Dentro desse contexto, as obras literárias são fruto de resoluções nas quais instituições e produtores pactuaram na época em que foram criadas e recebidas pela sociedade. Ainda que essas decisões tenham sido motivadas por fatores particulares como o financeiro. Em casos em que os livros escritos em suas primeiras edições são racistas, seja de forma direta com uma nítida inferiorização referente à raça ou meramente por não se importar com questões raciais, o conjunto que leva essas obras à centralidade impulsiona essas ideias. Em muitos clássicos, o racismo vem à tona abertamente.

A seguir evidenciaremos através de 2 livros a Teoria dos Polissistema e dos Estudos Descritivos da Tradução aplicadas a obras que estão sendo investigadas pelo teor racista. E como o sistema literário atual se comporta frente ao cânone literário clássico. É importante ressaltar que os clássicos em sua maioria têm grande influência para as gerações atuais e futuras, contêm padrões históricos que remetem à sociedade da época e servem de inspiração para diversas outras obras. Outro ponto que deve ser esclarecido é que embora o conteúdo de alguns livros esteja sendo questionado, não podemos desmerecer o todo, o livro, o enredo em si continuam tendo um valor notável, do contrário não teriam se tornado canônicos, o que precisa ser feito nesses casos é uma atualização com o intuito de remover estereótipos e inferiorização. Outro aspecto que deve ser salientado é que embora o livro tenha sido ou esteja sendo investigado, isso não significa que o autor tenha tido a intenção de ser racista em sua escrita,

ou compactue com a discriminação. Nosso intuito é analisar a obra em questão. A vida pregressa do autor foge do propósito maior dessa pesquisa.

Nosso primeiro exemplo de obra investigada é um livro nacional, *Caçadas de Pedrinho*, do escritor Monteiro Lobato, que recentemente tem sido amplamente criticado quanto ao seu livro por conter trechos racistas. Desde 2010, uma intensa polêmica divide a opinião pública brasileira: apoiadores e simpatizantes dos movimentos antirracistas, professores, intelectuais e membros da sociedade em geral discutem a questão. A obra foi denunciada ao Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação por propagar discurso racista em algumas passagens, difundindo preconceitos e estereótipos, por meio de palavras ou expressões ofensivas, principalmente no que diz respeito à personagem Tia Nastácia. Muitos de seus livros são canônicos, tendo traduções difundidas em diversas línguas, mas em tempos de conscientização social, surgiram críticas à forma como o autor estereotipava personagens negros de modo a inferiorizá-los.

Em análise sobre a contextualização da obra e também dos aspectos socioculturais que compõem a narrativa. Sobretudo no campo das passagens preconceituosas da obra de Monteiro Lobato, que faz parte da infância de várias gerações de leitores, mas não menos importante também expor uma visão da dinâmica social e cultural do Brasil da década de 1920 sendo, portanto, parte da história e da identidade do país, ou seja, o livro segue padrões sistêmicos da época.

[...] “qualquer (poli)sistema semiótico (como a língua ou a literatura) não é mais que um componente de um (poli)sistema maior – o da “cultura”, ao que está subordinado e com o qual é isomórfico - e está correlacionado, portanto, com este todo maior e seus outros componentes.” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 15)

Esses polissistemas semióticos são a língua e a literatura, dentro de um contexto cultural mais amplo e são componentes de um sistema maior chamado “cultura”. Isso denota que eles não existem isoladamente, mas estão interconectados com outros aspectos da cultura, como arte, música, religião, tradições sociais, entre outros. Essa interconexão implica que a compreensão de um sistema semiótico depende da compreensão e contexto cultural mais amplo em que está inserido. A seguir discutiremos o enredo do livro “Caçadas de Pedrinho” e os motivos pelos quais o livro vem sendo tão questionado no polissistema brasileiro atual.

O Sítio do Pica Pau Amarelo é uma propriedade de Dona Benta (a avó do enredo), auxiliada por sua velha amiga e cozinheira de longa data. A avó conta histórias aos netos Narizinho e Pedrinho. O sítio é habitado por criaturas mágicas, animais falantes e frequentemente visitada por personagens da literatura mundial e do folclore brasileiro. Os

personagens desse universo são muitas vezes caracterizados por suas particularidades físicas, que os tornam facilmente identificáveis, favorecendo adaptações em desenhos animados, séries de TV, musicais e produtos vários. O primeiro livro infantil de Lobato chama-se *A menina do narizinho arrebitado* (1920), que conta a história de Narizinho, que recebeu esse apelido por sua particularidade física. Outros personagens inventados por Lobato são antropomórficos, como o Visconde de Sabugosa, uma espiga de milho muito erudita, cujo nome faz alusão à sua forma física.

Poderíamos citar também os muitos outros personagens que se caracterizam por suas peculiaridades físicas, mas o que nos chama particularmente a atenção são as personagens Emília/Tia Nastácia, que nos convidam a questionar o que as produções para crianças dizem sobre a sociedade brasileira. A boneca falante Emília é, sem dúvida impertinente, uma boneca de pano feita por Tia Nastácia. Emília adquiriu o dom da fala após ter ingerido uma pílula mágica. Desde então, ela é uma verdadeira tagarela e se expressa sem “papas na língua”, ou seja, com muita franqueza e sem filtro.

Muitas vezes, Emília é considerada como o alter ego de Lobato. Por meio dela, ele transmite suas próprias ideias relacionadas ao absurdo e as inconsistências da sociedade. No entanto, a identificação das crianças com a boneca falante, e o apego do autor com seu personagem preferido são um problema na medida em que Emília também demonstra crueldade para com Tia Nastácia, ela a menospreza e humilha por causa de sua cor de pele, sua ignorância e sua condição de subordinada.

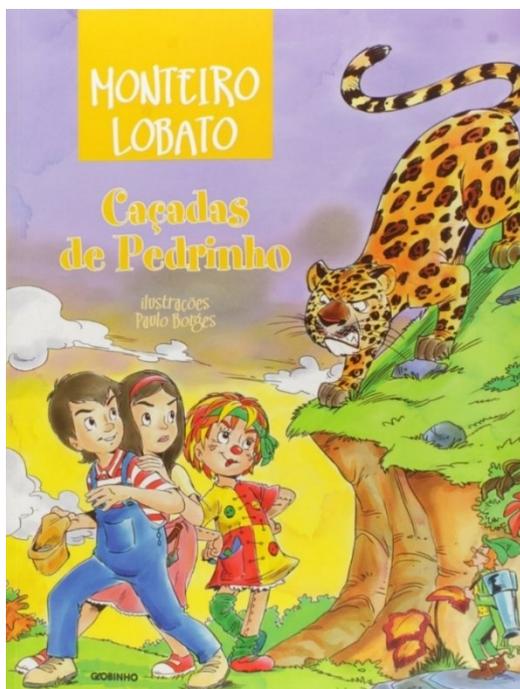
Tia Nastácia é sempre retratada como extremamente religiosa e supersticiosa, temerosa de qualquer mudança no sítio, reclamando constantemente das bagunças e invenções das crianças. Em suma, ela personifica para Lobato um mundo atrasado, a imobilidade, enquanto as crianças, curiosas, vivas, inteligentes, espertas, cultas, são o futuro, a força que avança na modernidade dos anos 1930. Visivelmente impressionada com os acontecimentos maravilhosos que pontuam a vida no Sítio, ela cumpre uma função cômica na narração por meio de suas expressões faciais, e de seu discurso popular. No entanto, as acusações de racismo não dizem respeito tanto ao caráter de imobilidade de Tia Nastácia, quanto ao seu caráter físico e ao seu papel de subordinada.

Algo que não se pode passar despercebido é o fato de que o famoso livro de receitas e a famosa marca de farinha de trigo se chamam *Dona Benta* em referência à boa e velha avó do Sítio. Porém a personagem Dona Benta nunca cozinha. Os leitores de Lobato sabem que Tia Nastácia que é a cozinheira excepcional, cujos bolos são famosos em todo o País das

Maravilhas. Mas o mercado prefere uma avó branca em produtos e a função única de Tia Nastácia nos livros se vê usurpada.

A seguir, para fins de ilustração apresentaremos a capa do livro *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato, livro que vem sendo alvo de críticas por conter trechos racistas.

Figura 4 - Capa do livro *Caçadas de Pedrinho*



Fonte: Lobato (2008)

Dentro do contexto histórico em que o livro foi escrito, o uso de certos termos e “brincadeiras” eram naturalizadas, tanto que foi inserida em ambiente escolar sem nenhum questionamento até então. Isso demonstra como a sociedade se comportava em 1933 (ano de lançamento da 1ª edição). Algumas colocações consideradas absurdas atualmente, não eram vistas com estranheza, não havia a preocupação de que aquelas ideias deixariam pessoas desconfortáveis, ou que poderia influenciar o comportamento de jovens leitores com a naturalização de certas ideias.

A seguir, na figura número 5, apresento trechos extraídos do livro *As caçadas de Pedrinho*, em que fica nítido o racismo contido no livro, o que nos faz indagar como tais conteúdos passaram tantas décadas despercebidos?

Figura 5 - Trechos racistas do livro Caçadas de Pedrinho



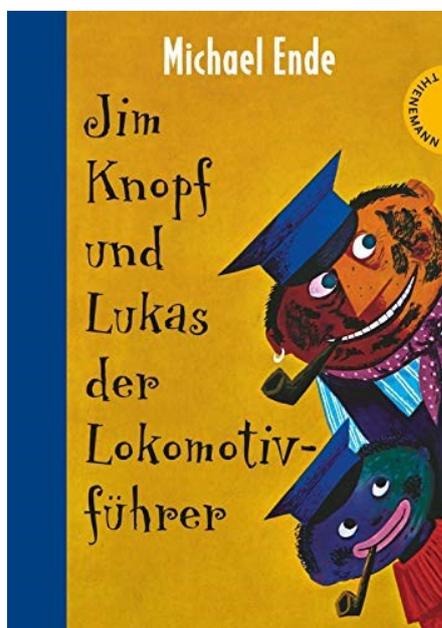
Fonte: Gazeta do Povo (2010)

Quão dolorosa pode ser uma leitura? Quão degradante, quão discriminatória pode ser a linguagem? Quais clichês racistas são aceitáveis? De preferência, nenhum! Apesar de haver um debate polêmico quanto à atualização de clássicos, ou simplesmente notas de rodapé, consideramos que a linguagem ofensiva deva ser substituída, tais trechos como os exemplificados acima são difíceis de ler hoje em dia, o que mostra o quanto o nosso polissistema tem mudado até então. Se buscamos uma sociedade antirracista, devemos começar pela linguagem, temos que apoiar os defensores da literatura não discriminatória, pois existe um grupo considerável de pessoas conservadoras que enxergam essa luta como um drama desnecessário, e tentam através de argumentos vazios depreciar a causa. Certamente, o debate sobre palavras e frases vai além da literatura. É sobre questões sociais importantes, sobre hegemonia e impotência. Sobre lutas que, como acreditam alguns pesquisadores, não devem ser travadas apenas nos campos de batalha simbólicos de textos e signos, mas também em instituições, parlamentos e empresas. “Se estamos comprometidas com um projeto de transformação social, não podemos ser coniventes com posturas ideológicas de exclusão, que só privilegiam um aspecto da realidade por nós vivida.” (GONZALES, 2020, p. 270).

Outro livro que também não tem mais uma posição de aceitação em nosso polissistema é o livro Jim Knopf e Lucas, o Maquinista, do autor Michael Ende. O livro conta a história de Jim, um garotinho negro que mora na pequena ilha de Lummerland. A ilha era tão pequena que

cabiam somente quatro pessoas e conforme Jim crescia, não havia espaço suficiente para todos. Então por uma decisão do rei alguém teria que deixar a ilha. Assim, Lucas decide partir, levando Jim em sua locomotiva. A partir de então nasce uma grande amizade entre Jim e o Maquinista e os dois embarcam em uma grande aventura.

Figura 6 – Capa do livro Jim Knopf und Lukas der Lokomotiv-führer



Fonte: Ende (2004)

A história em si é bem construída e prende a atenção do leitor, não é à toa que é considerada uma obra canônica, com direito a adaptação fílmica, no entanto, o livro que traz como protagonista um menino negro, o que é um ponto positivo para a história, mas peca em diversos outros aspectos. A começar pelo uso da *n**** que traz um tom pejorativo na língua inglesa e também na Alemã (língua de origem do livro). O livro reproduz muitos clichês sobre a natureza e aparência supostamente típicas de pessoas negras.

Um livro com essas características de forma alguma ocupa uma posição central no sistema literário contemporâneo, uma pessoa negra ao ler este livro por exemplo poderá a princípio se sentir representada ao perceber que existe um herói negro na história, mas logo se sentirá mal ao ver termos e descrições pejorativas. No entanto, podem ser feitas alterações tanto na língua de origem, quanto nas traduções para que o livro siga coeso. Como essas mudanças estão acontecendo a nível mundial o tradutor também deve se adequar aos padrões, do contrário a propagação de ideias que ferem permanecerá. Toury (2012) Discute sobre o posicionamento de uma tradução dentro de uma cultura-alvo. A tradução deve ocupar um lugar importante em

sua composição, pois exercem influência dentro do ambiente cultural e são realizadas para atender as necessidades do público que a recebe.

[...] “atividades de tradução e seus produtos não apenas podem, mas geralmente provocam mudanças na cultura-alvo. (...) Culturas precisamente recorrem à tradução como uma forma de preencher lacunas (...) tanto em suas próprias culturas, ou (mais frequentemente) em uma lacuna já preenchida em uma cultura que uma cultura-alvo tem motivos para observar e explorar para suas próprias necessidades.” (TOURY, 2012, p. 21-22).

A atuação dos tradutores é complexa e envolve diversos aspectos, incluindo o respeito à cultura de origem e à cultura-alvo. Embora os tradutores trabalhem para transmitir com precisão o conteúdo e o significado de um texto de uma língua para outra, sua principal responsabilidade é garantir que a mensagem seja compreendida pelo público-alvo na cultura receptora. Sendo que os interesses e as tendências culturais podem influenciar o processo de tradução. Por exemplo, certas expressões idiomáticas podem cair em desuso ou se tornar ofensivas com o tempo. Além disso, questões políticas, sociais e culturais podem exigir que o tradutor faça escolhas que se alinhem com os valores e as sensibilidades da cultura-alvo.

Quanto à questão da rentabilidade para as editoras, devemos lembrar que a tradução é um investimento. Se uma editora decide traduzir um livro, espera-se que haja demanda suficiente para justificar os custos envolvidos. Se um livro já traduzido se tornar obsoleto por ter passado por uma tradução intralingual ou não atender mais às preferências culturais da audiência, pode ser necessário considerar uma nova edição ou uma atualização da tradução para manter a relevância do texto. No entanto, é importante ressaltar que cada situação de tradução é única e depende de diversos fatores, como o tipo de texto, o público-alvo, os objetivos do autor e da editora, entre outros. Os tradutores devem exercer seu julgamento profissional e equilibrar os interesses das diferentes partes envolvidas para produzir uma tradução adequada e eficaz.

4.2 A retradução e a tradução intralingual como estratégia de atualização de obras

Na incidência de obras investigadas por conter estereótipos ou expressões racistas há uma pressão social para que tais termos, expressões sejam removidos ou substituídos, há defensores até mesmo do banimento das obras, contudo devemos considerar que o autor pode não ter tido intenção, ou até mesmo sofrido a influência do contexto da época. Então para que aconteça uma adequação da obra muitas vezes o primeiro passo é dado na língua de origem, para tal é feita a tradução intralingual, que conforme Jakobson (1969) consiste em transmitir o significado de um texto fonte de novas maneiras sem alterar o idioma. A tradução intralingual ou reformulação pode ser usada para esclarecer comentários pouco claros, tornar a terminologia

difícil ou técnica mais fácil de entender ou adaptar o conteúdo a um público-alvo específico. Ela se concentra em encontrar maneiras diferentes de dizer a mesma coisa usando palavras ou padrões de frases. Esse tipo de tradução pode ser útil em diversos contextos, como livros, documentos jurídicos, guias de instruções e artigos acadêmicos. A tradução intralingual visa aumentar a comunicação e a compreensão dentro de um mesmo idioma. Superando obstáculos linguísticos e criando textos, no entanto, há poucos estudos sobre a utilização da tradução intralingual como ferramenta para adequar literatura que contenha traços de preconceito.

Ao passar pelo processo de tradução intralingual a literatura traduzida se torna obsoleta, sendo fundamental o recurso de retradução. De acordo com o teórico Gambier (1994) A retradução trata-se de uma nova tradução, sendo ela na língua de origem ou em outra, mas de um texto previamente traduzido. Quer seja o livro ou texto completo ou somente parte dele. A retradução vincula à noção de reatualização dos textos, ao passo que as preferências e necessidades se modificam de acordo com a evolução dos receptores. Sendo a retradução o estágio final de um trabalho realizado.

A necessidade de uma retradução pode ou não ter a ver com a primeira edição do texto de partida. Os termos usados nesse texto podem necessitar de uma atualização, ou, por exemplo, pode haver a demanda de uma nova tradução por inúmeros motivos.

A retradução é um tema atual e nos perguntamos sobre essa necessidade. As novas traduções oferecem mais autenticidade à linguagem de hoje, já que o texto está plasmado ao contexto do polissistema contemporâneo. Isso nos permite ir além da “fidelidade ao original”. No entanto, essas novas traduções permanecem subordinadas ao texto original. Porém o ato de traduzir um texto também não o torna um texto original na língua de chegada?

De acordo com Deane (2011), o que encontramos com a retradução é uma imagem totalmente complexa ou multifacetada que não pode ser enquadrada ordenadamente em termos de transferência de texto de partida para um texto de chegada singular. Em vez disso, a retradução produz múltiplos de um, ou seja, vários textos de chegada que não se relacionam apenas com a primeira edição, mas para outros textos. Em segundo lugar, esta nomenclatura sugere que a retradução é uma recorrência e, ao mesmo tempo, um ponto de interrogação sobre sua motivação.

Berman (1990) redefine o conceito de retradução como uma forma menos óbvia e até inusitada. Ele defende que a partir do momento que um autor é traduzido, ele entra nesse processo de “universo da tradução”: qualquer outra coisa que você traduzir dele já é uma retradução, é como se não fosse concebido no plano dos textos, mas sim no plano das ideias, poéticas. O teórico reitera que a necessidade de retraduzir se dá porque a tradução existente não

desempenha mais o papel de revelação e de comunicação da obra. As traduções envelhecem, o ato de traduzir é uma atividade sujeita ao tempo, ela tem sua própria caducidade. As razões pelo qual se retraduz não esgotam a natureza enigmática desse fenômeno.

Berman pensa em retradução como um conceito que ele relaciona como um espaço em que a tradução pode alcançar o sucesso, o acabamento, uma possibilidade de dar conta da insuficiência de uma tradução. Ele ressalta que nenhuma tradução é perfeita: sempre é possível traduzir novamente. Mesmo com a existência da caducidade, existem algumas traduções que conseguem resistir ao tempo, e são chamadas de grandes traduções por não precisarem de retradução.

Ao dar início a uma retradução é concedida uma nova edição da obra original sem reproduzir os “erros” identificados na tradução anterior. Obviamente, a própria retradução pode conter erros, daí o interesse em repetir esse processo sempre que necessário. Então, a retradução é fundamental quando a tradução anterior vai contra as ideias do autor ou até mesmo quando as ideias do autor são socialmente reprováveis. As retraduições podem corrigir erros de ortografia, interpretações errôneas ou por conter um conteúdo que precisa ser removido ou atualizado, considerando que não é aceitável um livro que ofenda ou machuque as pessoas direta ou indiretamente. Além disso, a retradução permite adaptar o vocabulário de uma obra quanto às mudanças linguísticas. A retradução nos permite apreciar a obra original sob um novo olhar. Todavia, este processo está sujeito a muitas críticas pelas razões supracitadas.

A partir do momento que um texto é traduzido, não será exatamente o mesmo texto, mas sim, uma versão moldada para a cultura-alvo. Melhor do que por um crítico, um acadêmico, um revisor, um editor, concebemos que um livro nunca é tão bem compreendido quanto por seu tradutor. Só ele pode desmontá-lo do sentido literal, livrá-lo de tudo o que o protege. Qualquer autor cuja obra tenha sido traduzida para outra língua pode atestar isso. É presumível que o tradutor tenha captado uma inconsistência, um descuido, ou talvez uma contradição, deficiências que haviam escapado a todos. Sem levar essas falhas à tona, o tradutor atua como um inspetor implacável de obras acabadas e até mesmo publicadas, atuando como um revisor meticuloso. Desse modo, vale ler os tradutores não apenas em suas traduções, mas também traduções comentadas. É plausível pensar que um tradutor também é um autor, que escreve em um determinado estado de espírito, que transfere para a sua tradução suas próprias emoções e também, mesmo que inconscientemente, o seu aporte cultural.

É notório que muitos clássicos tenham sofrido por muitos anos com traduções, insuficientes ou inadequadas. Nesse caso, retraduzir não é apenas consertar: traduzir de novo significa traduzir com um novo prisma. Alguns retradutores preferem até mesmo ignorar a

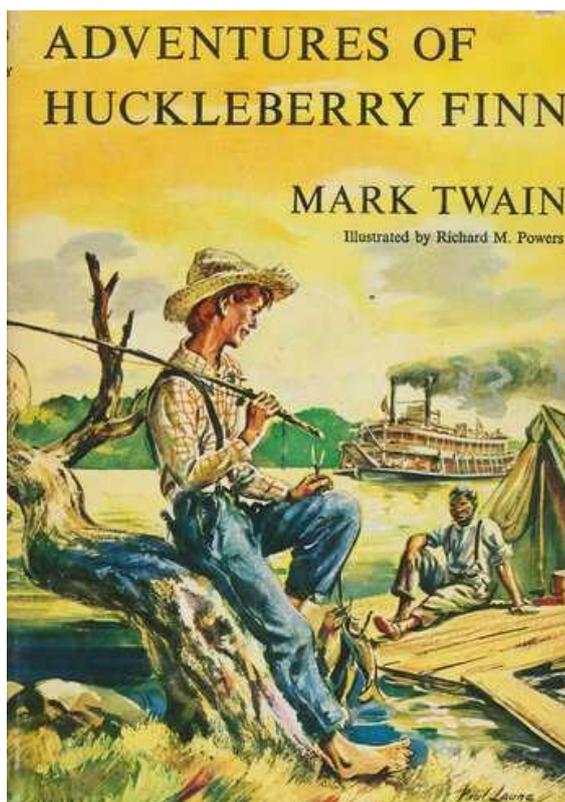
edição anterior para manter um certo frescor à primeira vista. Estes não hesitam em fazer diversos questionamentos referentes à obra.

Há uma gama de variantes que surgem assim que se entra na complexidade de uma língua, com a qual um tradutor fatidicamente sempre se depara. Afinal, o que é um tradutor, senão um intérprete? Este é particularmente o caso quando uma mesma pessoa age como intermediária de um escritor (por escrito e oralmente), em seus textos.

Mattos e Faleiros (2014, p. 35) afirmam que “ainda que a retradução tenha sido sempre praticada, raramente foi objeto de análise e teorização.” Abordamos nesse trabalho um conceito em retradução não devidamente explorado anteriormente: trata-se do retraduzir no intuito de atualizar e remover estereótipos, julgamentos, inferiorização e preconceitos. Com a evolução da sociedade contemporânea, diversas obras do século XIX e XX têm estado na berlinda quanto a estereótipos e sexismo.

Esse trabalho é direcionado especificamente a preconceitos e estereotipação racial. Além da obra corpus desse trabalho, muitas outras obras estão sendo investigadas quanto ao racismo contido nas entrelinhas ou até mesmo de forma direta. Tomamos como exemplo um livro diversas vezes questionado por críticos: *Adventures of Huckleberry Finn* (1885), de Mark Twain. De acordo com o site *The free speech Center*, um artigo de 1907 no *Library Journal* relatou que o livro havia sido banido em algum lugar todos os anos desde sua publicação. Este romance, escrito por Samuel Clemens (1835–1910), sob o pseudônimo de Mark Twain, narra as aventuras de dois meninos brancos e um escravo fugitivo que navegam no rio Mississippi em uma jangada.

Figura 7 - Capa do livro *Adventures of Huckleberry Finn*



Fonte: Twain (1994)

Huck Finn, um adolescente teimoso que desafia os costumes da sociedade, forja a sua própria morte para fugir do pai alcoólatra. Alguns estadunidenses não viam Huck como um exemplo positivo para jovens leitores. Assim que o livro foi publicado, foi proibido por uma orientação de comissários públicos em Concord, Massachusetts, que o caracterizaram como racista. Duas décadas depois, a biblioteca pública de Nova York banuiu *Huck Finn* da sala de leitura infantil. Ao ser informado da censura, Twain comentou que a polêmica só aumentaria as vendas. De fato, o livro se tornou um best-seller. Em 1960, havia vendido 10 milhões de cópias; mais de quarenta edições diferentes foram impressas apenas nos Estados Unidos.

Alguns críticos relataram que *Huckberry Finn* contribuiu para estereótipos raciais. Uma das primeiras críticas a *Huck Finn* dizia respeito ao uso intencional de gramática fora do padrão por Twain no livro. Em geral, a língua é considerada uma representação precisa daquela falada pelas populações rurais no Sul Pré-Guerra Civil. Alguns críticos aceitam as apresentações de Twain como características da época retratada, mas também acreditam que o efeito de algumas das linguagens racialmente carregadas continua a contribuir para estereótipos raciais negativos. Alguns apoiadores do movimento feministas apontaram retratos sexistas e negativos de Twain das mulheres em *Huck Finn*.

O conteúdo apontado como racista tem sido a razão mais mencionada para a censura de *Huck Finn*, principalmente desde 1957 com o crescimento de movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos. Desde o início, no entanto, alguns críticos se opuseram ao “conteúdo racial” de Huck Finn. Esses críticos observam que Twain usa a palavra *n***** 213 vezes no livro. Desde a década de 1970, o uso de *Huck Finn* em escolas e bibliotecas tem sido contestado em vários lugares. Em 1988, um pôster da “Semana dos Livros Banidos” se referiu a esses desafios perguntando: Você chamaria Huck Finn de racista?

Por esses motivos o livro ganhou nova edição, foi feita uma tradução intralingual, do Professor Alan Gribben, da Auburn University, de Montgomery, Alabama, em 2012, a fim de remover o conteúdo racista. Até então as novas edições e retraduições têm sido baseadas na edição Alan Gribben.

É comum ver estudiosos da tradução se preocuparem com a fidelidade à obra de partida e ao mesmo tempo se a mensagem será bem captada pela cultura de chegada, como defende Yves Gambier, no artigo *La retraduction, retour et détour*, de 1994, o teórico diz que a primeira tradução é necessariamente um desvio, ou seja, o tradutor se aproxima daquele texto original de certa forma indiretamente, pois, ele o traduz aproximando-o ao máximo possível à cultura receptora. E a retradução é a possibilidade de retorno ao texto; a reprodução seria um gesto linear, cronológico, evolutivo em direção a um retorno mais aproximado ao texto, a “letra” do texto.

O teórico caracteriza a retradução como um possível ponto de crítica por querer a todo custo modernizar obras antigas, esquecendo o fato de que elas foram concebidas em contextos políticos e sociais diferentes do nosso. Existe o risco de que as gerações mais jovens tenham dificuldade de situar corretamente obras antigas em seu quadro e espaço temporal por causa de sua retradução. Além disso, essas retraduições de obras antigas podem privar os jovens leitores ou espectadores de oportunidades que lhes permitam enriquecer seu vocabulário e sua cultura geral. A retradução é um procedimento que visa corrigir as falhas de uma edição/tradução existente, mas deve permanecer fiel à obra original para não perder seu interesse.

É factível pontuar que Gambier se atém quanto à retradução e à fidelidade das ideias, mas em seu artigo *La retraduction, retour et détour* não questiona uma provável necessidade de mudança nos termos ou até a remoção de conteúdos inaceitáveis para a sociedade atual, pelo contrário, ele defende que os leitores devem ter acesso ao conteúdo o mais fiel possível, justificando o enriquecimento do vocabulário e o aprendizado cultural, mas seguindo essa linha de raciocínio, em que acrescentaria um texto que nitidamente inferioriza um grupo específico?

Lefevere (1992) aborda a compreensão de tradução como uma reescritura. De acordo com o teórico, as reescrituras têm o poder inserir paradigmas, classes e métodos atuais, e a história da tradução está diretamente relacionada à história da evolução literária, da interferência modular de uma cultura sobre outra. Para Lefevere, a tradução é um dos diversos aspectos nos quais as obras de literatura são reescritas. As retraduições, deste modo, conseguem fornecer diferentes textos a partir de outros já presentes, assegurando, portanto, a existência e a disseminação das obras literárias.

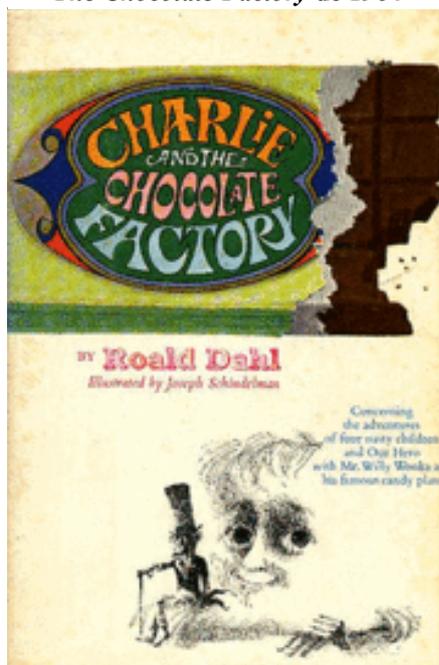
Segundo Mattos e Faleiros (2014), retradução é entendida como a reescrita de um texto-fonte, que de modo concomitante se conecta com outras reescritas desse mesmo texto-fonte, determinando com elas uma série de modos plurais de releitura e reescritura. A retradução, procura salientar que uma reedição é um gesto de acréscimo de novas formas de ler e escrever um texto no ambiente da retradução.

A observação do filósofo Ludwig Wittgenstein se encaixa perfeitamente com o fenômeno da retradução:

“Minha ideia não é atualizar um estilo antigo. Não se trata de pegar velhas formas e arranjá-las de acordo com as exigências do novo gosto. Trata-se realmente de falar, talvez inconscientemente, a velha língua, mas falando-a de tal maneira que pertença ao novo mundo, sem necessariamente pertencer ao gosto deste.” (Wittgenstein, p.41 1998, tradução nossa)

Outro exemplo de livro que precisou do recurso de retradução para se adequar aos padrões contemporâneos foi o livro *Charlie and the Chocolate Factory* (1964) do escritor Roald Dahl, a história fez tanto sucesso que teve adaptações filmicas, mas com estereótipos removidos. O livro narra a história de um garotinho chamado Charlie Bucket que mora com seus pais e todos os quatro avós em uma velha casa em ruínas nas imediações da fábrica do excêntrico fabricante de chocolate Willy Wonka (um engenhoso inventor de doces magicamente deliciosos, que ele produz em sua lendária fábrica). O que acontece por trás das paredes da fábrica é um grande segredo, os portões vivem trancados e ninguém vê funcionários entrarem ou saírem de lá. No entanto, Charlie só pode comprar uma barra de chocolate uma vez por ano em seu aniversário, por que sua família é pobre. Sua refeição diária consiste quase exclusivamente em sopa de repolho. Ainda assim, Charlie não se sente infeliz. Um dia, Willy Wonka anuncia que abrirá os portões da fábrica para cinco crianças. Os ingressos estão escondidos em bilhetes dourados dentro das barras de chocolates. Charlie não consegue acreditar: ele ganhou um dos cobiçados ingressos dourados para a fábrica de chocolate, e assim Charlie começa uma emocionante aventura nesse mundo mágico dos chocolates.

Figura 8 – Capa do livro *Charlie And The Chocolate Factory* de 1964



Fonte: Roald Dahl Wiki (2016)

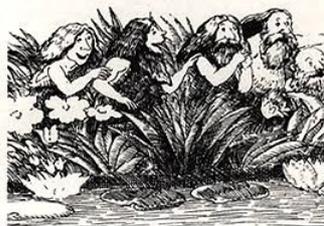
De acordo com o jornal *Estadão*, a esposa viúva de Ronald Dahl declarou que o autor britânico colocou a princípio o protagonista da história Charlie Bucket como um garoto negro. Contudo a agente de Dahl preferiu que o garoto fosse branco, pois ela considerava que um protagonista negro não faria sucesso.

Após a publicação do livro com o personagem Charlie como um menino branco, o livro continuou sendo apontado como racista, pelo fato de que os Oompa-Loompas eram pequenas criaturas que Willy Wonka conheceu em uma expedição na selva e que trabalhavam como operários em sua fábrica. Eles eram vistos apenas como mão de obra prática e barata, o que os críticos consideraram próximo à escravidão. Eles também eram usados como cobaias para Wonka, às vezes com consequências fatais. Assim, os tratando como inferiores. A razão pela qual Wonka os contratou era impedir que os espiões entrassem em sua fábrica para roubar suas receitas, e por esse motivo os Oompas não podiam sair da fábrica. A situação é ainda agravada quando se considera que na primeira edição do livro, os Oompa-Loompas eram negros e vieram da África. Diante das inúmeras críticas houve uma reformulação da história removendo estereótipos racistas, o mesmo aconteceu nas adaptações filmicas, com o intuito de suavizar os aspectos negativos os Oompas foram representados de formas diferentes com os passar dos anos, até chegar na atualidade em que aparecem como figuras de pele alaranjada e cabelos verdes.

Figura 9 - Ilustra a representação dos Oompa-Loompas na edição de 1977 e 1985



Black pygmy Oompa-Loompas, illustrated by Faith Jaques for the first British edition of *Charlie and the Chocolate Factory*, 1977



Politically corrected Oompa-Loompas, illustrated by Michael Foreman for the revised British edition, 1985

Fonte: Roald Dahl fans.com (2023)

Para entender a retradução, não basta descrever ou mesmo comparar diferenças, é necessário entender o contexto histórico da obra para compreender as particularidades temporais que intuitivamente atribuímos a este fenômeno. Um livro é fruto do seu tempo, que diz muito sobre o contexto de publicação, o seu autor, os ideais do período em que foi escrito, ideais estes que podem ser refutados pelos leitores ou até mesmo proibidos por lei hoje em dia. Modernizar um texto significa adequá-lo aos novos padrões; sendo assim, retraduzir também pode suavizar trechos carregados de preconceitos e torná-los mais apresentáveis, mais consensuais.

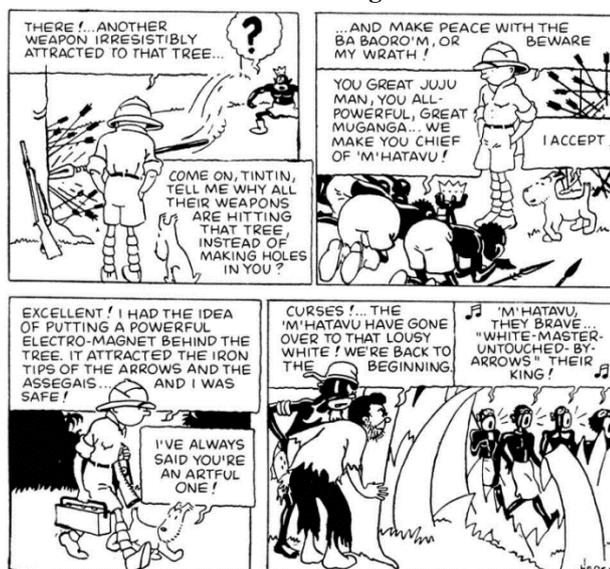
O preconceito deve ser retirado das obras, assim como o cigarro foi retirado das propagandas de TV, houve a inserção de imagens realistas de suas consequências nas embalagens, assim como as propagandas sexistas de cervejas estão pouco a pouco sendo adaptadas. Quando enfraquecemos os vieses preconceituosos, fortalecemos os valores humanos, dizemos não a qualquer forma de discriminação e temos a retradução como uma forte aliada nesse processo.

Um livro que também levantou bastante polêmica e teve retraduições foi o livro em formato HQ com o título: *As aventuras de Tintim* do autor belga Hergé. Seus livros são famosos em todo o mundo, entretanto, *Tintim na África* que em inglês tem como título *Tintim in the Congo* têm gerado bastante contestação. Na HQ *Tintim* e seu fiel escudeiro, o cachorrinho Milu,

partem para uma longa viagem ao ⁵Congo Belga, em um safari fotográfico os dois vivem inúmeras aventuras cheias de animais selvagens; os dois também enfrentam um bandido que tornará a viagem dos dois ainda mais desafiadora.

A história é bastante envolvente, contudo, a forma como os africanos são retratados nessa HQ deixam e muito a desejar com um conteúdo significativamente preconceituoso. Enquanto Tintim era retratado como um personagem branco que é destemido, inteligente e forte, demonstra superioridade; os nativos são retratados como tímidos, inaptos e fracos. Tintim coloca-se em situações em que ele é beneficiado ressaltando sua força e sagacidade à medida que os congoleses eram tidos como mão de obra insipiente, eles eram vistos como ingênuos e submissos. Na imagem a seguir, extraída da HQ em inglês é possível observar as imagens estereotipadas dos congoleses, as falas também elucidam o contraste de superioridade e submissão mencionado anteriormente.

Figura 10 – Página 67 do livro: The adventures of Tintin in the Congo

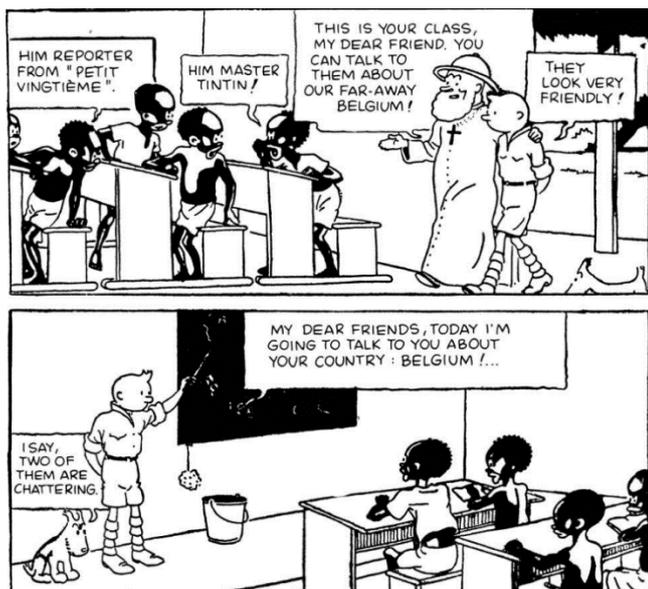


Fonte: Hèrge (2002)

Na imagem abaixo são mostradas mudanças feitas na edição mais recente, onde a princípio Tintin dava uma aula sobre a Bélgica e na edição mais recente ele leciona matemática. Mas infelizmente os desenhos estereotipados permaneceram.

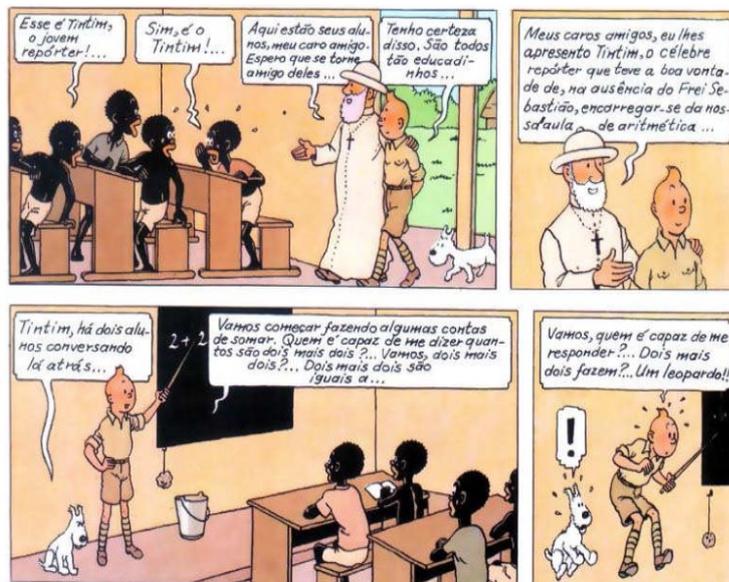
⁵ Na época o Congo era uma colônia belga, sendo chamado hoje em dia de República Democrática do Congo.

Figura 12 – Tintin leciona sobre a Bélgica



Fonte: Hèrge (2002)

Figura 11 - Tintin leciona matemática



Fonte: Hèrge (2008)

Como citado anteriormente, nem sempre uma retradução atinge a perfeição, com é o caso da HQ exemplificado acima. Foram feitas alterações, no entanto as imagens permanecem similares, ainda necessitando serem atualizadas.

5. ANÁLISE DA REEDIÇÃO E DA RETRADUÇÃO DO RACISMO NA OBRA AND THEN THERE WERE NONE

A seguir será apresentado o corpus desta pesquisa: resumos dos livros analisados, descrição dos personagens, apresentação do poema que norteia o enredo do livro, adaptação inspiradas na obra e a mudança de título em outros países. Após a contextualização do corpus será apresentada a análise dos dados obtidos com a aplicação das teorias abordadas nesta pesquisa.

5.1 O livro *And then there were none*

O livro *And then there were none*, escrito por Agatha Christie em 1939, traz um enredo envolvente, cheio de mistério e suspense do início ao fim. Oito pessoas são convidadas por Mr. e Mrs. Owen, por razões distintas, a passar alguns dias na Ilha do Soldado. São eles o juiz Wargrave, Emily Brent, Vera Claythorne, Dr. Armstrong, Henri Blore, Anthony Marston, General Macarthur e Philippe Lombard. Ao chegar à ilha, os anfitriões não se encontram; no entanto, são muito bem recebidos por Mr. e Mrs. Rogers, os empregados da mansão. Ainda na primeira noite, logo após o jantar, ouve-se uma gravação em que todos os convidados, inclusive

os empregados, estavam sendo acusados de supostos crimes. Então se inicia um clima de desconforto, tensão e suspense.

Logo é observada a presença de um poema, com uma cópia em todos os cômodos da mansão. Trata-se de uma antiga canção infantil, cujo texto rege toda a trama, como uma espécie de script do que irá acontecer, que indica, inclusive, que todos os convidados irão morrer.

Tabela 2 – Página extraída do livro - Poema “Ten little soldiers”

Ten little soldier boys went out to dine; One choked his little self and then there were Nine.
 Nine little soldier boys sat up very late; One overslept himself and then there were Eight.
 Eight little soldier boys travelling in Devon; One said he'd stay there and then there were Seven.
 Seven little soldier boys chopping up sticks; One chopped himself in halves and then there were Six.

 Six little soldier boys playing with a hive; A bumble bee stung one and then there were Five.
 Five little soldier boys going in for law; One got in Chancery and then there were Four.
 Four little soldier boys going out to sea; A red herring swallowed one and then there were Three.

 Three little soldier boys walking in the Zoo; A big bear hugged one and then there were Two.
 Two little soldier boys sitting in the sun; One got frizzled up and then there was One.
 One little soldier boy left all alone; He went and hanged himself
 And then there were None.

Fonte: Christie (2011)

Os versos descrevem dez soldadinhos que encontram destinos diferentes, um a um sofrem acidentes ou incidentes até que não reste nenhum. O poema serve como uma contagem

Tabela 3 – Página extraída do livro - Poema “Os dez soldadinhos”

Dez soldadinhos saem para jantar, a fome os move; um deles se engasgou, e então sobraram nove.
 Nove soldadinhos acordados até tarde, mas nenhum está afoito; um deles dormiu demais, e então sobraram oito.
 Oito soldadinhos vão a Devon passear e comprar chiclete; um não quis mais voltar, e então sobraram sete.
 Sete soldadinhos vão rachar lenha, mas eis
 Que um deles cortou-se ao meio, e então sobraram seis.
 Seis soldadinhos com a colmeia, brincando com afinco; A abelha pica um, e então sobraram cinco.
 Cinco soldadinhos vão ao tribunal, ver julgar o fato; um ficou em apuros, e então sobraram quatro.
 Quatro soldadinhos vão ao mar; um não teve vez, foi engolido pelo arenque defumado, e então sobraram três.
 Três soldadinhos passeando no zoo, vendo leões e bois, O urso abraçou um, e então sobraram dois.
 Dois soldadinhos brincando ao sol, sem medo algum; um deles se queimou, e então sobrou só um.
 Um soldadinho fica sozinho, só resta um; Ele se enforcou,
 E não sobrou nenhum.

Fonte: Christie (2014)

regressiva arrepiante, aumentando a tensão e o suspense à medida que os personagens lentamente percebem a conexão entre o poema e seu próprio destino iminente. À medida que cada morte ocorre, uma das estatuetas que representam os meninos soldados é removida de uma mesa de jantar, criando uma representação visual misteriosa de seus números cada vez menores. Christie tece o poema com precisão, sua estrutura repetitiva aumenta a sensação de inevitabilidade, destacando o desamparo dos personagens diante de um assassino desconhecido.

5.1.1 Sobre os personagens

a) **Anthony James Marton** – É um homem presunçoso e imoral. Teve a sua habilitação cancelada por dirigir em alta velocidade. É acusado de matar duas crianças por dirigir perigosamente, mas não demonstra arrependimento pelo ato. Marton morre após beber um copo de uísque envenenado com cianeto.

b) **John Gordon MacArthur** – É um general aposentado. Suspeito de mandar, propositalmente, Arthur Richmond, o amante de sua esposa, para um combate na guerra para ser morto pelo inimigo. O general logo no início percebeu que nem ele e nem os outros sairiam vivos de lá. Morre com um golpe no pescoço.

c) **Lawrence Wargrave** – É um juiz de uma aparência calma e atenciosa, mas de opinião firme, sendo inflexível. Foi acusado de mandar Edward Setonum à forca, após evidências de sua inocência. Wargrave é supostamente morto com um tiro na cabeça, porém há muito mais mistérios envolvendo este personagem.

d) **Edward Armstrong** – É um médico experiente que sofria com alcoolismo. Foi acusado de matar a paciente Louisa Clees, por operá-la sob efeito de álcool. O personagem é morto ao ser empurrado de um penhasco.

e) **Emily Brent** – Representa uma figura religiosa com uma aparente moral inquestionável. Na história fica evidente que essa religiosidade esconde o seu caráter impiedoso. Ela é suspeita de induzir a sua empregada, Beatrice Taylor, ao suicídio. Após descobrir a sua gravidez, a Sr^a. Brent a abandona. Brent morre com uma injeção de cianeto no pescoço.

f) **William Henry Blore** – É um investigador particular, ex-policial, que age da forma mais pacífica e calma em relação aos demais convidados. É suspeito de dar falso testemunho contra James Landor, o que o levou a ser preso injustamente, e, em seguida, morreu por trabalhos forçados. Blore morre com a cabeça despedaçada por um pêndulo de mármore em forma de urso.

g) Philip Lombard – É um capitão militar inglês, o mais corajoso do grupo e o único que foi com um revólver para a ilha por causa da carta enviada pelo Mr. Owen a ele. Lombard é suspeito de ter confiscado alimentos de 21 homens pertencentes a uma tribo africana que se perdera na selva, deixando-os morrer de fome. É um homem com um forte instinto de sobrevivência. Ele morre ao ser atingido por um tiro de Vera Claythorne.

h) Vera Claythorne – Era a governanta da família Hamilton, tendo a missão de cuidar do menino Cyrill Hamilton. Era noiva do tio de Cyrill, Hugo Hamilton e descobriu que seu noivo não receberia nenhuma herança e que a criança teria toda a fortuna. Ela é suspeita de ter afogado a criança. É a última viva na ilha, mas acaba se enforcando por remorso.

i) Ethel e Thomas Rogers – São o casal de funcionários da Ilha do Soldado. Jamais viram o Sr. Owen e são acusados de deixar uma velha senhora doente (Jennifer Brady) morrer para poderem ficar com a sua herança. Ethel fica em estado de choque quando escuta a sua parte na fita. Ethel morre de overdose de cloral e Thomas morre com o crânio partido em dois por um machado.

5.2 Adaptações inspiradas no livro *And then there were none*

O livro *And then there were none* de Agatha Christie é uma das obras mais populares da autora e tem sido adaptada várias vezes para diferentes mídias. A história, que foi originalmente publicada em 1939, foi inspiração inúmeras versões tais como uma minissérie, filmes, HQs, jogos de videogames dentre outros. A popularidade do livro pode ser atribuída à sua trama intrigante, de suspense envolvente, que continua a atrair novos leitores e fãs de adaptações audiovisuais. A seguir elencaremos algumas das diversas adaptações. Existem várias adaptações cinematográficas e televisivas do livro *And Then There Were None* de Agatha Christie. Algumas das mais notáveis são:

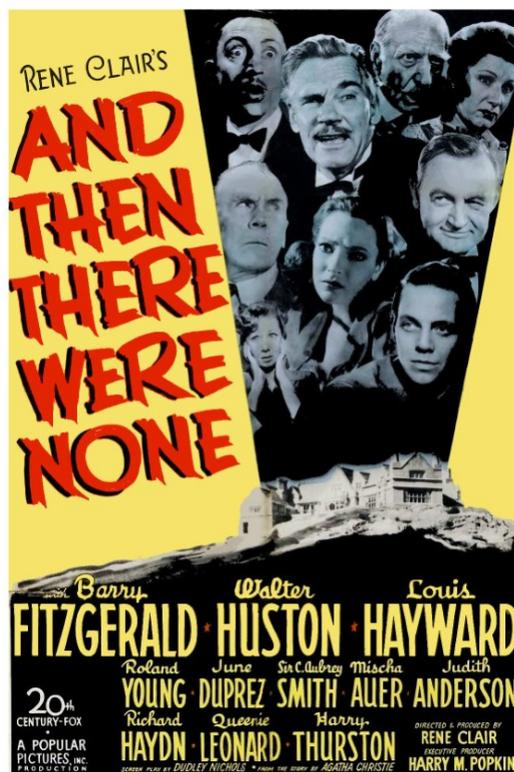
a) Filme: *And Then There Were None* (1945) dirigido por Rene Clair

O filme inspirado no livro *And Then There Were None* de Agatha Christie, recebeu o mesmo título em inglês e em PTBR foi intitulado por “O Vingador Invisível”, estrelado por Barry Fitzgerald e Walter Huston, bem como por Louis Hayward, Roland Young, Judith Anderson, Mischa Auer dentre outros, foi considerado na época uma das melhores adaptações da obra de Christie. Esta adaptação segue a história do livro de perto e se destacou por reproduzir a atmosfera sombria e tensa, assim como suas reviravoltas surpreendentes. É um dos filmes de mistério mais aclamados do período e foi indicado ao Oscar de Melhor Fotografia em Preto e Branco. O filme é um exemplo clássico do gênero ⁶“Whodunit” que se tornou popular

⁶ Um estilo de histórias de ficção que se inicia com um crime e frequentemente se trata de um assassinato, no qual um detetive é chamado para desvendar o caso. (HERBERT, 2003)

na literatura e no cinema ao longo do século XX. "And Then There Were None" é um filme emocionante e envolvente que continua a ser assistido e apreciado por fãs de mistério e suspense.

Figura 13 - Capa do filme And Then There Were None (1945)

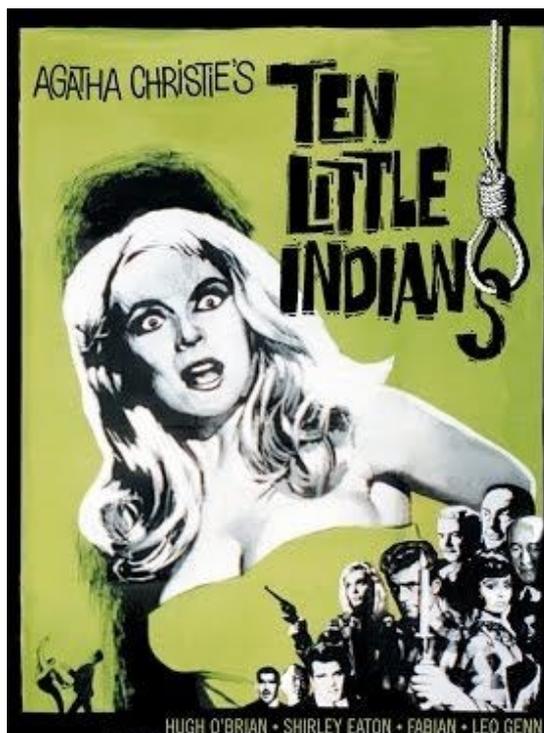


Fonte: IMDb (2007)

b) Filme Ten Little Indians (1965): dirigido por George Pollock

Também inspirado no livro de Christie "Ten little indians" é um filme de suspense britânico de 1965 dirigido por George Pollock. Apresenta um elenco que inclui Hugh O'Brian, Shirley Eaton, Mike Raven, Leo Genn, Stanley Holloway dentre outros. A trama segue dez estranhos que são convidados para uma mansão isolada em uma ilha e são assassinados um a um, com cada morte refletindo um verso da canção de ninar "Ten Little Indians". O filme garante o clima de suspense do início ao fim e reviravoltas surpreendentes, esta é também uma adaptação popular dentre as muitas inspiradas nesse romance policial.

Figura 14 - Capa do filme Ten Little Indians (1965)

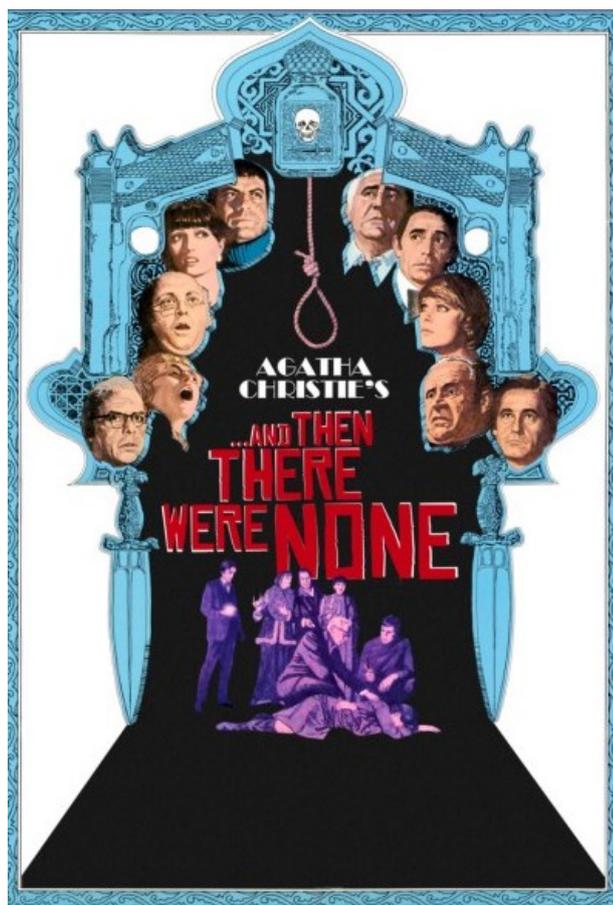


Fonte: IMDb (2014)

c) *And Then There Were None* (1974): dirigido por Peter Collinson

Esta é outra adaptação cinematográfica do livro de Christie, estrelado por Oliver Reed, Elke Sommer, Richard Attenborough, Charles Aznavour dentre outros. E assim como as outras versões, o filme é fiel ao enredo do livro, no entanto, talvez não seja tão conhecido quanto outras adaptações do livro. O ambiente sinistro do livro é bem capturado no filme, que tem um elenco forte e uma direção habilidosa. Uma das diferenças notáveis em relação ao livro é a adição de um epílogo que não está presente na obra original. Essa cena adicional fornece uma explicação mais detalhada e pode ter sido acrescentada para dar um senso de encerramento à história.

Figura 15 - - Capa do filme: *And Then There Were None* (1974)



Fonte: Moria (1999)

d) Filme *Ten Little Indians* (1989): dirigido por Alan Birkinshaw

A adaptação filmica de 1989, estrelada por Donald Pleasence e Brenda Vaccaro, foi baseada no final alternativo do livro e é de fato uma das adaptações mais sombrias da obra de Christie. Nessa adaptação, nenhum dos dez personagens que se reúnem na ilha sobrevive e o assassino permanece sem ser detectado. Essa virada sombria é típica do filme *noir* e dá um charme especial à adaptação. *Ten Little Indians* é também uma adaptação bem-sucedida do clássico policial de Agatha Christie.

Figura 16 Capa do filme: Ten Little Indians (1989)



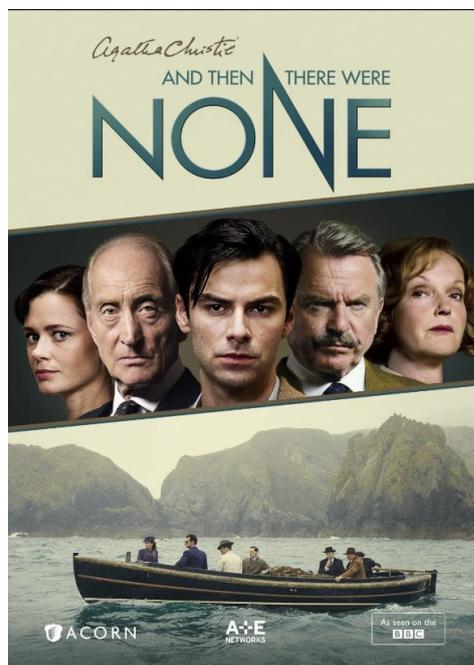
Fonte: cinema Retro (2020)

e) Minissérie And Then There Were None (2015): Direção de Craig Viveiros

É uma minissérie da televisão britânica baseada no romance de mesmo nome de Agatha Christie. A minissérie foi transmitida pela primeira vez na BBC One em dezembro de 2015 e consiste em três episódios. A série se passa em 1939 e segue o *script* de acordo com os acontecimentos do livro, onde dez estranhos que são atraídos para uma ilha isolada na costa de Devon por um anfitrião misterioso. Eles logo percebem que foram levados para lá com um propósito sombrio, quando se inicia uma série de assassinatos. À medida que o número de sobreviventes diminui, eles devem trabalhar juntos para descobrir a identidade do assassino antes que seja tarde demais. A minissérie apresenta um elenco que inclui Douglas Booth, Charles Dance, Maeve Dermody, Burn Gorman, Anna Maxwell Martin, Sam Neill, Miranda Richardson, Toby Stephens, Noah Taylor e Aidan Turner. A adaptação é fiel ao romance de Christie e foi bem recebida pela crítica e pelo público, com elogios quanto a fotografia, sonoplastia e também pelas grandes atuações. ganhou o prêmio de Melhor Drama no National Television Awards de 2016 e foi indicado para vários outros prêmios, incluindo dois prêmios

BAFTA. No geral, "And Then There Were None" é uma adaptação emocionante e cheia de suspense de uma das obras mais famosas de Agatha Christie.

Figura 17 - Capa da Minissérie And Then There Were None (2015)



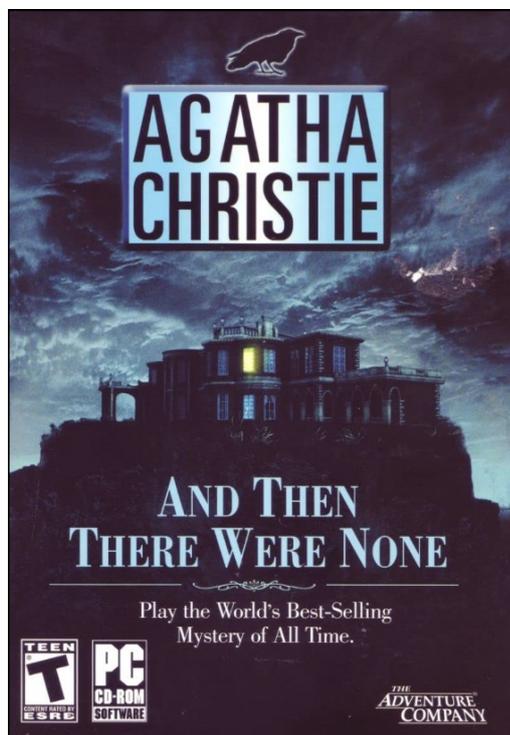
Fonte: IMDb (2015)

f) Jogo: Agatha Christie: And Then There Were None (2005). Fabricante: AWE Games

O jogo de computador desenvolvido pela AWE Games e publicado pela The Adventure Company, foi lançado para Windows e Nintendo Wii. O jogo segue de perto o enredo do livro, com algumas pequenas alterações, entretanto mantém a sensação de suspense e mistério. Na história o jogador assume o papel de Patrick Narracott: um marinheiro que é contratado para transportar dez estranhos para a Ilha do Soldado, onde todos são reunidos em uma casa de luxo. Quando a tempestade os deixa isolados, o grupo começa a ser assassinado um a um, de acordo com a rima infantil "Dez Soldadinhos". O objetivo do jogo é descobrir quem é o assassino e impedir que os dez convidados sejam assassinados. O jogo apresenta pistas e enigmas que devem ser resolvidos para progredir na história e o jogador pode conversar com os personagens para obter mais informações. O jogo também tem diversos finais, dependendo das escolhas do jogador. A adaptação recebeu muitas críticas, a maioria positiva e é considerado um bom

exemplo de um jogo de aventura ⁷"point-and-click", captura a atmosfera tensa e claustrofóbica do livro de Christie e fornece um desafio intrigante para quem gosta de games e mistério.

Figura 18 - Capa do jogo And Then There Were None (2005)



Fonte: IMDb (2011)

g) HQ Cascão: *O caso dos 10 porquinhos* (1988). Autor Mauricio de Sousa

É uma história em quadrinhos, brasileira, baseada no personagem "Cascão", popular personagem da série em quadrinhos "Turma da Mônica" de Mauricio de Sousa. A história é sobre Cascão, que tenta ser detetive e tenta solucionar o assassinato de dez porquinhos. Cada um dos porquinhos morreu de forma diferente e Cascão deve coletar as pistas para descobrir quem é o assassino. Ele é apoiado pelos outros personagens da Turma da Mônica, como Magali, Cebolinha e Mônica. A trama se desenrola com muitas pistas e reviravoltas e no final descobre-se que o culpado é o lobo-guará, que se disfarçava de cordeirinho para enganar as vítimas. O enredo é uma divertida mistura de crime e humor e foi bem recebida pelos fãs do HQ. Os desenhos são coloridos e detalhados, o que tornou a história ainda mais atrativa para os jovens

⁷ Jogos onde é preciso explorar o cenário com a ajuda do seu mouse, as ações e decisões tomadas no jogo são feitas por conta do clique do mouse ou de alguma ação do botão do controle caso esteja jogando o estilo em um console. (FILHO, 2017)

leitores da época. No geral, "Casção: O Caso dos 10 Porquinhos" é uma divertida história em quadrinhos voltada para crianças e adultos interessados em ficção policial e quadrinhos.

Figura 19 - Capa do HQ Casção: O caso dos 10 porquinhos (1988)



Fonte: Sousa (1988)

h) HQ Dix Petits Nègres (1996). Adaptação François Rivière

Existe a adaptação do livro em formato de História em quadrinhos (doravante HQ), feita por François Rivière e ilustrada por Frank Leclercq em 1996. O HQ foi originalmente publicado em francês sob o título "Dix Petits Nègres" e posteriormente traduzida para o inglês como "And then there were none". Essa HQ foi traduzida e difundida em diversas línguas. O curioso é que o título considerado racista permanece na maior parte das línguas: é o caso das edições em PTBR, holandês, grego, francês e indonésio. Na edição em italiano o título é modificado para "Os dez indiozinhos" e somente em inglês e alemão que temos o título E não sobrou nenhum. A seguir apresentaremos uma compilação das capas dos HQs extraída a partir das imagens do site Goodreads. Edições em: PTBR, O caso dos dez negrinhos, 1997. Inglês, And then there

were none 2009 e 2011. Italiano, Dieci piccoli indiani, 2009. Franês, Dix Petit Nègres, 2002. Grego, Δέκα μικροί νέγροι, 2000. Holandês, Tien kleine negertjes, 1996 e 1974. Alemão, Und dann gabs keines mehr, 2012.

Figura 20 – Compilação das capas dos HQs inspirados em And Then There Were None



Fonte: Goodreads

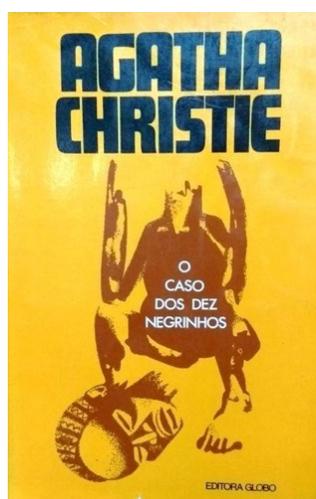
5.3 A mudança de título ao redor do mundo

O debate sobre termos discriminatórios na literatura vem causando muita controvérsia, como a descrição estereotipada de personagens, piadas bobas, e termos questionáveis. Este subcapítulo debate as mudanças de título do livro *And then there were none* de Agatha Christie em diversos países, apesar de conter trechos preconceituosos e de o termo “n****” se repetir 74 vezes no enredo, alguns países levaram muitos anos até chegarem a decisão de atualizar o título, o que nos levam a crer que por trás dessa resistência em rever os termos racistas reside o medo de abandonar os próprios preconceitos. É impressionante pensar que ainda se faz necessário refletir sobre o uso de termos discriminatórios, mesmo sabendo que seus significados depreciativos são dolorosos, ainda estão presentes em nossa sociedade.

a) Português do Brasil

No Brasil o livro de Agatha Christie foi publicado inicialmente como “O caso dos dez negrinhos”, neste estudo utilizamos a edição de 1976. A necessidade de atualização e remoção do teor racista veio a partir de 2014, o título foi modificado para “E não sobrou nenhum” e nos trechos onde anteriormente se utilizava o termo “negrinho(s)” foram substituídos por “soldadinhos”. Veja nas figuras a seguir a modificação.

Figura 22 – Capa: O caso dos dez negrinhos



Fonte: Christie (1976)

Figura 21 – Capa: E não sobrou nenhum

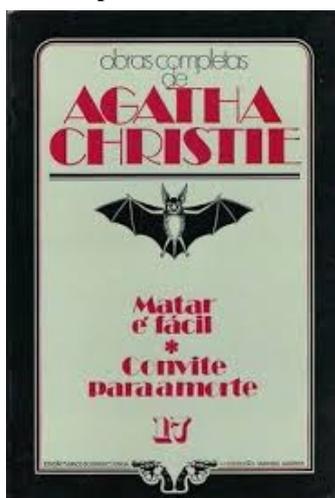


Fonte: Christie (2014)

b) Português de Portugal

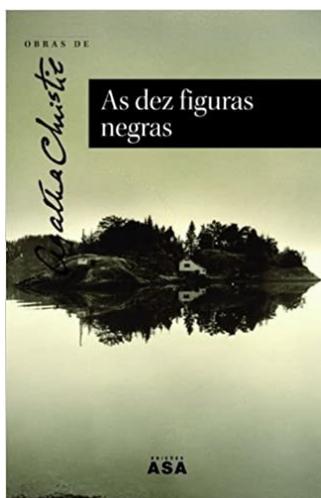
Em Portugal o lançamento foi em 1948, com o título *Convite para a Morte*, este título já era adequado apesar de que no interior do livro permanecessem os mesmos termos racistas. Depois foi lançada a edição de 2003 com o título “*As Dez Figuras Negras*” ou seja houve um regressão quanto ao título anterior. Somente em 2020 o título se tornou “*No Início, Eram Dez...*” fizeram alterações no título e também a remoção de termos racistas.

Figura 24 – Capa: *Convite para a Morte*



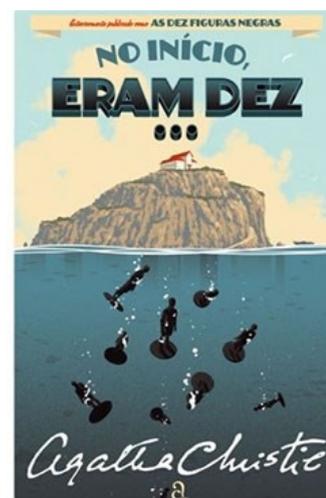
Fonte: Christie (1948)

Figura 23 – Capa: *As Dez Figuras Negras*



Fonte: Christie (2003)

Figura 25 – Capa: *No Início, Eram Dez...*



Fonte: Christie (2020)

c) Inglês

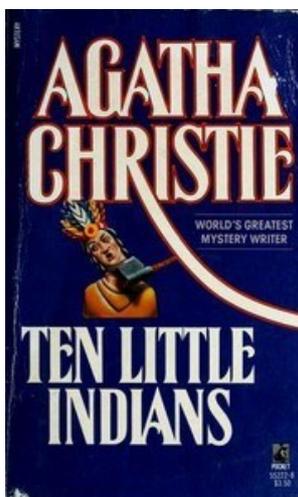
O livro que tem como país de origem a Inglaterra, foi lançado com o título “*Ten little n*****”, no entanto o termo “*n*****” tem um teor altamente pejorativo, tendo inclusive restrições quanto ao uso, em inglês costuma se dizer “*N word*” para se referir ao termo. Com a necessidade de mudança veio o título “*Ten little indians*” mas também não foi bem aceito e por último “*And then there were none*”. Já nos Estados Unidos o livro foi lançado em um período de animosidade por conta da segregação racial, fazendo com que as editoras optassem pela mudança do título desde o início para “*And then there were none*” com o intuito de que o livro fosse aceito por todos, sendo este o título que permaneceu até o momento para os leitores de países anglófonos.

Figura 28 – Capa: Ten little “N*”**



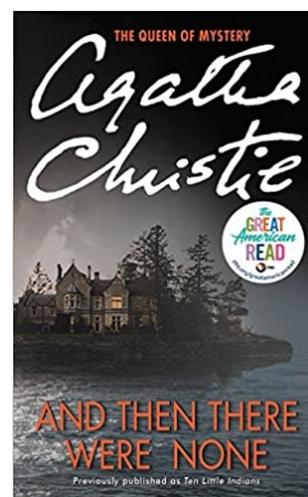
Fonte: Christie (1948)

Figura 27 – Capa: Ten little indians



Fonte: Christie (1986)

Figura 26 – Capa: E não sobrou nenhum

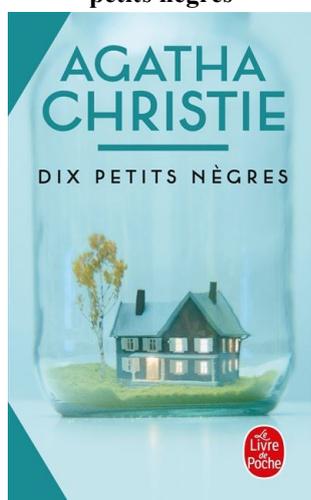


Fonte: Christie (2011)

d) Francês

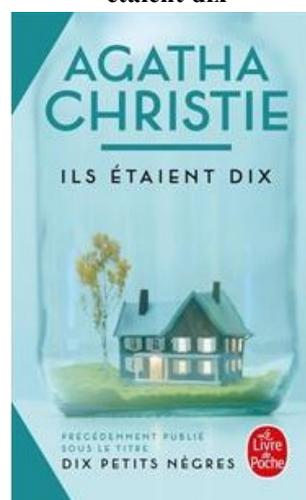
De acordo com o site francês La Presse, o antigo *Dix petits nègres* teve o título modificado somente em 2020, uma mudança tardia comparada a outros países. A nova edição é intitulada por *Ils étaient dix* (*Eram dez*), não possui mais termos que possam ofender o leitor. Na nova capa que mantém a mesma imagem, há a alteração apenas do título com uma observação na parte inferior informando sobre o título anterior.

Figura 30 – Capa: Dix petits nègres



Fonte: Christie (2002)

Figura 29 – Capa: Ils étaient dix

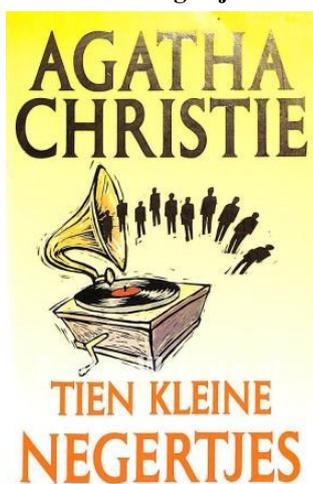


Fonte: Christie (2020)

e) Holandês

O livro foi publicado inicialmente com o título *Tien kleine negertjes* em 1948 na Holanda e se manteve inalterado por 56 anos tendo de acordo com o site Inventaire a primeira edição modificada em 2004, com o título *En toen waren er nog maar...* (*E só sobraram...* tradução nossa). Desde então, foram publicadas novas edições do livro já com o título adequado como será exposto na figura abaixo em uma edição de 2015. Mostraremos também a capa de uma edição de 1992 com o título anterior.

Figura 32 – Capa: Tien kleine negertjes



Fonte: Christie (1948)

Figura 31 – Capa: En toen waren er nog maar...

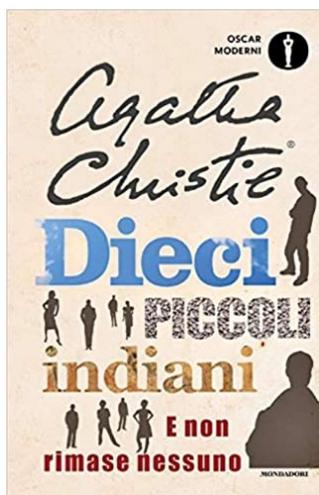


Fonte: Christie (2004)

f) Italiano

Após realizarmos pesquisas descobrimos que na edição italiana o título do livro já não fazia referência ao título: Dez negrinhos. A edição que circula até hoje na Itália é “*Dieci piccoli indiani. E non rimase nessuno*” equivalente a “Os dez indiozinhos. E não sobrou nenhum.” Em tradução literal.

Figura 33 – Capa: Dieci piccoli indiani. E non rimase nessuno



Fonte: Christie (2020)

g) Alemão

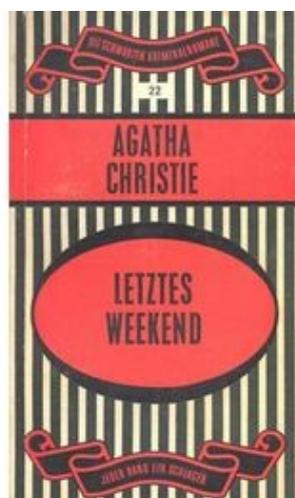
Na Alemanha o romance de Agatha Christie teve o título adequado desde 1944 com a tradução de Anna Katharina Rehmann-Salten a tradutora optou pelo título “*Letztes Weekend*” O último fim de semana, em tradução literal, e em edições mais recentes com o título Und dann gab's keines mehr com a tradução de Sabine Deitmer. Nas figuras abaixo estão as edições de 1952 e 2015.

Figura 36 – Capa: Und dann gab's keines mehr



Fonte: Christie (1952)

Figura 34 – Capa: Letztes Weekend

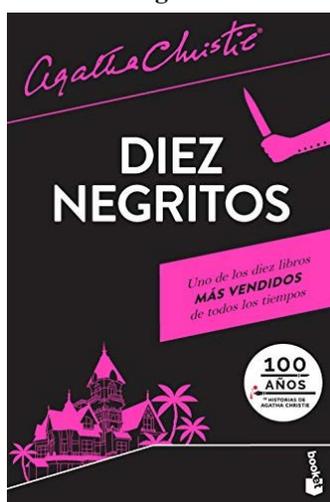


Fonte: Christie (2015)

h) Espanhol

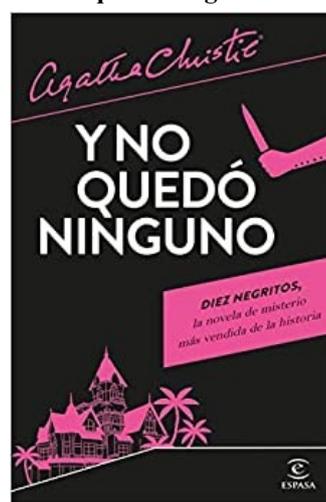
A edição em espanhol foi lançada em 1951 e intitulada por “*Diez Negritos*”. Com o passar dos anos questionamentos sobre o teor racista começaram a surgir entre os leitores, entretanto, a mudança foi tardia, encontramos a edição com o título atualizado para “*Y no quedó ninguno*” somente do ano de 2022.

Figura 42 – Capa: Diez Negritos



Fonte: Christie (1951)

Figura 39 – Capa: Y no quedó ninguno



Fonte: Christie (2022)

Como pudemos observar o título do livro "And Then There Were None" de Agatha Christie sofreu diversas alterações ao longo dos anos e em diferentes países, sendo que em alguns casos essa mudança foi tardia. O título em espanhol foi último a mudar até então fazendo a atualização somente em 2022. Vale ressaltar que esse adiamento na mudança de título em alguns países pode ter ocorrido devido a um lento processo de reconhecimento e abordagem de linguagem ofensiva ou questões de sensibilidade cultural.

5.4 Análise das 5 edições do livro *And then there were none* e o processo de desconstrução do racismo

A seguir, realizamos uma análise da obra escolhida como corpus dessa pesquisa, que são as edições do Livro *And then there were none* (título atual), escrito por Agatha Christie em 1939.

São elas:

- Ten little n*** (1963)
- O caso dos dez negrinhos (1976)
- Ten little Indians (1986)
- And Them There Were None (2011)

- E Não Sobrou Nenhum (2014)

É importante salientar que não há indícios de que a autora teve intenção racista ao escrever este livro. Consideramos que foi uma escolha infeliz em relação ao poema que rege a trama e que os termos utilizados não eram vistos com tal estranheza naquele período, ou seja, fazia parte do polissistema da época.

Esse é um exemplo de uma obra que “envelheceu mal” e que sem os recursos de tradução não teria a aceitação que tem atualmente. Para Hall (2006), tudo que é dito tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” onde outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele busca uma conclusão (a identidade), mas é continuamente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente fugindo do nosso controle. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer domínio, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. Assim como o significado de uma palavra que pode sofrer uma mudança de percepção, algo que quando era dito antes como o termo “N***” não causava espanto e que nitidamente uma palavra hostil.

As teorias sistêmicas justificam a necessidade de atualização do livro, além do mais, para que ocorresse a adequação foi primeiramente realizada uma tradução intralingual, tornando possível as retraduições, ou seja, foi preciso fazer uma tradução na mesma língua com o intuito de melhoria da obra e para cada edição lançada com mudanças no texto-fonte, houve alteração no texto-meta, o PTBR, e a justificativa das mudanças é a movimentação constante dos polissistemas.

No período em que a primeira edição do livro foi lançada iniciava-se a Segunda Guerra Mundial, diversos eventos históricos ocorreram naquele período. Era também um período pós-escravatura, cujas consequências deixaram marcas profundas na sociedade, e apesar dos movimentos de luta pela igualdade de direitos entre negros e brancos, a cultura racista ainda estava arraigada na sociedade e a utilização de tais termos não eram mal vistos, e uma das características da autora Agatha Christie era a utilização de uma linguagem mais popular em seus livros. Com o passar dos anos, houve mudanças de comportamento, movimentos de luta pela igualdade racial foram ganhando mais força. Essa evolução traz novas necessidades: tais termos não podem mais ser aceitos e as editoras estão em alerta sobre este assunto, pois livros de ideologia politicamente incorreta estão cada vez mais sendo denunciados.

Nos quadros a seguir serão feitas análises de elementos utilizados na desconstrução do racismo na literatura atual. Serão discutidos trechos das primeiras edições em inglês e PTBR que denotam um teor racista, tendo como ponto de partida o livro *Ten Little “N***”*, edição de 1963, com a qual será feito um paralelo com *O Caso dos Dez Negrinhos*, de 1976. Discutiremos

também a edição do livro intitulada *Ten little indians*, de 1986, da qual não foi encontrada uma edição equivalente em PTBR, somente uma adaptação para peça teatral, cujo formato não se adequa aos critérios de análise definidos. Em seguida confrontaremos as edições antigas com as edições mais recentes, *And Then There Were None*, de 2011, paralelamente à edição *E Não Sobrou Nenhum*, de 2014, da qual foram retiradas as partes consideradas racistas com o auxílio da tradução intralingual e da retradução para se adaptarem ao polissistema atual. Discutiremos quais termos utilizados e o motivo pelo qual se optou por eles nas edições retraduzidas e também realizaremos uma análise das técnicas de tradução aplicadas na edição em PTBR.

Na tabela 2, ao serem comparadas as edições antigas e as mais recentes, observamos que foram substituídos os termos “N***” *boys* (1963) e *negrinhos* (1976) por *Indian boys* (1986) depois por *Soldier boys* (2011) e *Soldadinhos* (2014). Com tantas mudanças, é visível que havia um problema na obra, mesmo sendo um dos livros mais famosos da autora.

O trecho analisado é o poema que rege toda a trama, trata-se de uma antiga cantiga de rima infantil, de conteúdo extremamente racista. A música projeta pessoas negras como sendo ignorantes. O folclore e todo o seu universo sempre acontecem dessa forma, através da repetição e da popularização de algo, cria-se uma “verdade” popular, como esses versos “cômicos”, por exemplo, que foram usados para difundir e reforçar a degradação da população negra. Esses subterfúgios tinham a pretensão de ressaltar a supremacia branca. Entretanto, no período em que a rima foi lançada teve boa aceitação e era vista como uma canção inofensiva de conteúdo engraçado. Relacionamos à popularidade da canção à músicas infantis, como por exemplo a canção brasileira infantil ‘Atirei o pau no gato’, que por muitos anos foi popular na sociedade e que todos cantavam sem se dar conta do teor dos versos e que hoje em dia é ensinada com ‘não atire o pau no gato’. Acreditamos que essa provável “normalidade” de canções, poemas de conteúdo ofensivo fez com que a autora não visse o problema ao escolher a rima como ponto chave de seu livro. O conceito de polissistema é relevante para entender a influência do contexto cultural e sociopolítico em uma tradução e como um texto pode envelhecer ao longo do tempo. Um polissistema refere-se a um conjunto de normas, convenções e valores que regem a produção e recepção de textos em uma determinada cultura ou sociedade. Quando um texto é traduzido, ele passa por um processo de adaptação para se adequar ao sistema tradutório da língua-alvo. Nesse processo, as normas estabelecidas no polissistema da língua-alvo podem afetar a forma como a tradução é realizada. Além disso, a forma como um texto é traduzido. Por exemplo, certas ideias ou conceitos que eram aceitáveis ou relevantes em uma época podem se tornar obsoletos ou controversos ao longo do tempo e o tradutor precisará encontrar uma solução que seja culturalmente adequada. Uma tradução que não leve em consideração essas

mudanças podem transmitir uma visão desatualizada ou até mesmo ofensiva do texto original, sendo necessário reconhecer a relevância do conceito de polissistema ao traduzir um texto. Isso pode exigir atualizações e adaptações no texto para garantir que ele reflita adequadamente o contexto social da época em que está sendo lido. Dessa forma, a tradução se torna mais fiel ao texto original, transmitindo sua mensagem de maneira precisa e relevante para o público contemporâneo.

No caso da obra em questão, para as novas edições decidiram não alterar a essência do poema, apenas, substituir os termos racistas. Sendo que a primeira tentativa também não foi bem sucedida, pois *N*** boys* foi substituído por *Indian boys* o que perdura um estereótipo ainda racista, pois, trocaram um termo preconceituoso por um termo que ainda tinha conotações estereotipadas e problemáticas em relação aos nativos americanos. Com o tempo e a crescente conscientização sobre a importância de evitar linguagem racista houve a modificação do termo *Indian boys* por *Soldier boys*, ‘soldadinhos’ em PTBR, essa mudança foi considerada mais aceitável, pois não menospreza nenhuma raça ou grupo étnico específico.

Deve se considerar que embora essas mudanças tenham sido realizadas para suprimir termos ofensivos e racistas, é preciso levar em conta o contexto histórico em que a obra foi escrita e as mudanças subsequentes que buscaram eliminar linguagem prejudicial. No geral, essas alterações visam promover a conscientização, e refletem uma evolução na forma como a sociedade compreende e aborda questões relacionadas à representação e à igualdade racial. Confira as modificações do poema na tabela 2:

Tabela 4 – Poema que rege a trama do livro

| Edição em inglês (1963) ⁸ | Edição em PTBR (1976) ⁹ |
|--|--|
| <p>Ten little n*** boys went out to dine; One choked his little self and then there were Nine.</p> <p>Nine little n*** boys sat up very late; One overslept himself and then there were Eight.</p> | <p>Dez negrinhos vão jantar enquanto não chove; Um deles se engasgou e então ficaram nove.</p> <p>Nove negrinhos sem dormir: não é biscoito! Um deles cai no sono, e então ficaram oito.</p> <p>Oito negrinhos vão a Devon de charrete;</p> |

⁸ CHRISTIE A., *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p.24s.

⁹ CHRISTIE A., *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.22.

| | |
|---|---|
| <p>Eight little n*** boys travelling in Devon; One said he'd stay there and then there were Seven.</p> <p>Seven little n*** boys chopping up sticks; One chopped himself in halves and then there were Six.</p> <p>Six little n*** boys playing with a hive; A bumble bee stung one and then there were Five.</p> <p>Five little n*** boys going in for law; One got into Chancery and then there were Four.</p> <p>Four little n*** boys going out to sea; A red herring swallowed one and then there were Three.</p> <p>Three little n*** boys walking in the Zoo; A big bear hugged one and then there were Two.</p> <p>Two little n*** boys sitting in the sun; One got frizzled up and then there was One.</p> <p>One little n*** boy left all alone; He went out and hanged himself and then there were None.</p> | <p>Um não quis mais voltar, e então ficaram sete.</p> <p>Sete negrinhos vão rachar lenha, mas eis Que um deles se corta, e então ficaram seis.</p> <p>Seis negrinhos de uma colmeia fazem brinco; A um pica uma abelha, e então ficaram cinco.</p> <p>Cinco negrinhos no foro, a tomar ares; Um ali foi julgado, e então ficaram dois pares.</p> <p>Quatro negrinhos no mar; a um tragou de vez O arenque defumado, e então ficaram três.</p> <p>Três negrinhos passeando no Zoo. E depois? O urso abraçou um, e então ficaram dois.</p> <p>Dois negrinhos brincando ao sol, sem medo algum; Um deles se queimou, e então ficou só um.</p> <p>Um negrinho aqui está a sós, apenas um. Ele então se enforcou, e não ficou nenhum.</p> |
| <p>Edição em inglês (1986)¹⁰, sem tradução para PTBR</p> | |
| <p>Ten little Indian boys went out to dine; One choked his little self and then there were nine.</p> <p>Nine little Indian boys sat up very late; One overslept himself and then there were eight.</p> | |

¹⁰ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986, p.30s.

Eight little Indian boys travelling in Devon;

One said he'd stay there and then there were seven.

Seven little Indian boys chopping up sticks;

One chopped himself in halves and then there were six.

Six little Indian boys playing with a hive;

A bumblebee stung one and then there were five.

Five little Indian boys going in for law;

One got in Chancery and then there were four.

Four little Indian boys going out to sea;

A red herring swallowed one and then there were three.

Three little Indian boys walking in the Zoo;

A big bear hugged one and then there were two.

Two little Indian boys sitting in the sun;

One got frizzled up and then there was one.

One little Indian boy left all alone;

He went and hanged himself and then there were none.

| Edição em inglês (2011) ¹¹ | Edição em PTBR (2014) ¹² |
|--|--|
| <p>Ten little Soldier boys went out to dine; One choked his little self and then there were nine.</p> <p>Nine little Soldier boys sat up very late; One overslept himself and then there were eight.</p> <p>Eight little Soldier boys traveling in Devon; One said he'd stay there and then there were seven.</p> | <p>Dez soldadinhos saem para jantar, a fome os move; Um deles se engasgou, e então sobraram nove.</p> <p>Nove soldadinhos acordados até tarde, mas nenhum está afoito; Um deles dormiu demais, e então sobraram oito.</p> <p>Oito soldadinhos vão a Devon passear e comprar chiclete; Um não quis mais voltar, e então sobraram sete.</p> |

¹¹ CHRISTIE A. *And them there were none*, New York: Harper Torch, 2011, p.33s.

¹² CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p.28.

| | |
|---|--|
| <p>Seven little Soldier boys chopping up sticks; One chopped himself in halves and then there were six.</p> <p>Six little Soldier boys playing with a hive; A bumblebee stung one and then there were five.</p> <p>Five little Soldier boys going in for law; One got into Chancery and then there were four.</p> <p>Four little Soldier boys going out to sea; A red herring swallowed one and then there were three.</p> <p>Three little Soldier boys walking in the zoo; A big bear hugged one and then there were two.</p> <p>Two little Soldier boys playing with a gun; One shot the other and then there was One.</p> <p>One little Soldier boy left all alone; He went out and hanged himse'lf and then there were none.</p> | <p>Sete soldadinhos vão rachar lenha, mais eis Que um deles cortou-se ao meio, e então sobraram seis.</p> <p>Seis soldadinhos com a colmeia, brincando com afinco; A abelha pica um, e então sobraram cinco.</p> <p>Cinco soldadinhos vão ao tribunal, ver julgar o fato; Um ficou em apuros, e então sobraram quatro.</p> <p>Quatro soldadinhos vão ao mar; um não teve vez, foi engolido pelo arenque defumado, e então sobraram três.</p> <p>Três soldadinhos passeando pelo Zoo, vendo leões e bois, O urso abraçou um, e então sobraram dois.</p> <p>Dois soldadinhos brincando ao sol, sem medo algum; Um deles se queimou, e então sobrou só um.</p> <p>Um soldadinho fica sozinho, só resta um; Ele se enforcou, e não sobrou nenhum.</p> |
|---|--|

Na tabela 5, o trecho mostra que Mr. Blore faz notas de tudo que observa em uma caderneta e confere todo o grupo mentalmente; ele planeja o modo que irá se comportar frente aos outros convidados e o que dirá caso lhe sejam feitos questionamentos. Em seguida ele se lembra de ter visitado a ilha quando criança e é nesse trecho em que ele descreve a ilha como semelhante a uma cabeça gigantista e de lábios ‘negróides’, estereotipando o formato de modo preconceituoso esse trecho permanece nas edições de 1963, 1976, 1986). Quando Mr. Blore descreve o formato da ilha, ele remete ao formato de uma cabeça humana, devemos evitar repercutir estereótipos ao fazer assemelhar algo a pessoas. É importante evitar generalizações com base em gênero, raça, origem étnica, orientação sexual, religião ou qualquer outra característica que possa levar à discriminação. O uso de estereótipos pode perpetuar preconceitos, além de desrespeitoso para o leitor. Quando são projetadas diferenças entre indivíduos, são criados meios nos quais as desigualdades sociais surgem. A diferença também está na concepção de hierarquias que, com o passar do tempo, tornam-se marcas distintivas, ou

seja, um sinal para a identificação do outro, um signo de padronização ilusória. No entanto, é importante ressaltar que essas hierarquias e discriminações têm como única finalidade a segregação desses grupos. Delphy (2013)

Interpretamos essas discriminações como um indício de ignorância, pois elas limitam o outro a alguns poucos traços que se tornam sinédoque, representando uma parte pelo todo. Essa simplificação exagerada e estereotipada das pessoas conduz a um olhar distorcido da realidade e reforça estigmas e preconceitos. Contudo, é fundamental reconhecer a diversidade intrínseca à condição humana. Cada ser humano é único e possui uma riqueza de experiências, habilidades e concepções que devem ser valorizadas. Em vez de perpetuar as desigualdades e preconceitos, é necessário propiciar a inclusão, a igualdade de oportunidades e o respeito mútuo. A verdadeira força de uma sociedade consiste na sua capacidade de abraçar e celebrar a diversidade, reconhecendo que todos têm o direito irrefutável de serem tratados com dignidade e justiça. É por meio do diálogo, da educação e da conscientização que tornamos possível combater as desigualdades e criar um mundo mais inclusivo e equitativo para todos.

Nas edições mais recentes (2011 e 2014), com relação ao mesmo trecho é feita uma transposição do inglês para PTBR, ocorrendo uma equivalência nas duas línguas. Entretanto, com o intuito de eliminar a descrição racista das edições anteriores, optou-se pela retradução onde se substitui a palavra “N***” por *Soldier*. Houve também a omissão da parte em que o rochedo é comparado somente a uma cabeça, sem fazer referência a nenhum estereótipo, conforme mostra a tabela 5:

Tabela 5 – Mr. Blore lembra já ter visitado a ilha

| Edição em inglês (1963) ¹³ | Edição em PTBR (1976) ¹⁴ |
|---|--|
| <p>N*** Island. He remembered N*** Island as a boy. ...Smelly sort of rock covered with gulls – stood about a mile from the coast. It had got its name from its resemblance to a man’s head – a man with negroid lips.</p> | <p>Ilha do Negro. Lembrava-se de tê-la visitado em menino... Um rochedo malcheiroso, coberto de gaivotas, a cerca de uma milha da costa. Recebera esse nome por causa da semelhança com uma cabeça de homem — um homem de lábios negroides.</p> |
| <p>Edição em inglês (1986)¹⁵</p> | |
| <p>Indian Island. He remembered Indian Island as a boy... Smelly sort of rock covered with gulls stood about a mile from the coast. It had got its name from its resemblance to a man's head an American Indian profile.</p> | |
| Edição em inglês (2011) ¹⁶ | Edição em PTBR (2014) ¹⁷ |
| <p>Soldier Island. He remembered Soldier Island as a boy...</p> <p>Smelly sort of rock covered with gulls – stood about a mile from the coast.</p> | <p>Ilha do Soldado. Ele se lembrava de tê-la visitado ainda menino...</p> <p>Um tipo de rochedo fedido, repleto de gaivotas, a quase dois quilômetros da costa.</p> |

¹³ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p.14.

¹⁴ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.11.

¹⁵ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 14.

¹⁶ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p.16.

¹⁷ CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p.28.

Jakobson (1969) categoriza a tradução intralingual, que embora seja simples, serve de base para teorias complexas envolvendo os signos. O autor define que a Tradução intralingual ou Reformulação se refere à interpretação dos signos verbais utilizando signos da mesma língua, como acontece nas edições do livro de Agatha Christie das edições antigas para as mais recentes, ou seja, a princípio houve uma reformulação dos signos verbais na mesma língua para que o texto se adequasse aos padrões da sociedade atual.

A tradução intralingual, também conhecida como reformulação, exerceu um papel elementar na adaptação dos signos. Ao analisarmos as diferentes edições do livro de *And Then There Were None*, foi possível constatar a aplicação da tradução intralingual. Conforme o tempo avança e a sociedade evolui, é necessário que os signos verbais sejam reformulados para se tornarem compatíveis com os padrões e expectativas atuais. Nas edições mais recentes dos livros de Agatha Christie, observamos uma reformulação dos signos verbais presentes nas edições antigas. Isso aconteceu pois, a linguagem, as convenções e as referências culturais foram alteradas ao longo do tempo. Com o intuito de garantir que os leitores contemporâneos compreendam e se conectem com a história, os tradutores ou editores fazem ajustes e modificações na linguagem, estilo e expressões utilizadas.

Essa reformulação intralingual busca preservar a essência do texto original, mantendo a trama, os personagens e o suspense característicos das obras de Agatha Christie. No entanto, ela também visa tornar a leitura mais acessível e relevante para o público atual, adaptando elementos linguísticos e culturais que possam ter se tornado obsoletos. Essa prática de tradução intralingual reflete a natureza dinâmica da linguagem e sua relação com a sociedade. À medida que as gerações se sucedem, é necessário atualizar e reinterpretar os signos verbais para que eles continuem sendo uma ferramenta eficaz de comunicação e transmissão de ideias. Portanto, a reformulação, desempenha um papel vital na garantia de que os signos verbais sejam adequados e compreensíveis em diferentes contextos temporais e culturais, permitindo que as obras literárias continuem a cativar e envolver os leitores.

O trecho da tabela 6 trata da primeira vez em que os personagens avistam a ilha. Há uma descrição de como cada um estava se sentindo, uma descrição em particular nos chamou a atenção: quando a personagem Vera Claythorne mentalmente esboça a sua impressão do local comparando o formato da ilha a uma “gigantesca cabeça de negro”, o que nos leva a indagar sobre o motivo do estereótipo. Por que não apenas uma gigantesca cabeça?

Nas edições de 2011 (em inglês) e 2014 (em PTBR), a descrição de mau gosto é substituída por “uma gigantesca cabeça de um soldado”, posta de um modo que não causa

desconforto nem estranheza ao leitor, bem como fica nítido que essa alteração não afeta em nada o enredo do livro, pois se tratam apenas de alterações linguísticas.

Tabela 6 - A primeira vez em que os personagens avistam a ilha

| Edição em inglês (1963) ¹⁸ | Edição em PTBR (1976) ¹⁹ |
|---|---|
| <p>She had pictured it differently, close to shore, crowned with a beautiful white house. But there was no house visible, only the boldly silhouetted rock with its faint resemblance to a giant negro's head. There was something sinister about it. She shivered faintly.</p> | <p>Fizera dela uma ideia diferente, próxima da costa e coroada por uma bela casa branca. Mas não se via casa alguma: apenas a silhueta abrupta do rochedo, que lembrava vagamente uma gigantesca cabeça de negro. Seu aspecto era um tanto sinistro. Vera teve um leve estremecimento.</p> |
| <p>Edição em inglês (1986)²⁰</p> | |
| <p>She had pictured it differently, close to shore, crowned with a beautiful white house. But there was no house visible, only the boldly silhouetted rock with its faint resemblance to a giant Indian's head. There was something sinister about it. She shivered faintly.</p> | |
| Edição em inglês (2011) ²¹ | Edição em PTBR (2014) ²² |

¹⁸ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p.18.

¹⁹ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.16.

²⁰ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 22s.

²¹ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 24.

²² CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014.

| | |
|--|---|
| <p>She had pictured it differently, close to shore, crowned with a beautiful white house. But there was no house visible, only the boldly silhouetted rock with its faint resemblance to a giant head. There was something sinister about it. She shivered faintly.</p> | <p>Ela havia feito uma imagem diferente da ilha, próxima da costa e encimada por uma bela casa branca. Mas não havia casa alguma à vista, apenas a silhueta escarpada do rochedo, vagamente semelhante à gigantesca cabeça de um soldado. Seu aspecto tinha algo de sinistro. Vera estremeceu de leve.</p> |
|--|---|

Uma observação pertinente a se fazer é que para se resolver o impasse tradutório de uma obra do século XX foi feita, mesmo que de forma inconsciente, uma metodologia importante para que a obra tivesse uma melhor recepção no mercado atual. Quando contrapomos as primeiras edições com as edições atualizadas, percebe-se um percurso que se inicia com a tradução intralingual, a reformulação na mesma língua três vezes: na primeira edição foi utilizado o termo ‘N***’, na segunda o termo ‘*Indian*’, e na terceira, o termo ‘*Soldier*’. Este último permanece até o presente momento. Observamos que toda essa ação acontece por conta de uma mudança no polissistema literário. Verificou-se a necessidade de uma atualização para que o livro se adequasse aos padrões sociais contemporâneos, e como consequência final, foi feita a retradução para que houvesse uma nova difusão do livro com as expressões adequadas.

O teórico Even-Zohar considera que há uma tensão entre os sistemas que compõem o polissistema. O polissistema é composto por diversos sistemas literários interconectados, cada um com suas próprias regras, valores e cânones. Dentro desse cenário, a literatura não canônica geralmente está relacionada a sistemas periféricos, que são considerados marginais ou não dominantes em relação ao sistema literário central. Essa literatura muitas vezes procura conquistar a centralidade, ou seja, o reconhecimento e a legitimação dentro do sistema dominante. Essa busca pela centralidade acontece porque o sistema literário central exerce influência cultural e tem maior visibilidade e prestígio. No entanto, a literatura canônica, que é vista núcleo do sistema literário central, também sofre o impacto dessa tensão. A existência de uma literatura periférica forte, ou seja, uma produção literária diversificada e influente nos sistemas periféricos, induz a literatura canônica a se atualizar e a evitar uma cristalização.

“Os repertórios canonizados de um sistema qualquer se tornariam estanques muito provavelmente passado certo tempo, se não fosse pela competência dos rivais não-canonizados que ameaçam frequentemente substituí-los. Pela pressão que sofrem, os repertórios canonizados não podem permanecer inalterados. Isso garante a evolução do sistema, que é o único modo de conservá-lo.” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 8).

Sendo este o caso do livro *And then There Were None*, isso ocorre, pois, a literatura canônica não pode se isolar completamente dos sistemas periféricos; ela está continuamente em diálogo com eles e pode ser influenciada por suas características e inovações. Assim, essa tensão entre os sistemas literários, estimulada pela presença de um repertório periférico forte, contribui para a evolução constante do sistema literário como um todo.

O trecho a seguir trata do momento em que o Juiz Wargrave pergunta a Senhora Rogers sobre Constance Culmington, e ao saber que a tal senhora não viria, ele sussurra de forma maldosa, como pode ser conferido na tabela 5.

A expressão “*n*** in the woodpile*” que literalmente significa “*negro na pilha de lenha*” tem o intuito de dizer que algo é de procedência duvidosa. Foi utilizada nas edições de 1963, 1976 e 1986. Essa expressão foi popular no século XIX e não é comumente utilizada hoje em dia.

Na edição de 2011, foi utilizada a expressão “*fly in the ointment*”, que ao pé da letra significa “*uma mosca na pomada*”, expressando que há uma dificuldade, foi traduzido como “*um estraga prazer*”, “*uma mosca na sopa*” na edição de 2014. Deste modo, o sentido da história é mantido, que é uma tentativa de desvendar o enigma.

Tabela 7 - O Juiz Wargrave questiona a Senhora Rogers sobre a anfitriã

| Edição em inglês (1963) ²³ | Edição em PTBR (1976) ²⁴ |
|--|--|
| N*** Island, eh? There’s a n*** in the woodpile. | "Ilha do Negro, hem? Aqui há marosca." |

²³ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p. 27.

²⁴ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.25.

| Edição em inglês (1986) ²⁵ | |
|--|---|
| "Indian Island, eh? There's a n*** in the woodpile." | |
| Edição em inglês (2011) ²⁶ | Edição em PTBR (2014) ²⁷ |
| Soldier Island, eh? There's a fly in the ointment. | Ilha do Soldado, não é? Por aqui tem algum estraga-prazer pairando no ar, alguma mosca na sopa. |

O trecho na tabela 6 narra o momento após o jantar, quando todos estão descontraídos e, após algumas taças de vinho do porto, eles começam a conversar e se conhecer. O personagem Anthony Martson indaga de forma acintosa sobre os bonecos de porcelana dispostos na mesa, ressaltando a palavra “negros” e fazendo associação com o nome da Ilha. Na edição de 1986, o personagem faz referência a “*little china figures*”, que é uma expressão para “*pequenas figuras de porcelana*”, e na sequência faz menção ao nome da ilha que nessa edição é “*Indian Island*”, em PTBR, “*Ilha do Índio*”.

Nas edições retraduzidas, o termo deu lugar a “*soldadinhos*”, o que manteve o curso da história sem fazer nenhuma estereotipação.

Tabela 8 – Todos conversam após o jantar

| Edição em inglês (1963) ²⁸ | Edição em PTBR (1976) ²⁹ |
|---|--|
| Anthony Martson said suddenly: “Quaint, these things, aren’t they?” In the center of the round table, on a circular glass stand, were some little china figures. “N***” | Esquisitas estas coisas, não? — disse Marston de repente. No centro da mesa redonda, sobre um suporte circular de vidro, viam-se algumas figurinhas de porcelana. — Negros |

²⁵ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 36.

²⁶ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 38.

²⁷ CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p. 56.

²⁸ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p. 30.

²⁹ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.27s.

| | |
|---|---|
| said Tony. “N*** Island. I suppose that’s the idea.” | — disse Tony. — A Ilha do Negro. Creio que a ideia é essa. |
| Edição em inglês (1986)³⁰ | |
| Anthony Marston said suddenly: “Quaint, these things, aren't they?” In the centre of the round table, on a circular glass stand, were some little china figures. “Indians.” said Tony. “Indian Island. I suppose that's the idea.” | |
| Edição em inglês (2011)³¹ | Edição em PTBR (2014)³² |
| Anthony Martson said suddenly: “Quaint, these things, aren’t they?” In the center of the round table, on a circular glass stand, were some little china figures. “Soldiers,” said Tony. “Soldier Island. I suppose that’s the idea.” | De súbito, Anthony Martson disse: “Esquisitas essas coisas, não?” No centro da mesa redonda, sobre um suporte circular de vidro, havia umas pequenas figuras de porcelana - Soldadinho - disse Tony. - Ilha do Soldado. Acho que a ideia é essa. |

A tabela 9 apresenta o extrato de uma conversa entre a personagem Vera Claythorne e Emily Brent em que elas se indagam sobre supostos culpados e lembram que o senhor Lombard abandonou vinte homens para a morte. Vera fala com um certo desdém que “eram apenas nativos” e quando a Senhora Brent diz que independentemente da cor eles são nossos irmãos, Vera tem vontade de rir. Fica nítido o preconceito dos personagens nesse trecho. Pelo fato de o livro se tratar de crimes e investigação, consideramos descontextualizadas as falas racistas.

³⁰ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 40.

³¹ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 43s.

³² (CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p. 69s.

Outro dado observado nesse trecho é que em nenhuma das edições houve alterações. Acreditamos que por um descuido na edição. Sendo assim sugerimos uma atualização desse trecho em novas edições do livro.

Tabela 9 - Conversa entre a personagem Vera Claythorne e Emily Brent

| Edição em inglês (1963) ³³ | Edição em PTBR (1976) ³⁴ |
|--|---|
| <p>Vera said: "They were only natives..."</p> <p>Emily Brent said sharply: "black or white they are our brothers."</p> <p>Vera thought:</p> <p>"Our black Brothers - our black brothers. Oh I'm going to laugh. I'm hysterical. I'm not myself..."</p> | <p>Eram apenas nativos... — disse Vera.</p> <p>— Brancos ou pretos, eles são nossos irmãos — retrucou duramente Emily Brent.</p> <p>"Nossos irmãos pretos... nossos irmãos pretos", pensou Vera. "Oh! que vontade de rir! Estou ficando histérica. Não sou mais a mesma..."</p> |
| <p>Edição em inglês (1986)³⁵</p> | |
| <p>Vera said: "They were only natives..." Emily Brent said sharply: "Black or white, they are our brothers." Vera thought: "Our black brothers our black brothers. Oh, I'm going to laugh. I'm hysterical. I'm not myself..."</p> | |
| Edição em inglês (2011) ³⁶ | Edição em PTBR (2014) ³⁷ |
| <p>Vera said: 'They were only natives . . .'</p> <p>Emily Brent said sharply: 'Black or white, they are our brothers.'</p> <p>Vera thought:</p> | <p>— Eram apenas nativos...</p> <p>— Brancos ou pretos, são nossos irmãos — respondeu violentamente Emily Brent. "Nossos irmãos pretos, nossos irmãos pretos", pensou Vera. "Oh, que vontade de</p> |

³³ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p.70s.

³⁴ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.68.

³⁵ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986, p. 111.

³⁶ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 109s.

³⁷ CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p.152.

| | |
|---|---|
| <p>‘Our black brothers – our black brothers. Oh, I’m going to laugh. I’m hysterical. I’m not myself . . .’</p> | <p>rir! Estou ficando histérica. Não sou mais eu mesma...”</p> |
|---|---|

A tabela 8 apresenta o trecho do livro em que o Doutor Armstrong e Philip Lombard comentam as mortes de Anthony Marston e da Senhora Rogers, tentando investigar se seriam possíveis suicídios ou assassinatos e em seguida fazem uma conexão entre a semelhança das mortes e o poema, e então Lombard comenta de modo racista o trecho do poema, conforme se vê destacado nas edições de 1963 e 1976. Na edição de 1986, não houve alterações nessa parte e novamente se repete a expressão “n*** in the woodpile”, já comentada anteriormente na tabela 10. Reiteramos que esta expressão não é mais usada hoje em dia pelo teor criminoso.

No entanto, nas edições de 2011 e 2014, tal expressão foi removida dando lugar a “*Unknown Soldier*”, que literalmente quer dizer “*Soldado Desconhecido*”, mas que na edição em PTBR de 2014 foi repetida a expressão “mosca na sopa”, o que preserva o fundamento da história.

Tabela 10 - O Doutor Armstrong e Philip Lombard comentam as mortes

| Edição em inglês (1963) ³⁸ | Edição em PTBR (1976) ³⁹ |
|---|--|
| <p>“And therefore, another kind of n***. The n*** in the woodpile! X! Mr. Owen! U. N. Owen! One unknown lunatic at Large!”</p> | <p>— Donde se conclui que aqui há marosca! Temos outra espécie de negrinho, o Negrinho da Morte! X! O Sr. Owen! U. N. Owen! Um Lunático Desconhecido à Solta!</p> |
| <p>Edição em inglês (1986)⁴⁰</p> | |
| <p>"And therefore another kind of puzzle. The N*** in the Woodpile! X! Mr. Owen! U.N. Owen. One Unknown Lunatic at Large!"</p> | |
| Edição em inglês (2011) ⁴¹ | Edição em PTBR (2014) ⁴² |

³⁸ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p. 76.

³⁹ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p. 73.

⁴⁰ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 121.

⁴¹ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 118.

⁴² CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p. 162.

| | |
|---|--|
| ‘And therefore another kind of soldier. The Unknown Soldier! X! Mr Owen! U. N. Owen! One Unknown Lunatic at Large!’ | Conseqüentemente, aí está o enigma. A mosca na sopa x! Mr. Owen! U. N. Owen! Um lunático desconhecido à solta! |
|---|--|

Nesse trecho, o Juiz Wargrave exclui possíveis suspeitas devido à morte de três pessoas, e que o assassino estava entre os presentes. Nesse momento, o Juiz falava com Vera, Emily, Lombard, Blore e Armstrong. Nas primeiras edições, o juiz pede licença antes de se expressar de modo preconceituoso, tanto nas edições de 1963 e 1976, quanto na edição de 1986. Apresentamos na tabela 11.

Na edição de 2011 e 2014, há a substituição de “*negrinho fictício*” por “*soldadinho falso*”. A troca dos termos não altera a essência da história, mas remove a expressão maldosa, evidenciando a dimensão da retradução.

Tabela 11 - O Juiz Wargrave exclui possíveis suspeitas

| Edição em inglês (1963) ⁴³ | Edição em PTBR (1976) ⁴⁴ |
|--|--|
| <p>...Of those seven, one is, if I may so express myself, a bogus little n*** boy...</p> <p>... Emily Brent still knitting, said: "Your argument seems logical. I agree that one of us is possessed it by a devil."</p> | <p>Dessas sete, um é, se assim me posso expressar, um negrinho fictício. O magistrado fez uma pausa e olhou em torno de si... quanto aos fatos.</p> <p>...Emily Brent, sempre ocupada com o seu tricô, interpôs:</p> <p>— Seu argumento parece lógico. Concordo em que um de nós está possuído por um demônio.</p> |
| Edição em inglês (1986) ⁴⁵ | |
| <p>...Of those seven, one is, if I may so express myself, a bogus little Indian boy...</p> | |

⁴³ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p. 96.

⁴⁴ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.93.

⁴⁵ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 156s.

| <p>...Emily Brent, still knitting, said: "Your argument seems logical. I agree that one of us is possessed by a devil."</p> | |
|--|---|
| Edição em inglês (2011) ⁴⁶ | Edição em PTBR (2014) ⁴⁷ |
| <p>...Of those seven, one is, if I may so express myself, a bogus little soldier boy.' ...</p> <p>... Emily Brent, still knitting, said: 'Your argument seems logical. I agree that one of us is possessed by a devil...</p> | <p>Restam sete de nós. Dessas sete pessoas, uma é, se é que posso me expressar dessa maneira, um soldadinho falso.</p> <p>O juiz fez uma pausa e olhou em torno...</p> <p>...Emily Brent, ainda tricotando, tomou a palavra:</p> <p>— Seu argumento parece lógico. Concordo que um de nós está possuído por um demônio.</p> |

No próximo trecho em questão, os personagens preparam-se para se recolherem em seus quartos. Apreensivos, ressaltam que tranquem as portas e desejam que na manhã seguinte eles se encontrem sãos e salvos. O senhor Rogers observa o trancar das portas e decide esconder as figuras de porcelana fazendo uma piada de mau gosto, o que é exposto na tabela 10.

Não se falaria algo assim no polissistema literário em que estamos inseridos atualmente ou certamente haveria uma rejeição por parte do público. A simples modificação de *negrinho* e *indiozinho* para *soldadinho* já transforma algo inaceitável para algo admissível.

Tabela 12 - Os personagens preparam-se para se recolher nos seus quartos

| Edição em inglês (1963) ⁴⁸ | Edição em PTBR (1976) ⁴⁹ |
|---------------------------------------|-------------------------------------|
|---------------------------------------|-------------------------------------|

⁴⁶ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 150s.

⁴⁷ CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p. 207s.

⁴⁸ CHRISTIE A. *Ten little niggers*. Great Britain: Fontana Books, 1963, p. 114.

⁴⁹ CHRISTIE A. *O caso dos dez negrinhos*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976, p.111.

| | |
|---|---|
| <p>There was only one possible hiding-place in it, the tall wardrobe, and he looked into that immediately.</p> <p>Then locking and bolting the door, he prepared for bed. He said to himself: "No more n*** tricks tonight. I've seen to that..."</p> | <p>Só havia ali um esconderijo possível: o alto guarda-roupa, que foi imediatamente revistado.</p> <p>Feito isso, Rogers chaveou e trancou a porta e preparou-se para dormir, dizendo com os seus botões: — Esta noite não haverá brinquedos de negrinho. Já providenciei isso.</p> |
| <p>Edição em inglês (1986)⁵⁰</p> | |
| <p>There was only one possible hiding place in it, the tall wardrobe, and he looked into that immediately.</p> <p>Then, locking and bolting the door, he prepared for bed. He said to himself: "No more Indian tricks tonight I've seen to that..."</p> | |
| <p>Edição em inglês (2011)⁵¹</p> | <p>Edição em PTBR (2014)⁵²</p> |
| <p>There was only one possible hiding-place in it, the tall wardrobe, and he looked into that immediately.</p> <p>Then, locking and bolting the door, he prepared for bed. He said to himself: ‘No more china-soldier tricks tonight. I’ve seen to that . . .</p> | <p>Ali só havia um único esconderijo possível, o alto guarda-roupa, que ele, escolado, de imediato inspecionou minuciosamente. Depois disso, Rogers trancou a porta, fechou o ferrolho e preparou-se para dormir.</p> <p>Disse para si mesmo: — Por hoje chega de brincadeiras com soldadinhos. Esta noite já cuidei de tudo...</p> |

Consideramos que obras que “envelhece mal” precisam ser atualizadas e não banidas. Os recursos dos estudos da tradução possibilitam a adequação dessas obras. A literatura

⁵⁰ CHRISTIE, A. *Ten little Indians*. New York: Dodd, Mead & Company, 1986. p. 188.

⁵¹ CHRISTIE A. *And them there were none*. New York: Harper Torch, 2011, p. 179s.

⁵² CHRISTIE A. *E não sobrou nenhum*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p. 244.

desempenha um papel vital na sociedade, registra eventos passados, experiências humanas e narrativas que, sem a utilização de métodos de atualização poderiam ser perdidas ao longo do tempo. Obras literárias são fontes de conhecimento, educação e permite que a sociedade se desenvolva e evolua. Os livros históricos e literários são uma janela para o passado, permitindo que as gerações futuras compreendam e apreciem as realizações e os desafios enfrentados por aqueles que vieram antes. Desse modo é preciso que aconteça a preservação da cultura e história, no entanto, é primordial que não infrinja os direitos humanos. Não devemos perpetuar uma linguagem ofensiva e desrespeitosa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *And then there were none*, de Agatha Christie, conhecido no Brasil como “E não sobrou nenhum”, nem sempre teve esse título. O título original do famoso romance era, na verdade, "*Ten Little Niggers*" e em PTBR “*Os dez negrinhos*”. Contudo, as mudanças que ocorreram em edições posteriores foram a nível global e não apenas no título, mas em todo o livro foram feitas novas escolhas para alguns trechos e foi feita também a substituição do termo “N***” considerado extremamente ofensivo. O livro tem como base uma canção de ninar que desempenha um papel central na história.

O histórico polêmico do livro de Christie despertou o interesse em investigar o processo de atualização das obras de cunho discriminatório, mas com o direcionamento na análise de dados para o livro *And Then there were none* de Agatha Christie no par linguístico Português PTBR/Inglês. Para isso, realizamos uma exploração minuciosa das cinco edições do livro, com o objetivo de identificar trechos considerados racistas e avaliar as alterações realizadas em cada edição. Com base nos resultados obtidos, utilizamos os preceitos da teoria dos polissistemas de Even-Zohar em conjunto com os estudos descritivos da tradução de Toury para justificar os motivos pelos quais houve a necessidade de adequação do livro de Christie, dado que, são teorias que contemplam os processos de produção e recepção literária. É importante ressaltar que Zohar engloba a literatura como um todo e Toury faz o direcionamento para a literatura traduzida.

Compreendemos que as obras literárias não são entidades isoladas, elas são parte de um sistema maior de textos interconectados que estão em constante mudança. A concepção polissistêmica refere-se à rede dinâmica de textos literários e suas interrelações, incluindo a relação entre literaturas dominantes e periféricas. Uma das implicações observadas na teoria sistêmica é que as obras literárias não são fixas e imutáveis, mas estão sujeitas a revisão e reinterpretção com o passar tempo. Isso significa que os processos que envolvem as

publicações de livros podem ser vistos como uma forma legítima de se envolver com o polissistema e sua dinâmica de mudança. Desse modo, conclui-se que a decisão de atualizar ou não uma obra literária depende de uma variedade de fatores, incluindo sua natureza em si, as intenções do autor, o contexto histórico e cultural em que foi produzida e o público alvo.

Outro ponto fundamental constatado é que a atualização de uma obra pode significar recontextualizá-la, reinterpretá-la ou adaptá-la a novos públicos ou contextos culturais. É por esse motivo que inserimos uma terceira teoria, trata-se dos estudos sobre retradução de Berman e Gambier. A retradução é um método frequentemente aplicado na atualização de obras literárias consideradas racistas ou ofensivas, trazendo abordagens e padrões de tradução mais atuais. Na análise dos trechos observamos que este recurso foi usado para adequar a obra as mudanças culturais, sociais e também no contexto do antirracismo, sendo uma ferramenta valiosa para tornar as obras mais inclusivas.

Constatamos ainda que uma outra teoria dos estudos da tradução foi utilizada na atualização do livro; trata-se da tradução intralingual idealizada por Roman Jakobson, o conceito refere-se à prática de traduzir dentro do mesmo idioma, substituindo palavras ou expressões problemáticas por seu caráter racista ou discriminatório por outras expressões que transmitem o mesmo sentido, contanto que não tenham conotações discriminatórias.

Visamos neste trabalho aumentar a conscientização sobre a influência da linguagem em nossas percepções sociais e o impacto das decisões tomadas pelos produtores de literatura sobre os leitores e a sociedade em geral. É importante que continuemos a realizar pesquisas e nos concentremos em melhorar as práticas de tradução para garantir que nossos processos de intercâmbio cultural sejam justos e inclusivos. Este estudo chama a atenção para questões que comumente são negligenciadas. Esperamos que contribua para maiores discussões e avanços no campo dos estudos da tradução.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AMORIM, Lauro Maia. **Um Balanço acerca das Pesquisas sobre Marcas de Oralidade em Traduções de Ficções Literárias e de Best-Sellers de Ficção de Gênero e Novas Análises de Traduções da Literatura *Young Adult***. Brasília: Revista Belas Infiéis, 2022.
- ANDRADE, Mario de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- ARABIAN Nights**. Tradução de Malcolm C. Lyons. 3. ed. Londres: Penguin classics, 2008.
- BANKS, Lynne Reid. **The Indian in the Cupboard**. 3. ed. New York: Doubleday Books for Young Readers, 2010.
- BERMAN, Antoine. **La retraduction comme espace dela traduction**. Palimpsestes, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 4, 1990.
- BRASIL. **Expressões racistas: como evitá-las**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2022.
- BRITANNICA. **And Then There Were None film by Clair [1945]** <https://www.britannica.com/topic/And-Then-There-Were-None>. Acesso em: 26 mar. 2023.
- CHRISTIE, Agatha. **And then there were none**. New York: Harper Torch, 2011.
- CHRISTIE, Agatha. **As Dez Figuras Negras**. Lisboa: Asa, 2016.
- CHRISTIE, Agatha. **Convite para a Morte**. Tradução de Batista Carvalho. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.
- CHRISTIE, Agatha. **Dieci piccoli indiani. E non rimase nessuno**. Tradução de Lorenzo Flabbi. Ostiglia: Mondadori, 2020.
- CHRISTIE, Agatha. **Diez negritos**. Madri: Espasa. 2015.

CHRISTIE, Agatha. **Dix petits nègres**. Paris: LGF 2002.

CHRISTIE, Agatha. **E não sobrou nenhum**. Tradução de Renato Marques de Oliveira. 4ª. Ed. São Paulo: Globo, 2014.

CHRISTIE, Agatha. **En toen waren er nog maar ...** Amsterdã: The House of Books, 2015.

CHRISTIE, Agatha. **Ils étaient dix**. Paris: LGF 2020.

CHRISTIE, Agatha. **Letztes Weekend**. Tradução de Anna Katharina Rehmann-Salten. Berlin: Scherz, 1952.

CHRISTIE, Agatha. **No Início, Eram Dez...** Lisboa: Asa, 2020.

CHRISTIE, Agatha. **O caso dos dez negrinhos**. Tradução de Leonel Vallandro. 1ª Ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.

CHRISTIE, Agatha. **Ten little Indians**. New York: Dodd, Mead & Company, 1986.

CHRISTIE, Agatha. **Ten little n*****. Great Britain: Fontana Books, 1963.

CHRISTIE, Agatha. **Tien kleine negertjes**. Amsterdã: Poema-reeks, 1992.

CHRISTIE, Agatha. **Und dann gab's keines mehr**. Tradução de Sabine Deitmer. Berlin: Atlantik Verlag, 2015.

CHRISTIE, Agatha. **Y no quedó ninguno**. Tradução de Orestes Llorens. Madri: Espasa, 2022.

CRAIG, John Venter; Adams MD; Myers EW et al. **A sequência do genoma humano**. VOL 291. Revista Science, 16 fevereiro 2001.

CINEMA RETRO. **Review: "Ten Little Indians" (1989)**.

<https://cinemaretro.com/index.php?/archives/10907-REVIEW-TEN-LITTLE-INDIANS-1989-STARRING-DONALD-PLEASENCE-AND-FRANK-STALLONE;-KINO-LORBER-BLU-RAY-RELEASE.html>. Acesso em: 27 mar. 2023.

DAWSON, Ashley. **The Routledge Concise History of Twentieth-Century British Literature**. 1. Ed. New York: Routledge, 2013.

DELPHY, Christine. **L'ennemi principal. 2. /Penser le genre**. Paris: Syllepse, 2013.

DOYLE, Arthur Conan. **As três empenas: Um caso de Sherlock Holmes**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Livro Digital. Expresso Zahar, 2014.

ENDE, Michael. **Jim Knopf und Lukas der Lokomotivführer**. Berlin: Thienemann Verlag, 2004.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Polysystem Studies: Introduction; The Position of Translated Literature in the Literary Polysystem**. USA: Poetics Today, 1997.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **The position of translated literature within the literary polysystem**. In: VENUTTI, Laurence. *The translations studies reader*. London: Routledge, 2005. P.199 –204.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos Polissistemas**. Revista Translatio, v.4, p. 2-21. Porto Alegre, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice (2011). **Resiliência como resistência na escrita de Ana Maria Gonçalves**. IN: BOLAÑOS, A.; ROJAS, L.B. (orgs.) *Vocês negras de las Américas; diálogos contemporâneos/Vozes negras das Américas; diálogos contemporâneos*. Rio grande: FURG, p. 275-288.

FILHO, José Ahirton Batista Lopes. **Uma Nova Era para os Jogos Point and Click: Como a Realidade Virtual pode dar Nova Vida aos Jogos de Aventura**. São Paulo: Researchgate, 2017.

GAMBIER, Yves. **La retraduction, retour et détour**. Meta, Montreal, v. XXXIX, n. 3, 1994.

GAMBIER, Yves. Doorslaer, L. V. **Handbook of translation studies**. 4ª. Ed. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2013.

GAZETA DO POVO. **Educadores criticam veto a livro de Monteiro Lobato**. <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/educadores-criticam-veto-a-livro-de-monteiro-lobato-15uocp0ipd1kpwji2efegvkum/> acesso em: 16 de jan. de 2022.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro, Marco Zero: 1982.

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 270.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pos-modernidade**. tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A 2006.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. **As traduções de Agatha Christie no Brasil: considerações sobre a representação da oralidade e o pós-colonialismo**. *Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción*, 2014.

HERBERT, Rosemary. **Whodunit? A Who's who in Crime & Mystery Writing**. Londres: Oxford University Press, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IMDB. **O Vingador Invisível**. Título original: **And Then There Were None 1945**. <https://www.imdb.com/title/tt0037515/> Acesso em: 26 mar. 2023.

IMDB. **E Não Sobrou Nenhum**. Título original: **Ten Little Indians 1965**. https://www.imdb.com/title/tt0061075/?ref_=tt_mv_close Acesso em: 26 mar. 2023.

INVESTIGATIO. **And Then There Were None. A 2015 TV Adaptation (Lorraine Josse)**. <https://mastersfdl.hypotheses.org/438>. Acesso em: 01 fev. 2023.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KARNAL, Leandro; et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KASTAN, David Scott. **The Oxford Encyclopedia of British Literature**. 5ª Ed. United States of America: Oxford University Press, 2006.

KERSHAW, Ian. **Dez decisões que mudaram o mundo (1940-1941)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KING JR, Martin Luther. **I Have a Dream Speech, August 28 1963**. Washington: Negro History Bulletin, v. 31, p. 16-17, 1968.

LA PRESSE. **Dix petits nègres d'Agatha Christie change de titre**. <https://www.lapresse.ca/arts/litterature/2020-08-26/dix-petits-negres-d-agatha-christie-change-de-titre.php> Acesso em: 26 mar. 2023.

LEE, Harper. **To Kill a Mockingbird**. 1ª ed. New York: Perennial Classics, 2002.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting & the manipulation of Literature fame**. London and New York: Routledge, 1992.

LOBATO, M. **Caçadas de Pedrinho**. Ilustrações de Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2008.

MENDEZ, A. F. L. **A Teoria dos Polissistemas – Itamar Even-Zohar**. Disponível em <https://culturadetraveseiro.blogspot.com/2011/03/teoria-dos-polissistemas-itamar-even.html>. Acesso em 10 out 2022.

MORIA. **And Then There Were None (1974)**. <https://www.moriareviews.com/horror/and-then-there-were-none-1974.htm#masthead> Acesso em: 27 mar. 2023.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois coedição com Anita Garibaldi, 2014.

PASQUAL, Helena Barnes Rosa de; LOPES, Ana Lúcia de Souza. **Jogos e química: utilizando o jogo “e não sobrou Ninguém” como recurso didático**. São Paulo: Trama Interdisciplinar, 2022.

RANDO, Silvana. **Peppa**. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **Tien kleine negertjes**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/43689981-tien-kleine-negertjes> Acesso em: 02 de maio de 2022.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **O Caso dos Dez Negrinhos**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/24292912-o-caso-dos-dez-negrinhos> Acesso em: 02 de maio de 2022.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **Δέκα μικροί νέγροι**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/35901895> Acesso em: 02 de maio de 2022.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **Dix Petit Nègres**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/7200010-dix-petits-n-gres> Acesso em: 02 de maio de 2022.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **Dieci piccoli indiani**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/24106663-dieci-piccoli-indiani> Acesso em: 02 de maio de 2022.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **Und dann gabs keines mehr**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/29083845-und-dann-gabs-keines-mehr> Acesso em: 02 de maio de 2022.

RIVIÈRE, François; LECLERCQ, Frank. **And Then There Were None/ Sepuluh Anak Negro**. Goodreads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/15787811-agatha-christie> Acesso em: 02 de maio de 2022.

ROALD DAHL FANS.COM. **Politically Correct Oompa–Loompa Evolution** <https://www.roalddahlfans.com/dahls-work/books/charlie-and-the-chocolate-factory/politically-correct-oompa-loompa-evolution/> . acesso em: 18 de fev de 2023.

ROALD DAHL WIKI. **Charlie and the Chocolate Factory (1964)**. [https://roalddahl.fandom.com/wiki/Charlie_and_the_Chocolate_Factory_\(1964\)](https://roalddahl.fandom.com/wiki/Charlie_and_the_Chocolate_Factory_(1964)). acesso em: 19 de jan de 2023.

SOUSA, M. de. **CASCÃO. Cascão em o caso dos 10 porquinhos.** n.42. Rio de Janeiro: Globo/ Editora, 1988.

SEUSS, Dr. **If I Ran the Zoo.** United States of America: Random House, 1977.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies - and beyond.** Amsterdam: Editora John Benjamins, 2012.

TWAIN, Mark. **Adventures of Huckleberry Finn. Westminster:** Penguin Books, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus.** 471^a Ed. United States of America: Dover Publications, 1998.